

**PONTIFÍCIA UNIVESIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**CLAUDIA FLORES RODRIGUES**

**POR UMA PERCEPÇÃO MULTIANGULAR:  
A inserção da discussão sobre o envelhecimento  
na escola da vida e na vida da escola**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**CLAUDIA FLORES RODRIGUES**

**POR UMA PERCEPÇÃO MULTIANGULAR:  
A inserção da discussão sobre o envelhecimento  
na escola da vida e na vida da escola**

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juan José Moriño Mosquera

**Porto Alegre**

**2013**

**CLAUDIA FLORES RODRIGUES**

**POR UMA PERCEPÇÃO MULTIANGULAR:**

**A inserção da discussão sobre o envelhecimento  
na escola da vida e na vida da escola**

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera – PUCRS  
(orientador)

---

Profa. Dra. Soraia Napoleão Freitas – UFFM

---

Profa. Dra. Gilca Maria Lucena Kortmann –  
UNILASALLE

---

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus – PUCRS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Márcia Rodrigues, CRB 10/1411

R696p Rodrigues, Claudia Flores  
Por uma percepção multiangular [manuscrito] : a inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola / Claudia Flores Rodrigues. – 2013.  
134 f., enc. : il. ; 29 cm.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.  
Orientador: Prof. Dr. Juan José Moriño Mosquera.

1. Mulheres - Envelhecimento. 2. Mulheres - Psicologia. 3. Mulheres na Educação. 4. Professoras - Pesquisa. 5. Educação.  
I. Título.

CDU, 2. ed.: 159.922.6-055.2

Índice para o catálogo sistemático:

- |                              |                      |
|------------------------------|----------------------|
| 1. Mulheres – Envelhecimento | 159.922.6-055.2      |
| 2. Mulheres – Psicologia     | 159.9-055.2          |
| 3. Mulheres na Educação      | 37-055.2             |
| 4. Professoras – Pesquisa    | 37.011.3-051:001.891 |
| 5. Educação                  | 37                   |

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa às mulheres que assim como eu, buscam reconhecerem-se e serem reconhecidas através daquilo que somos e daquilo que podemos ser. Dedico às mulheres professoras, desejando que este trabalho lhes inspire no florescimento das suas potencialidades e no entendimento do envelhecimento como um processo vital que pode ser inserido nos diálogos da escola da vida e na vida da escola.

## AGRADECIMENTOS

Ao Pedro Antônio, semente de mim e fonte de inspiração para viver em plenitude e ser pessoa de verdade;

À minha família pelo carinho e apoio incondicional; aos meus pais que “cuidaram de mim” ao cuidarem do meu filho para eu estudar e buscar novos horizontes na minha profissão;

À minha prima Maria de Lourdes, pelo incentivo constante desde a minha meninice nas suas frases pontuais sobre a importância do estudo e o cultivo de valores perenes, mas principalmente pelo incondicional apoio afetivo sem o qual provavelmente teria desistido de investir na minha vida pessoal e profissional. Serei sempre muito grata;

À minha prima Maria Isabel, pelo carinho sincero e generoso e por todas as vezes que assentou em mim a necessidade de continuar a caminhada acadêmica para atingir meus objetivos;

Ao meu querido e amado Jarbas, companheiro de vida pelo incentivo diário e por compreender as minhas noites insones e as “preocupações delirantes” até a finalização da Tese;

Às minhas queridas avós, Branca e Esther (*in memorian*) e à Dinda Gladys (*in memorian*) pela força invisível e presente;

Ao meu amigo, Dr. Anderson Jackle pelas considerações assentadas na sua capacidade de compreender o humano. Jamais esquecerei a sua generosidade;

Aos professores, Dra. Soraia Napoleão Freitas e Dr. Claus Dieter Stobäus, cujos questionamentos ajudaram a encaminhar pontos importantes da pesquisa tornando-a ainda mais importante e significativa para o meu próprio crescimento pessoal;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera, incentivador das minhas coragens sempre que precisei que fossem maiores do que meus medos. Serei eternamente grata aos horizontes que o convívio com este mestre permitiu descortinar.

*Eros é o mais belo, e apresso-me a dizer por qual motivo:  
antes de mais nada, caro Fedro, por ser o mais jovem dos deuses e dessa qualidade  
ele próprio se encarrega de ministrar-nos uma  
prova evidente: é a de que fugindo, evita ser alcançado pela  
velhice, que inegavelmente é em si mesma rápida, como se  
depreende do fato de vir a nós mais depressa do que deveria.  
Eros, de conformidade com sua própria natureza, sente  
verdadeiro ódio à velhice e não suporta sua vizinhança, nem  
mesmo a grande distância.*

*Discurso de Agatão  
"O Banquete"  
Platão*

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi conhecer as expectativas e as percepções de mulheres professoras de um município próximo a Porto Alegre, RS, quanto ao seu processo de envelhecimento, além de verificar o uso ou não de estratégias para falarem do (sobre o) tema *envelhecimento* nas escolas onde trabalham. Desse modo, em um primeiro momento, busquei trazer à tona conceitos a partir do olhar empírico da pesquisadora através dos dados trabalhados e tidos como dados primários, que foram coletados no período de agosto a dezembro de 2012, por meio de entrevista semi-estruturada e observação com diário de campo. O segundo momento constituiu-se do convite aberto e da escolha dos sujeitos selecionados para esta pesquisa: seis docentes do gênero feminino, trabalhadoras em escolas da região metropolitana de Porto Alegre, que na época da pesquisa faziam Pós-Graduação em Gestão Escolar e Psicopedagogia sendo alunas da pesquisadora na disciplina de Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação. A faixa etária desse grupo, incluindo a pesquisadora, compreendida entre 40 a 45 anos, corresponde, de acordo com Mosquera (2012) à fase adultez média e média final. Para dar continuidade e sustentação teórica à pesquisa, busquei como referencial estudos sobre *envelhecimento*, *trabalho docente feminino* e *saúde*. O terceiro momento constituiu-se da observação através dos diálogos que surgiram nos encontros da disciplina, sempre impregnados de relatos que acabaram embasando os capítulos desta tese. Os dados coletados foram analisados com base na técnica Análise de Conteúdo. A partir das entrevistas e dos dados coletados através do diário de campo, surgiram outras categorias de análise que abordam o processo de envelhecimento e a relação deste com os processos de vida das docentes em questão. Foi possível, também, verificar como tais processos influenciaram ou ainda influenciam os seus cotidianos, no que se refere a trabalho, lazer, concepção de corpo e outros fatores percebidos de forma diferenciada por algumas mulheres, mesmo convivendo em contextos sócio-culturais similares. Como modo de coleta de dados, durante os encontros, que correspondiam às aulas do Pós-Graduação, havia a apresentação de um artigo ou de um vídeo previamente selecionado pela pesquisadora e posteriormente passava-se à discussão acerca do mesmo. Com isso, pode-se observar que a percepção de si representa um ideário estético estereotipado que acomete parte das mulheres participantes da pesquisa. Ao perceberem-se em processo de envelhecimento, vêm-se em busca da juventude perdida ou das experiências que não foram vividas. O apoio do companheiro ou da família demonstrou ser um atenuante para as alterações fisiológicas do processo de envelhecimento. A consciência das modificações corpóreas parece, para algumas, um meio de negar a própria sexualidade. O contexto social parece ser também um aspecto preponderante quanto à construção da própria imagem da mulher professora. No entanto, por outro lado, algumas delas revelaram ricas experiências quanto à legitimação da sua identidade no contexto psicossocial. Os temas abordados constituíram-se em núcleos de sentido: a mulher/pessoa no contexto social, a mulher/professora e a mulher em busca de espaços e estratégias para falar sobre o seu processo de envelhecimento. Assim, pode-se dizer que é na percepção do contexto biopsicossocial em relação a si e ao seu processo de envelhecimento, que essas mulheres professoras poderão discutir os assuntos de autoconhecimento em relação ao processo de envelhecimento a partir do espaço da escola. Para tanto, é preciso que existam estratégias e projetos e levá-los à escola, criando um espaço de amplitude e reconhecimento das suas fragilidades e potencialidades diante do tema envelhecimento. Agrego ainda que foi solicitado por mim, pesquisadora e docente da disciplina um trabalho final em que as alunas apresentaram verbalmente para o grupo, propostas/estratégias de falar sobre o tema Processo de Envelhecimento e Vida Adulta a partir da sua realidade, ou seja, no cotidiano da escola em que o tema pode ser debatido sob aspectos multiangulares. A complexidade do assunto em questão não se esgota neste trabalho de contexto científico, mas suscita um sentido de continuidade, posto que o conhecimento é constituído e assentado em um espaço horizontal. Será sempre necessário acrescentar, revisar e reescrever um assunto complementar,

Palavras-chave: educação; envelhecimento; feminino; docência.

## ABSTRACT

The aim of this study was to understand the perceptions and expectations of women teachers in a city near Porto Alegre, RS, regarding their aging process and to verify whether or not the strategies to speak of (about the) aging theme are used in schools where they work. Thereby, at first, one tried to bring up concepts from the researcher's empirical look through the worked data, regarded as primary data and collected from August to December 2012, by means of semi-structured observation and field diary. The second phase consisted of an open invitation and the choice of subjects selected for this study: six female teachers, working in schools in the metropolitan area of Porto Alegre. At that time, these teachers were doing a postgraduate course of School Management and Psychopedagogy, in which they had the researcher as their professor in the discipline of Sociological and Philosophical Foundations of Education. The age group of the teachers, including the researcher, ranged from 40 up to 45 years old and, according to Mosquera (2012), corresponds to the "middle adulthood" and "final mean". In order to provide continuity and support to the theoretical research, studies on aging, female teaching and health were used as references. The third phase consisted of the observation through the dialogues that emerged in the discipline meetings, always imbued with stories that ended up basing the chapters of this thesis. Collected data were analyzed using the content analysis technique. The interviews and data collected through field diary were also categories of analysis that addressed the aging process and its relation to the life processes of the teachers. It was also possible to see how these processes influence or affect their daily lives, in relation to work, leisure, body design and other factors perceived differently by some women, even living in similar socio-cultural contexts. As a mode of data collection, during the meetings/postgraduate classes, there was a presentation of either an article or a video previously selected by the researcher; this presentation was followed by a discussion about the topic. Therewith, one observes that self-perception is a stereotyped aesthetic ideal which affects part of the women participating in the research. Perceiving themselves in the aging process, they find themselves in pursuit of the lost youth and of experiences that have not been lived. Support from the partner or family proved to be a mitigating factor for the physiological changes of aging. The awareness of body changes seems to be, for some, a way of denying their own sexuality. The social context also seems to be a very important aspect regarding the construction of the female teacher own image. However, some of the research participants showed some rich experiences about the legitimacy of their identity in the psychosocial context. The topics covered by this study were divided in cores of meaning: the woman/person in the social context, the woman/teacher and the woman seeking for spaces and strategies to talk about her aging process. It was concluded that it is in the perception of the biopsychosocial context related to themselves and their own aging process that these female teachers will be able to discuss topics of selfknowledge related to the aging process from the school premises. Thus, strategies and projects that are to be brought to school are required, in order to create a space of amplitude and recognition of their weaknesses and strengths regarding the aging theme. The researcher -as professor of the postgraduate discipline – proposed a final assignment in which the students should present verbally to the group proposals/strategies to talk about the topics "Aging Process" and "Adulthood" from its reality, namely in everyday school life, where the topic can be discussed under multiangular aspects. The complexity of the subject is not limited to the scientific context of this study, but creates a sense of continuity, since knowledge is formed and seated on a horizontal space. It will always be necessary to add, revise and rewrite a subject complement.

Keywords: education; aging; feminine; teaching.

## RESUMEN

El objetivo de este estudio fue conocer las percepciones y expectativas de las maestras en una ciudad cercana a Porto Alegre, RS, con respecto a su proceso de envejecimiento y para verificar si es o no el uso de estrategias para hablar de (sobre) el tema del envejecimiento en las escuelas donde trabajan. Así, en un primer momento, hemos tratado de adecuar a los conceptos de la experiencia de trabajo del investigador a través de los datos primarios que fueron recolectados entre agosto y diciembre de 2012, por medio de entrevistas semiestructuradas y observación a través de diario de campo. La segunda fase consistió en la invitación abierta y la elección de las personas seleccionados para este estudio: seis docentes que trabajan en las escuelas de la región metropolitana de Porto Alegre, que en ese momento de la investigación hacían Posgrado en Gestión Escolar y Psicopedagogía, ellas eran alumnas de la investigadora en la disciplina de Fundamentos Sociológicos y Filosóficos de la Educación. La edad de este grupo, entre ellas la investigadora, entre 40 y 45 años, corresponde, según Mosquera (2012) la etapa de la edad adulta media y final. Para dar continuidad y sustentación a la investigación teórica, se utilizó como referencia los estudios sobre el envejecimiento, trabajo docente femenino y salud. La tercera fase consiste en la observación a través de los diálogos que surgieron en los encuentros de la disciplina, siempre impregnada de historias que terminaron basando los capítulos de esta tesis. Los datos obtenidos fueron analizados utilizando la técnica de análisis de contenido. De las entrevistas y los datos recogidos a través de diario de campo fue de otras categorías de análisis que abordan el proceso de envejecimiento y su relación con los procesos de la vida de los docentes embolvidos. También se pudo ver cómo estos procesos influyen o afectan su vida cotidiana, en relación con el trabajo, el laser, el diseño del cuerpo y otros factores percibidos de manera diferente por algunas mujeres, incluso viviendo en similares contextos socio-culturales. Como método de recogida de datos, durante las reuniones, lo que correspondía a las clases de posgrado, se realizó la presentación de un vídeo y un artículo previamente seleccionados por el investigador y más tarde pasó a la discusión sobre el tema. Con esto, se puede observar que la percepción de sí misma es un estereotipo que afecta a los ideales estéticos de las mujeres que participan en la investigación. Al darse cuenta en el proceso de envejecimiento, se encuentran en busca de la juventud perdida y las experiencias que no han sido experimentados. El apoyo de la pareja o de la familia resultó ser un factor atenuante para los cambios fisiológicos del envejecimiento. La conciencia de los cambios corporales parece, para algunos, una forma de negar su propia sexualidad. El contexto social también parece ser un aspecto muy importante con respecto a la construcción de su propia imagen de la maestra. Sin embargo, por otra parte, mostró algunas de ellas experiencias ricas sobre la legitimidad de su identidad en un contexto psicosocial. Los temas tratados se constituyeron en temas: mujer / persona en su contexto social, mujer / mujer maestra y la búsqueda de espacios y estrategias para hablar sobre su proceso de envejecimiento. Se llega a la conclusión de que es la percepción del contexto biopsicosocial en relación a sí y su proceso de envejecimiento, que esas mujeres maestras pueden discutir temas de sí mismo en relación con el proceso de envejecimiento a partir de las instalaciones escolares. Para ello, es necesario que existan estrategias y proyectos y llevarlos a la escuela, creando un espacio de amplitud y reconocimiento de sus debilidades y fortalezas ante el tema del envejecimiento. Fue solicitado por el investigador y profesor de la materia, un trabajo final que los estudiantes presentaron verbalmente con el grupo, las propuestas / estrategias para hablar sobre el tema Proceso de Envejecimiento y Vida Adulta a partir de su realidad, es decir, en el cotidiano de la escuela donde todos los días el tema puede ser discutido bajo aspectos multiangulares. La complejidad del tema no se limita al contexto científico de este trabajo, sino que crea un sentido de continuidad, ya que el conocimiento se forma y se sentó en un espacio horizontal. Siempre será necesario añadir, revisar y reescribir un complemento del tema.

Palabras claves: educación; envejecimiento; mujer (femenino); enseñanza.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Quadro 1</b> – Síntese das atividades desenvolvidas nas aulas. ....	63
<b>Quadro 2</b> – Apresentação dos dados observados pela pesquisadora e transformados em unidade de significado. ....	64
<b>Quadro 3</b> – Apresentação dos dados observados pela pesquisadora e transformados em unidade de significado. ....	101

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 AS JUSTIFICATIVAS E AS INTENÇÕES DO ESTUDO</b> .....	16
1.1 Justificativas do estudo. ....	16
1.2 Intenções do estudo. ....	16
1.2.1 Objetivo Geral. ....	16
1.2.2 Objetivos Específicos. ....	17
1.2.3 A Tese.....	17
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA</b> .....	19
2.1 A saúde da mulher na obra de Perrusi (1939). ....	19
2.2 O Envelhecimento Humano.....	22
2.3 A Adultez.....	26
2.4 Ser professora: uma escolha marcadamente feminina?.....	29
2.5 O envelhecimento e a mulher trabalhadora em Educação. ....	31
2.6 A Educação como meio de levantar questões sobre o processo de envelhecimento.....	33
2.7 A Teoria Humanista no contexto do envelhecimento.....	35
2.8 A Psicologia Positiva no contexto do envelhecimento .....	38
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	42
3.1 Caracterização do Estudo. ....	42
3.1.1 Critérios de Inclusão.....	44
3.1.2 Critérios de Exclusão .....	44
3.1.3 Caracterização dos participantes do estudo. ....	45
3.1.3.1 Participantes do estudo EA .....	45
3.1.3.2 Participantes do estudo EB .....	46
3.1.3.3 Participantes do estudo EC .....	46
3.1.3.4 Participantes do estudo ED .....	47
3.1.3.5 Participantes do estudo EE .....	47
3.1.3.6 Participantes do estudo EF .....	48
3.2 Procedimentos Metodológicos. ....	48
3.3 Desenvolvimento do estudo. ....	49
3.4 Coleta de dados e formas de registro.....	50
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	51
4.1 Encontro com as participantes do estudo: a partir de um curso de Pós-Graduação.....	52
4.2 A mulher que envelhece.....	65
4.2.1 O corpo .....	65
4.3 A Educação na construção identitária da imagem do feminino.....	67
4.4 A questão do envelhecimento: possibilidades de reconhecimento da pessoa .....	74
4.5 A fragilidade implícita na compreensão do envelhecimento. ....	77

4.6 Memórias: o tempo em palavras .....	81
4.7 Mulheres em suas vivências: relatos de vida. ....	86
4.8 Nos depoimentos: um olhar multifacetado sobre aspectos do envelhecimento feminino .....	90
4.9 Nas narrativas: o teor das suas lembranças. ....	99
4.10 A sexualidade.....	104
4.11 O Climatério pela visão das entrevistadas.....	108
4.12 Interpretação dos dados sobre envelhecimento presente nas falas das entrevistadas .....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>126</b>
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Informado .....	127
APÊNDICE B - Ficha de Contato .....	128
APÊNDICE C - Roteiro para realizar as entrevistas .....	129
APÊNDICE D - Ficha de transcrição .....	132

## INTRODUÇÃO

Ao participar das aulas do curso de doutorado em Educação, na condição de discente, elaborei uma série de apontamentos e observâncias que serviram para iniciar a escrita que ora compartilho. Espero poder contribuir com possíveis respostas às interrogações acerca do processo formativo ao longo da vida para que sejam observadas as escolhas pessoais e as escolhas do entorno (aquelas que acontecem na escola) a fim destacar a força da genialidade de poder compreender qual é o sentido de estarmos diante do outro na sua diversidade e na interação com o mundo.

Assim, busquei apresentar neste enredo introdutório o motivo pelo qual desencadeei uma série de questionamentos sobre a vida adulta e sobre o processo de envelhecimento – o meu e o da mulher professora. Devo dizer que nas páginas amareladas de um livro antigo, encontrei um manancial de ideias para serem levadas adiante e pensei que “ser feliz e querer estar bem parece não estar fora de moda”, visto que é um tema que precisa ser revisitado, estimulado e inspirado o tempo todo. No entanto, foi um modo de dar sentido a esta pesquisa: levantar uma hipótese e buscar meios de organizar cada estratégia usada para que sirva de ponto de partida para falar sobre o ser pessoa, o ser docente e os processos pelos quais passamos a viver de forma desafiadora desde o nascimento até a morte. No caso desta pesquisa, foi um livro amarelado, escrito há muito tempo, que serviu de pontapé inicial para eu falar sobre o envelhecimento da mulher. Neste caso, da mulher professora.

Na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), existe um livro pouco solicitado, porém muito interessante de autoria de Leonardo C. Perrusi publicado no ano de 1939 com o título: *La mujer: sus trastornos sexuales periódicos nerviosos y glandulares – causas y tratamientos – La juventud, la adultez y el climaterio* (tradução livre: *Mulheres: seus transtornos sexuais periódicos, nervosos e glandulares – causas e tratamentos – a juventude, a vida adulta e o climatério*). Nesta obra, o autor partiu de experiências vivenciadas por médicos em consultórios e hospitais argentinos e que os levaram ao convencimento

de que a mulher, em geral, ignora questões fundamentais acerca da sua sexualidade e da sua saúde.

O livro de Perrusi (1939) deflagrou meu interesse e minha intenção em realizar um estudo baseado no olhar de mulheres profissionais da área da educação à temas ligados ao envelhecimento do corpo e do entendimento das limitações sociais, culturais e biológicas que podem surgir com a idade e, a sua influência nas e, para as realizações pessoais.

Também, serviu como um meio de fazer uma ponte, uma via de mão dupla para dialogar com os autores Juan José Mouriño Mosquera e Claus Dieter Stobäus que, em seus trabalhos, englobam pesquisas com o assunto sobre educação, adultez e saúde e que acabam por chamar a atenção para o aspecto biopsicossocial do envelhecimento que é marcado por transformações variadas e progressivas, atuantes de maneira individual e singular ao longo da vida.

Passamos a registrar, nas últimas décadas, um significativo aumento da expectativa de vida e da longevidade humana, decorrente dos avanços tecnológicos, sociais, culturais e científicos que estão reconstruindo a própria história da humanidade.

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), a expectativa de vida ao nascer aumentou 25,4 anos somente nas últimas cinco décadas, correspondendo a 74 anos e 29 dias. Os mesmos revelam que a expectativa de vida das mulheres supera a dos homens. Em 2011, um recém-nascido do sexo masculino tinha 70,6 anos de expectativa de vida. Já para uma mulher o nível de expectativa se elevava para 77,7 anos (IBGE, 2012).

Segundo Santos (2011, p. 18), em termos de longevidade, as mulheres acabam por levar vantagens em relação aos homens,

[...] pelo fato delas levarem um estilo de vida menos arriscado que os homens, de terem atitudes mais preventivas, e de suas características de vida se apresentar de forma diferente, pois, normalmente realizam menos trabalhos pesados, fumam menos, se consultam mais com médicos quando sentem algum sintoma ou desconforto, fazendo com que vivam mais que seus parceiros.

E a tendência é de índices cada vez maiores, possibilitando o surgimento de um expressivo interesse da sociedade para temas ligados aos processos e aos mecanismos envolvidos no envelhecimento humano. Ao lado do debate sobre

envelhecimento e saúde, o presente estudo privilegiou-se a visão feminina do fenômeno e abordando os pressupostos e as ações que poderão ser levados à discussão no contexto escolar e que poderão fazer parte dos programas de promoção da saúde de profissionais da área da educação.

Mestres da antiguidade como o filósofo chinês Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) e Lao Tsé (entre o século IV a.C. – século VII a.C.) e os filósofos Platão, Aristóteles e Sócrates, na Grécia antiga, promoveram práticas educativas voltadas para o ensino de adultos, desenvolvendo um novo conceito, diferente do que dominava a educação formal. Neste período ocorreu também uma melhor entendimento sobre a aprendizagem, acabaram defendendo como um processo de investigação mental e não apenas como recepção passiva do conceito transmitido (OLIVEIRA, 2005, p. 22).

Para dar conta de responder às indagações da proposta de trabalho desta tese, dispus-me a ouvir e falar sobre as questões do envelhecimento através das aulas do curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar e Psicopedagogia.

A turma, em questão, era composta de quatorze alunas oriundas dos dois cursos de Pós-Graduação. A disciplina era obrigatória às duas turmas: Gestão Escolar e Psicopedagogia e, por ordem da mantenedora do curso, as duas turmas precisavam fazer juntas a disciplina Fundamentos Sociológicos e Filosóficos da Educação.

A professora contratada para ministrar as aulas foi a própria pesquisadora. Surgiu daí a oportunidade de realizar os convites e de coletar os dados. Os encontros aconteciam semanalmente e duravam em torno de 3h e 30m com intervalo de 30 minutos, aproximadamente. Primeiramente o lugar era em um prédio onde aconteciam aulas preparatórias para Técnicos em Enfermagem. A partir do segundo encontro as aulas passaram a ser em uma sala adaptada para as aulas em uma casa de festas da cidade. Com isso, pude apresentar temas que geraram certo desassossego às participantes, desde o primeiro encontro, como as questões do envelhecimento feminino, de forma a incentivá-las a adotarem estratégias para trabalhar a questão em seus meios escolares.

A mantenedora e promotora do curso é uma Faculdade com sede no interior do Rio Grande do Sul e deu liberdade à pesquisadora para organizar os temas dos conteúdos dentro da disciplina.

No momento em que passei a utilizar as aulas para falar sobre aspectos da formação da pessoa e do envelhecimento humano, pensei ser a disciplina de Aspectos Filosóficos e Sociológicos da Educação uma fonte inesgotável para a apresentação e a discussão de temas que vão desde a contextualização política, social e psicológica da educação.

Neste aspecto, o presente estudo está estruturado da seguinte forma.

A partir da Introdução, abre-se o capítulo 1 que é composto pelas Intenções do Estudo e suas Justificativas, o Objetivo Geral, os Objetivos Específicos para a compreensão da construção da pesquisa, a problematização e a Tese.

O capítulo 2 apresenta a Contextualização Teórica, composta por um conjunto de conhecimentos sobre o envelhecimento, a área da educação e a feminilidade, que constituem a base para o desenvolvimento do estudo.

No capítulo 3 é apresentada a metodologia, a caracterização do estudo e das participantes, os procedimentos metodológicos, evidenciando os critérios de rigor científico adotados.

O capítulo 4 traz a análise dos dados a partir dos materiais coletados durante a pesquisa, seguindo os métodos científicos qualitativos apresentados no capítulo anterior.

Em seguida as Considerações Finais, capítulo dedicado a alinhar reflexões suscitadas no processo de avaliação e, a partir delas, sugerir caminhos que potencializem avanços no campo da avaliação em promoção da saúde da mulher professora, gerando uma reflexão sobre as possíveis repercussões das ações, apresentadas em forma de análise dos resultados.

## 1 AS JUSTIFICATIVAS E AS INTENÇÕES DO ESTUDO

### 1.1 Justificativas do estudo

Uma investigação sobre como a mulher professora tem lidado com o seu processo de envelhecimento, pode ser um auspício de novos e melhores tempos. Sob esta ótica tema envelhecimento humano poderia fazer parte do contexto escolar e profissional, sendo debatido e fundamentado em pesquisas e modos de viver dos próprios sujeitos da Educação, motivando as pessoas para uma ampliação da compreensão sobre os sentimentos e percepções evocados por mulheres professoras em relação ao seu próprio envelhecimento.

### 1.2 Intenções do estudo

Espera-se que o conjunto de dados e reflexões aqui trazidos possa contribuir para maior visibilidade das ações educativas em uma ação conjunta com a saúde da pessoa e de seu valor para a educação ao mesmo tempo, que pondera sobre os limites e desafios das práticas de promoção da saúde. Desta forma, consciente da necessidade de uma ampliação da compreensão sobre os sentimentos e percepções evocados por mulheres professoras em relação ao seu próprio envelhecimento, desenvolveu-se o presente estudo numa abordagem **Qualitativa**, tendo como referência uma metodologia de natureza **Exploratória** em um **Estudo de Caso** com profissionais atuantes na área da Educação do ensino privado e/ou público de uma cidade na Grande Porto Alegre.

#### 1.2.1 Objetivo Geral

Diante das considerações realizadas, adotou-se como Objetivo Geral do presente estudo investigar os fatores que influenciam para o entendimento do processo de envelhecimento entre um grupo de mulheres que trabalham em escolas do setor de ensino público e/ou privado da Grande Porto Alegre.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Pretendeu-se também o alcance dos seguintes **Objetivos Específicos**:

- a) Analisar as expectativas e as percepções de mulheres professoras participantes da pesquisa, quanto ao seu processo de envelhecimento;
- b) Verificar as estratégias utilizadas no trato do tema envelhecimento no ambiente de trabalho das educadoras participantes da pesquisa;
- c) Verificar as principais questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento em um grupo de mulheres professoras da educação da rede de ensino rede pública e privada da Grande de Porto Alegre.

### 1.2.3 A Tese

A presente Tese pretendeu observar, analisar e apresentar as percepções de um grupo de mulheres professoras da rede de ensino pública e/ou privada na Grande de Porto Alegre sobre o seu processo de envelhecimento e que fatores influenciam seu cotidiano. Além disso, buscou verificar a existência ou não de programas ou de projetos sobre o processo de envelhecimento nas escolas onde estas trabalham.

Uma das análises que mais chamou atenção durante o estudo foi a face da mulher professora, mostrada como uma face menos recolhida ao lar, mas preocupada em mantê-lo na forma “pai, mãe e filhos”, porém, isso não a faz mais submissa ao homem mas sim aos padrões impostos pela sociedade que a circunda.

Saliento, contudo que para as mulheres entrevistadas, os comportamentos tidos como transgressores foram mais difíceis, uma vez que delas sempre foi cobrado um bom comportamento por parte da família e da própria sociedade, visto que todas nasceram e cresceram em cidades do interior.

Com isso, a gratificação em suas vidas vem de ganhos pessoais e familiares: formar-se, fazer um curso de especialização, continuar casada, ver os filhos crescerem e formarem-se. O envelhecimento, para estas mulheres, é uma fase da vida na qual pouco se pensa e obtem-se algum ganho mediante a cuidados com a saúde. A aparência física lhes importa mas não ao ponto de terem se submetido a algum tipo de intervenção, como a cirurgia plástica, embora sonhem com isso. O fator econômico as impede de fazerem por si aquilo que realmente desejam: ter além do que tem hoje e fazer mais por si, esteticamente.

Para Maslow (1970) é evidente a importância da gratificação de necessidades na motivação humana. Para este autor, o ser humano é marcado por uma dinâmica crescente de satisfação de necessidades. Estas diversas necessidades não se encontram todas ao mesmo nível, sendo possível estabelecer a seguinte ordem: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades de pertença e amor, necessidades de estima, necessidades de autorealização.

O trabalho inscreveu-se também na minha trajetória pessoal e profissional e nas marcas daquilo que sou e daquilo que poderei ser. A implicação desta Tese me remete a refletir sobre o meu cotidiano frente às minhas escolhas e demarca outras possibilidades. As experiências vivenciadas ao longo da minha vida pessoal e acadêmica vinham à tona sempre que eu dialogava com as mulheres entrevistadas.

Compreender a singularidade da docência e do envelhecimento feminino e viver prospectivamente retomam uma estreita relação com a minha formação inicial e se constituem de aprendizagens para que a ênfase na trajetória pessoal seja percebido como meio de falar sobre as questões que envolvem o envelhecimento sob um ponto de vista multiangular, democrático e livre de qualquer preconceito.

Do percorrido, há muito mais a percorrer. O fio itinerante e o desejo de conhecimento como uma das possibilidades do desenvolvimento pessoal e profissional é o caminho que busco para reafirmar minha identidade pessoal e profissional. Ouvir outras mulheres e compreendê-las nas suas narrativas foi um desafio de amplitude. Há um campo fértil a ser conhecido e a pesquisa, enquanto princípio formativo tem sido indicada como um dos axiomas para o trabalho de formação de professores.

Posso afirmar que é com base no entrecruzamento teórico-empírico que apresento, nesta tese, a possibilidade constante e contínua de conhecer o processo de envelhecimento que implica diretamente no processo de autoformação de cada pessoa, mormente a mulher professora.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Como referencial teórico considerei um conjunto de estudos sobre envelhecimento, saúde e concepções de corpo e trabalho feminino, que foram colhidos a partir de um livro publicado no ano de 1939 de Leonardo C. Perrusi, bem como demais autores que apoiaram esta pesquisa como por exemplo, Mosquera e Stobäus, Maslow, Carl Rogers entre outros, levando em conta o princípio do envelhecimento ativo, que é um processo de otimização das oportunidades para a saúde e a segurança, como meio de melhorar a qualidade de vida das pessoas ao longo do seu processo vital. Este termo foi adotado pela Organização Mundial de Saúde no final dos anos 90 e busca transmitir um enfoque mais abrangente do que “envelhecimento saudável”, e reconhecer, além dos cuidados com a saúde, outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (KATACHE, KICKBUSH, 1997, KATACHE, 1999).

### 2.1 A saúde da mulher na obra de Perrusi (1939)

[...] o envelhecimento é tido como um processo composto por transformações biopsicossociais, “respeitando o tempo e o ritmo de cada indivíduo e tem contribuições extrínsecas que colaboram para uma velhice ativa e saudável, como a educação, o acesso a serviços de apoio e adequação do contexto às suas atividades de vida diária dentre outros (NÉRI, 1993).

Trata-se de um livro publicado em meados do século passado, por um médico argentino preocupado em atender às demandas femininas na sua singularidade. Os escritos precisariam passar por cuidadosa revisão e atualização, mesmo assim, a não atualização deixa um claro desconforto para o leitor que passa a perceber que velhos estereótipos, conseguiram transcender pelos anos e permanecem agregados ao imaginário masculino e feminino na atualidade.

Em seus mais de vinte capítulos, o livro intitulado “La mujer: sus trastornos sexuales periódicos nerviosos y glandulares – causas y tratamientos – La juventud, la adultez y el climaterio”, oferece um conhecimento do organismo feminino, seus transtornos e enfermidades e os meios de se obter cuidados com a intimidade

partindo de uma análise biologicamente aceita pela sociedade da época, isto é, homem e mulher são seres diversos.

É como se o leitor pudesse embarcar em uma viagem e revisitasse lugares e tempos, desde a tenra idade. Não poderia faltar – e aqui é preciso levar em conta o viés sociológico do livro – a ideia da perfectibilidade feminina traduzida nas palavras do autor, referindo-se ao homem e à mulher quando deixam a infância e chegam à adolescência. Segundo Perrusi (1939, p. 10):

Son cada vez más distintos. La acción diferenciadora llega a su apogeo. El uno es un apuesto joven, varonil, gallardo, vigoroso y masculino. La outra es una graciosa jovencita, esbelta, delicada, primorosa y sobre todo, feminina.

Perrusi (1939) explica biologicamente o processo do climatério através de uma preocupação com a mulher, no sentido de reforçar suas potencialidades. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2008, p. 69), o climatério é definido como sendo “a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo”.

Para o autor (PERRUSI, 1939, p. 153),

La sensibilidad se modifica sin disminuir, haciéndose más realista y menos propensa a las manifestaciones románticas. Ello no implica forzadamente, la no existencia de un alto grado de espiritualidad capaz de traducirse en realizaciones de índole altruista [...].

Para os padrões da época, o conceito de climatério demonstra um grande avanço e agrega a capacidade sentimental e altruísta subsiste, porém a mulher evolui, tornando-se mais prática, mais realista.

Lax (1982) destaca que as mulheres acabam respondendo ao climatério de diferentes maneiras, algumas através de atitudes positivas e saudáveis, outras refletindo e desenvolvendo patologias.

Para Varella (2012),

[...] o diagnóstico do climatério leva em conta os sintomas, o exame clínico e alguns exames laboratoriais de sangue. Mamografia, Papanicolau, ultrassom transvaginal e densitometria óssea são exames complementares que devem ser repetidos com regularidade.

Um dos pontos que mais me chamou atenção na fala de Perussi (1939), foi o capítulo que trata da alma. Em sua explicação, o autor revela que o sistema

nervoso corresponde a uma espécie de diretor geral de toda a personalidade e, também, responsável por seu estado de saúde ou enfermidade. A saúde nervosa, em sua opinião, precisa combater os conflitos espirituais, os transtornos da alma ou os processos torturantes que estão submersos na personalidade inconsciente quando esta é agredida. Com isso, Perrusi (1939) declara haver uma considerável quantidade de pessoas que procuram por consultórios médicos apresentando transtornos depressivos e agrega que estes são conflitos espirituais cuja raiz se encontra nos recôncavos da alma. O interessante é que, o próprio autor, pergunta e responde sobre as atitudes que devem ser tomadas diante da enfermidade da alma que acaba por ser refletida no corpo.

Segundo este autor, remédios, estimulantes, fortificantes podem combater sintomaticamente, por exemplo, a dor de cabeça ou a insônia, mas o fundamental é justamente neutralizar ou fazer desaparecer a causa psicológica que desconcentra a personalidade, esgotando o sistema nervoso. Para isso, dedica um subtítulo do livro ao qual chama de: “El tratamiento de los conflictos del alma” (p. 260-4). A primeira medida curativa para os conflitos espirituais que deprimem ou afetam o sistema nervoso, seria compreender claramente a dor, seu mecanismo e sua nociva repercussão. Melhor dizendo, conhecer a si mesmo, numa visão socrática voltada para o bem-estar, para o bem viver. Com isso, o autor também aproveita para, de certa forma, “receitar” uma ação vigorosa para a tonificação do sistema nervoso e indica dois tipos de tonificação, a direta e a indireta.

A primeira sugere uma higienização geral (banhos, passeios, ginástica), bem como uma medicação neurotônica (química, vitamínica, glandular), uma alimentação antioxidante e estimulante e um repouso nervoso levando em conta o clima.

A segunda indica evitar intoxicações internas e externas, reforçar o sistema imunológico e evitar situações traumáticas, tanto físicas quanto psicológicas.

Através da leitura do livro de Perussi (1939), pude verificar que naquela época já eram trazidas noções de Qualidade de Vida, preocupação existente também na atualidade e que podem ser discutidas aos espaços escolares. São cuidados de si que perpassam conceitos sobre sexualidade humana e saúde física e mental. São modos de ser, viver e envelhecer com dignidade e amor a si próprio. Contudo, mesmo que o tema do processo de envelhecimento seja antigo, talvez seja pouco discutido nos ambientes escolares.

Agrego ainda que cada capítulo a seguir foi escrito pensando na mulher em sua esfera biológica, sociológica e psicológica, na tentativa de pensar sobre o feminino e falar sobre questões atuais entrelaçadas a tempo passado.

## 2.2 O Envelhecimento Humano

Seria interessante observar que, na medida em que o adulto se pergunta pelo significado da sua vida, implicitamente está perguntando qual é o sentido profundo da história. Pois somente o homem é capaz de fazer história e a história é verdadeira na medida em que existem homens para narra-la (MOSQUERA, 1987, p. 152).

Temos vivenciado uma revolução iniciada nos grandes e progressivos avanços das ciências ocorridos no século XX e que gradativamente estão possibilitando o surgimento de um novo e abrangente horizonte para os limites da longevidade humana.

O aumento da expectativa de vida da população mundial está levando a sociedade a refletir sobre as mais diversificadas abordagens que compreendem o envelhecimento. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011) classifica como idoso todo indivíduo com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos, residente nos países desenvolvidos e com sessenta anos, ou mais, aqueles que residem em países em desenvolvimento, que é o caso do Brasil.

Segundo Zimerman (2000, p. 23),

O segredo do bem viver é aprender a conviver com essas limitações. [...] é entender, aceitar e lutar para que esses problemas sejam diminuídos com exercícios físicos, com caminhadas, [...], exercícios de memória, bons hábitos [...].

O avançar dos anos trás consigo o dar-se conta gradual da limitação de tempo e de finitude. O envelhecimento é um processo universal e, ao mesmo, tempo dinâmico e contínuo (CARVALHO, 1996). Acompanha o desenvolvimento de todos os seres vivos e único, para cada ser vivo que responde as alterações de formas diferentes, abrangendo de forma integral e inter-relacionada, o campo da biologia, da psicologia e da sociologia (ZIMMERMAN, 2000).

Segundo Vitola e Argimon (2003, p. 97):

As pessoas não envelhecem todas da mesma maneira. A par dos fatores genéticos que determinam muito do processo, tem-se claro que não é igual envelhecer no feminino ou no masculino, sozinho ou no seio familiar, casado ou solteiro, viúvo, divorciado, com filhos ou sem filhos, na zona urbana ou rural, ativo ou inativo.

Culturalmente, o entendimento do que é o envelhecer tem sido percebido, desde as mais antigas civilizações, como um mal a ser combatido, como se fosse uma doença que seca, enruga e enfraquece.

Para Simone de Beauvoir (1990), não há uma reciprocidade entre a sociedade e o velho. Há uma espécie de ausência de olhar que denuncia o fracasso civilizatório. A sociedade fecha-ainda-os olhos para o velho, para os jovens delinquentes, para os deficientes e para as crianças abandonadas.

É bem possível que, na atualidade, pelo entorno midiático precisemos parecer cada vez mais jovens do que realmente somos.

A mídia, contudo, é um dos meios que mais contribui para uma distorção da imagem do envelhecimento, através da apresentação, do apelo, do desejo e da supervalorização da juventude do corpo como se tal condição fosse a principal forma de se obter felicidade, o que, por fim, reforça ou, até mesmo cria um sentimento de medo e de angústia para a velhice, como se esta representasse um castigo.

Na infância, quando lemos ou nos contam histórias infantis, a protagonista geralmente é bela e jovem. Crescemos e recorremos as histórias transformando nossos viveres em cenários arregimentados e formatados por *fôrmas* de ser pessoa inspiradas em padrões estereotipados a partir do efêmero. Ao “*espelho, espelho meu*” pergunta-se o óbvio: “*Há no mundo alguém mais bela do que eu?*” *Provavelmente sim*, responde ele, sem dó nem piedade: Cada pessoa é extremamente e bonita e única a seu modo, com suas características e peculiaridades.

O espelho das histórias infantis poderia ter uma fala mais longa. Restringe-se por anos a fio a uma resposta curta e incompleta: “*Sim, há no mundo alguém... Ela chama-se Branca de Neve*”. Muito bem, para cada menina, há uma Branca de Neve. Pergunta-se: e para cada mulher, adulta, cujas experiências são únicas, quem existe?

Os espelhos padronizados poderiam ser contextualizados à uma sociedade que tem alienado a mulher dos seus próprios valores na questão do envelhecimento.

Na Educação provavelmente existam muitas mulheres fazendo diariamente inúmeras perguntas aos seus espelhos. São perguntas férteis para espelhos sociais que parecem ser estéreis.

Socialmente convivemos com cobranças desumanizadas que coabitam com o medo da perda do espaço no meio social ou a perda da capacidade de desejar e ser desejada, de amar e ser amada, de perder o posto dentro da família, da sociedade e do núcleo profissional em razão do maior acúmulo de idades.

Para Mosquera e Stobäus (2011, p. 18),

O envelhecimento ativo ou positivo, está intimamente relacionado ao bem-estar ou à satisfação com a vida, a ter qualidade de vida e competência e saúde para sentir-se bem dentro de um determinado ambiente.

A partir de tais pressupostos é interessante pensar em medidas que favoreçam a desmistificação do envelhecimento e que atuem para a maior compreensão da humanidade.

Atualmente, pode-se dizer que existe uma forte tendência ao desconhecimento do que realmente seja o envelhecer o que pode ter delineado o surgimento e uso mais frequente de eufemismos para se referir ao mais velho cronologicamente, como: “o idoso” ou “pessoa de idade”.

Segundo Mosquera (2003, p. 52), o conhecimento

[...] é o fator mais significativo para o mundo do futuro e este conhecimento terá de ser cada vez mais democratizado e valorizado, como forma de convivência na qualidade de vida das pessoas.

No presente estudo, os termos a serem utilizados para fazer referência à pessoa com idade cronológica entre 40 e 45 anos serão os estabelecidos pelos estudos de Mosquera (1987, p.2012), as expressões *Adulterez* e *Adulto Médio*.

De acordo com Maya (2003), o envelhecimento é um processo em que a sua qualidade está diretamente relacionada com a forma com que a pessoa satisfaz suas necessidades através do seu ciclo vital, ou seja, a pessoa é um ser cujas necessidades (múltiplas e interdependentes), relacionam-se em três contextos: na

relação da pessoa consigo mesma, na relação da pessoa com o grupo social e na relação da pessoa com o meio ambiente.

É provável que a satisfação das necessidades tidas como básicas sejam: comer, morar, aprender, que pode ser coadjuvante na condição da chamada “qualidade de vida”, por vezes, no bem estar social e para tanto, precisa de um olhar crítico e lúcido para que as ações sejam traduzidas em saúde e estados de felicidade ou ainda, na alternância de circunstâncias que fazem parte da vida sob eventos felizes e eventos tristes.

Segundo Mosquera (1987, p.116), o adulto de média idade, ao examinar a sua vida comum, essa vida banal, vivida de ilusões e de convenções, se sente profundamente sem explicação e é tomado de terror. Parece que a sua existência não apresenta significado, sente medo e não gostaria de estar aí, mas a responsabilidade se impõe e o arrasta.

É importante contudo, identificar que o bem estar do adulto pode estar integrado ao conceito de saber viver, como se fosse possível apreender as oportunidades das quais nascem conceitos e ideários de benefícios circunstanciados que chegam com as etapas da vida e que muito possivelmente transcendam o próprio corpo físico, justamente porque entre os eventos pelos quais a humanidade tem sido desafiada a enfrentar, encontra-se a questão do envelhecimento, um fenômeno de caráter universal com consequências para todas as esferas da vida.

Para Mosquera e Stobäus (2011, p. 19),

O funcionamento emocional-motivacional é também de grande significado, especialmente na atualidade, época em que se está estudando em profundidade o papel dos sentimentos, emoções e afetos.

O propósito de abordar o envelhecimento como um desafio atual de construção de uma sociedade mais democrática a partir da perspectiva humanista, pode agregar um sentido de estar ativamente no mundo de forma mais eficaz no enfrentamento das limitações como um tipo de sabedoria que não se encerra em fórmulas ou aforismos, por melhores que sejam, senão por um leque de possibilidades originais do nosso próprio sentido de ser pessoa, que pode ser compreendido como um modo de agir transformador com efeito, com a utilização da virtude e do melhoramento humano no sentido mais amplo. Para tanto, esta pesquisa apoiou-se em autores, como por exemplo, Carl Rogers, que foi uma das

grandes personalidades da Psicologia Humanista, pois desenvolveu sua teoria sob a perspectiva de que as pessoas se movem no sentido da saúde através de condições para o seu crescimento são criadas e restauradas. Além dele, Mosquera e Stobäus foram fundamentais para elucidar questões de pesquisa através de seus textos sobre o processo de envelhecimento, tema recorrente em suas pesquisas desde muito tempo atrás, a partir da década de setenta. Estes dois últimos autores tem contribuído enormemente para a pesquisa em Educação sob uma ótica multiangular e humanizada.

### **2.3 A Adultez**

Outro aspecto básico a ser assinalado consiste na consciência gerativa que se estrutura com o desenvolvimento e maturidade do adulto, fazendo com que as coisas adquiram sentido e verdadeiro valor. Não se trata de um problema didático, mas de um sentido maduro e objetivo que culmina com o crescimento da pessoa (MOSQUERA, 1987, p. 99).

Para falar sobre a questão das fases do desenvolvimento humano, abasteci-me das concepções de Mosquera (1987) e Mosquera e Stobäus (1982; 2006; 2012) e outros autores que foram sendo agregados ao longo da pesquisa, para estabelecer uma tomada de (re)conhecimento da necessidade de compartilhar com os profissionais da Educação uma melhor compreensão das fases da vida sob uma perspectiva sociológica, psicológica e fisiológica.

Segundo Mosquera e Stobäus (2006, p. 109),

Os educadores são pessoas que também estão em desenvolvimento e que precisam continuamente educar-se, para poder melhor educar. Isso nos leva a tentar conhecer a vida de docentes, através de seus depoimentos, bem como alguns aspectos que constituem o seu percurso profissional, intimamente unido à sua vida pessoal.

Diante de estudos desta natureza, as fases do desenvolvimento humano necessitam ser compreendidas através de sua multidimensionalidade.

Para Mosquera e Stobäus (1982; 2012), as fases da vida adulta podem ser compreendidas por períodos classificados como Adultez Jovem, Média e Tardia. A partir desta concepção Mosquera e Stobäus (1982, p. 98) esclarecem que:

[...] cada fase tem uma problemática específica, dividida em sub-problemáticas que atingem as pessoas em seus momentos decisivos ante seu próprio projeto vital e suas relações com os outros.

Dessa forma é importante dizer que a questão cronológica, que divide cada fase na vida adulta parece estar diretamente relacionada com o contexto social. Em sua classificação, Mosquera e Stobäus (1982) afirmam que a Adulter Jovem se subdivide em fase inicial denominada Adulter Jovem Inicial, com idade aproximada entre 20 e 25 anos; Adulter Jovem Plena que compreende a faixa etária dos 25 aos 35 anos e a Adulter Jovem Final, abrangendo dos 35 aos 45 anos de idade.

Segundo Mosquera e Stobäus (2012, p. 20), no momento atual, porém,

[...] podemos dizer que, com o aumento da expectativa de vida, a idade do ser humano tende a aumentar, podendo redesenhar-se a vida adulta da seguinte forma: adulto jovem – de 20 a 40 anos; adulto médio – de 40 a 65 anos; adulto tardio – de 65-75 anos a (praticamente como apontam as previsões para os próximos anos) 100-120 anos.

Na subfase Adulter Jovem Plena o adulto toma consciência da chegada em sua existencialidade adulta e procura por uma significância pessoal. No entanto, ao final da idade adulta jovem, o indivíduo vivencia situações que lhe atribuem o verdadeiro valor de sua existência e compreende, ou pelo menos idealiza, o que constituirá essa realização.

Com a chegada da Adulter Plena, a existência passa a ter o sentido e a forma sugere certa plenitude, porém outras nuances da vida lhes são apresentadas e, se por um lado experimenta a realização pessoal e por vezes afetiva também, por outro lado, o indivíduo tem que aprender a lidar com as limitações do corpo (MOSQUERA, STOBÄUS, 1982).

Para Mosquera e Stobäus (1982, p. 100), o fundamental é que “a pessoa se dê conta da importância que ela tem como ser humano”. Com esta prerrogativa, poder-se-ia desenvolver uma tese: como nos damos conta da nossa própria humanidade? Em que medida a sociedade e a própria educação nos enxerga como seres humanos? São questões aparentemente simples, mas que merecem respostas complexas e delicadas.

A Adulter Tardia pode ser compreendida como um período existencial, cujos desejos e realizações são possivelmente derrubados por uma cultura social intolerante. É uma fase da existencialidade humana em que transformações

biológicas acontecem de forma significativa, muitas vezes sendo limítrofe de avanços e realizações. Em consequência a este fato, a pessoa traz à tona as suas construções internas alicerçadas ao longo da vida, questionando suas escolhas e suas particularidades.

As divisões das fases da vida adulta são tidas, sob o ponto de vista cronológico (MOSQUERA, 1982), como circunstanciadas de acordo com o contexto social.

A fase Adulter Média é subdividida em Adulter Média Inicial (entre 40 e 50 anos), Adulter Média Plena (entre 50 e 60 anos) e Adulter Média Final (entre 60 e 65 anos). Por outro lado, a Adulter Velha compreende Adulter Velha Inicial, Plena e Final, que podem ser identificadas através das idades cronológicas, respectivamente, nas faixas de 65 a 70 anos, 70 a 75 anos e finalmente dos 75 anos de idade até a morte.

A ausência linear para e especificação das idades cronológicas divididas em fases da vida adulta, são permeadas por características maturacionais no âmbito psicológico, social e biológico, atendendo às manifestações e demandas sociais que variam de acordo com o lugar e o seu entorno. Em meio ao liame das representações pessoais existe uma forte configuração do social que comumente é atribuído ao fazer de cada pessoa ao longo da vida, através das suas relações inter e intrapessoal. Para Mosquera (1982, p. 96) *“cremos que entender o adulto é entender o fenômeno abrangente da sociedade que nos rodeia”*.

De fato, é possível dizer que o processo maturacional está estreitamente vinculado às experiências e à capacidade inerente ao ser humano de aprender ao longo da vida. Contudo, é preciso que a sociedade também ofereça meios de para a estruturação para de uma personalidade sadia, sob o ponto de vista social, psíquico e biológico. Para Mosquera e Stobäus (1984), as pessoas que apresentam um melhor nível de saúde tanto física quanto mental, denotam uma sociedade com tendências mais justas, mais equilibradas e coerentes.

Enquanto educadores, precisamos buscar alternativas para compreender a existencialidade, estruturando formas possíveis de falar sobre questões que permeiam a vida, neste caso a vida do adulto.

Mosquera (1982) afirma que o ser humano não pode ser visto como alguém delimitativo ou pragmático, mesmo que suas finalidades o levem a concepções de si ou do mundo. Para este autor, o ser humano é essencialmente subjetivo e a criação

da sua própria história o faz compreender que cada um dos aspectos por ele elaborado tende a levá-lo a um significado, mesmo que desconheça os desafios da sua própria existência, como um todo. As emoções positivas tornam o envelhecimento positivo e predispõe a pessoa a uma maior eficácia no controle e manejo do estresse (MOSQUERA, STOBÄUS, 2011, p. 19).

Assim, nesse contexto, o ser humano possui a consciência de sua humanidade, mas, frequentemente, precisa dos outros. É preciso anunciar que há consciência da nossa humanidade, mas precisamos do outro para legitimá-la.

Segundo Santos e Antunes (2007, p. 150),

A adultez, fenômeno do desenvolvimento humano, apresenta-se com novas responsabilidades, em novos referenciais de existencialidade, em novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana. Por ser a fase mais longa da existência do ser humano, merece especial atenção, mesmo porque há pouco tempo vem sendo entendida e percebida com tais referenciais.

A fase adulta traz consigo o ônus e o bônus de se estar vivo, no entanto, o consumismo exacerbado controlado pela mídia que exalta e glorifica a busca do corpo ideal, da vida ideal, acaba focando somente para aquilo que é material, deixando de lado o sentimento e o individual. No capítulo seguinte, um aspecto a ser pensado: falar sobre a escolha da profissão docente.

## 2.4 Ser professora: uma escolha marcadamente feminina?

*A quatro mãos escrevemos o roteiro para o palco de meu tempo: o meu destino e eu. Nem sempre estamos afinados, nem sempre nos levamos a sério.*

Lya Luft

Um dos fatores que contribuiu de forma marcante para justificar a feminização do magistério é a ideia de que se tratava de uma “vocação” construída pela moral oitocentista. Sobre este aspecto, Bruschini e Amado (1998, p. 7) declaram que:

Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado a ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas

ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente.

Com isso, é provável que a ideia da professora frágil, delicada e bonita estava vinculada a uma profissão que, quando exercida, passava a dar “credibilidade” para a condição feminina, pois até a década de 1930 era uma forma de emprego tida como única para o gênero feminino. Na melhor das hipóteses, a mulher tinha escolha: podia ser dona de casa ou professora. Verifica-se que a partir de então o trabalho docente refletiu historicamente sobre a feminização dessa profissão.

Foi Michael Apple (1998), o primeiro a definir a categoria de gênero como um elemento indispensável para a compreensão do trabalho docente. Para esse autor, ensino, classe e sexo são elementos indissociáveis e ainda sugere que o magistério feminino está relacionado a um processo de trabalho que se articula a mudanças nas relações de classe e patriarcais. Diante da feminilização da docência, o magistério provavelmente ainda seja visto como uma profissão tida como “um trabalho de mulher”, fato que não impede um *pensar sobre* outros prismas quanto ao status social e a condição da mulher diante da sua profissionalidade.

Assim sendo, independente da questão de gênero, que é uma questão que perpassa o nosso cotidiano, o feminino pode passar despercebido no sentido de ser cuidado e apreciado diante das determinações e das implicações biologistas ou simplistas que relacionam o feminino ao sexo: masculino para homens, feminino para mulheres.

Scott (1990, apud SANTOS, 2008), afirma que o termo gênero indica “uma rejeição ao determinismo biológico” implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”, e reafirma o aspecto social das distinções fundadas entre os sexos. Nesses termos, é importante destacar que esta tese primou por contextualizar a mulher docente em seu feminino sem desqualificar a questão do gênero, que pode ser analisada dentro de um contexto ampliado, como fenômeno histórico e transformador.

Segundo Maciel (2008, p. 280-1)

Ser bela, jovem e magra tornou-se sinônimo de sucesso, o que, em última análise, leva a mulher a ter visibilidade, ser bem-sucedida e aceita em diferentes espaços sociais. [...] O mito da beleza traz implícito no seu receituário ingredientes tais como saúde, juventude, beleza/magreza.

É bem provável que na atualidade, milhares de mulheres professoras, trabalhadoras em educação, passem por desconfortos, provavelmente pela perda da autoestima e da autoimagem positiva, justamente por não atenderem à imagem midiaticizada idealizada para todas as mulheres. Segundo Mosquera e Stobäus (2012, p. 17),

[...] as condições pessoais e ambientais são muito importantes para a satisfação para a vida, o bem-estar subjetivo e, especialmente, a autorrealização, a autoimagem e a autoestima.

O fato de não ter uma imagem que corresponda à idéia pré-estabelecida pela mídia pode ter efeito sobre o pensamento da mulher sobre si mesma em relação ao seu corpo e às sua maneira de mostrar-se à sociedade como pessoa e como profissional. No capítulo a seguir, a intenção é justamente pensar e falar sobre a mulher que envelhece e que trabalha como profissional da Educação.

## **2.5 O envelhecimento e a mulher trabalhadora em Educação**

*Não vês que o olhar abraça a beleza do mundo inteiro? É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento. Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? O espírito do pintor de vê fazer-se semelhante a um espelho que adora a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.*

Leonardo da Vinci

Para compreender e administrar os processos de envelhecimento, da mulher trabalhadora em Educação, talvez fosse importante que esta conhecesse e participasse de projetos e pesquisas voltados para a discussão de temas que abordam esta problemática. Seria um auspício de liberdade saber lidar com as possibilidades e limitações do corpo e a necessidade de estabelecer um modo de ser integral e intencionalmente ligado aos cuidados do corpo e da mente.

Dessa forma, no exercício da escrita, tentei capturar as inúmeras possibilidades de conhecer as mulheres sujeitos da pesquisa e também mostrar-me a mesma enquanto mulher, professora, pesquisadora e tecelã de uma captura do

todo na composição de um tecido que sirva de abrigo para as interpretações das mulheres envolvidas na pesquisa e daquelas que virão a conhecer o que podemos coser juntas.

Clarice Nunes (1995, p. 54) aponta que o pesquisador,

[...] transita por um circuito múltiplo de instituições, tradições teóricas, fontes e resultados de pesquisa num esforço contínuo através do qual constrói seu campo de significação, isto é, constitui suas leituras, suas estratégias e táticas interpretativas. A pesquisa exige uma postura sistematicamente ativa que permite ao pesquisador construir um sistema de relações posto à prova na trajetória da pesquisa, mas também alargar seus limites de fato (que resultam das condições da própria pesquisa) e os seus limites de direito (aqueles que resultam das formas de conhecer e das teorias utilizadas).

Como podemos, então, tirar do papel nossos discursos e levá-los adiante em forma de projetos, de palestras e tantas outras medidas que acredito haver, para que a mulher trabalhadora em educação sinta-se mais pessoa, mais digna e mais plena? Sublinho que este poderia ser um dos assuntos a entrar nas pautas de reuniões de professores, antes mesmo de suas atividades docentes e, ainda, desenvolvendo planos de ação pedagógica destinada à adulez para que a Qualidade de Vida e de convivência seja acrescida daquilo que é fundamental: a consciência da nossa própria humanidade.

Assim, posso dizer que será sempre a Educação um meio para abordar questões que nos desassossegam e que podem servir de meio para reorganizar pensamentos e ações e transformar, de forma gradual e sistemática a realidade da mulher professora, dando-lhe mais apoio e assegurando-lhe meios de compreender-se enquanto pessoa.

## 2.6 A Educação como meio de levantar questões sobre o processo de envelhecimento

*Do que sei sou ignorante. Do que sinto não ignoro.*

*Não me entendo e ajo como se entendesse.*

Clarice Lispector.

A área da Educação em sua busca pela compreensão das relações humanas, não pode colocar-se como entidade solitária, senão como algo que pode unir-se em um pensamento focado na importância de ver através de diversos olhares.

Assim, o ato de educar deve possibilitar espaços que visem o surgimento de projetos e de cidadãos preparados para conviver e atuar dentro de uma sociedade não-discriminatória e, ao mesmo tempo, inclusiva.

Segundo Morin (2000, p. 99),

[...] não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições. [...] muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares.

A educação está organizada sob uma lógica econômica em que prepara o aluno para ingressar no mercado de trabalho. Gardner (1999, p. 22) coloca que a educação corresponde a um “[...] empreendimento muito mais amplo, envolvendo motivação, emoções, práticas e valores sociais e morais”.

A compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais. Esta formação poderia, igualmente, ser posta ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que se estenda ao longo de toda a vida (DELORS, 1998, p. 47).

Na minha meninice (e já alcanço os 42 anos), lembro-me que o Brasil era considerado “um país jovem” em que as pirâmides demográficas apresentavam altas taxas de natalidade. A preocupação do ensino e da pesquisa estava voltada para o

novo, em termos de idade cronológica. Naquela época, a escola já mostrava estar distante dos problemas sociais em relação à população idosa (WHITAKER, 2007).

No contexto brasileiro, mudanças significativas afetaram essas configurações sócio-históricas, como a baixa nas taxas, tanto de mortalidade quanto de natalidade, o que alterou de forma contundente a pirâmide demográfica que mostrou certa alteração sua forma piramidal, o que provavelmente fez emergir uma maior expectativa vida e maior longevidade. Não caberia aqui uma porção de dados para que o leitor pudesse sentir a força da longevidade atuando no conjunto da população.

O envelhecimento humano ocorre dentro de um quadro de modificações e circunstâncias sociais, culturais, psicológicas e biológicas que, inegavelmente transformam a vida de todos que envelhecem, ocasionando em determinados casos, sofrimento e privação.

Para Beauvoir (1976, apud MOSQUERA, 1987, p. 129), a sociedade ocidental, no que diz respeito ao tratamento dado aos velhos, gera uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar. O mesmo autor agrega que o problema do envelhecimento é um problema social. (MOSQUERA, 1987, p. 142).

Assim, sugiro pensar que o bem estar do adulto em seu processo de envelhecimento não está atrelado especificamente a riquezas, mas que é preciso levar em conta o valor da pessoa considerando as fragilidades crescentes nesta etapa da vida, porque existe a necessidade de fazê-lo sentir-se importante em torno de um bem-estar emocional, valorizando a sua experiência de vida que inclui o aspecto profissional também. Na minha opinião, a escola pode e deve ser um meio de promover um espaço para falar sobre a questão do envelhecimento e da dignidade da pessoa.

Para Mauk (2008), o Envelhecimento Ativo foi adotado pela Organização Mundial da Saúde no final da década de 1990 a fim de permitir a inclusão de outros fatores associados ao envelhecimento saudável. Essa estratégia é baseada nos Direitos Humanos das pessoas maiores e nos princípios das Nações Unidas de Independência, participação, dignidade, cuidado e auto-satisfação.

À medida que a pessoa envelhece, este tipo de estratégia requer uma mudança de pensamento baseada nas necessidades e não apenas nos direitos. Isso respaldaria o direito de um indivíduo de receber intervenções para que seja melhorada e respeitada a sua autonomia, independência e atividades. Neste prisma,

um envelhecimento ativo inclui estratégias que favoreçam a qualidade de vida, o que possivelmente ajude a diminuir a incidência de doenças crônicas, aumentando a participação do adulto nos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade. Contudo, tais intervenções necessitam de estímulos que podem nascer na própria escola. No meu ponto de vista, seria uma espécie de planificação, reconhecimento ou preparação para o processo de envelhecimento a fim de eleger estilos de vida mais saudáveis, porque toda a pessoa tem direito de manter-se saudável e ativo, principalmente de sentir-se valorizado e no pleno direito de tomar suas próprias decisões.

Para dar conta de intercambiar informações e transformá-las em conhecimento, o presente estudo contou com a articulação e da contextualização da formação da pessoa sob um olhar multiangular e, portanto, com vistas a desenvolver uma de visão mais humanizada a respeito de si e do outro.

Com efeito, as vozes das mulheres professoras passaram a ser ouvidas por elas próprias, como uma espécie de eco produtivo e positivo, aumentando o volume daquilo que realmente precisa ser importante: a música da vida cantada por elas, as mulheres professoras!

## **2.7 A Teoria Humanista no contexto do envelhecimento**

[...] Se estávamos razoavelmente seguros ao estudar a infância e a adolescência, nos encontramos, em princípio, bastante inseguros e cautelosos ante a vida adulta. Por isso a Perspectiva Humanista tem sido considerada, com a Psicologia Personalista, até agora a mais oportuna e coerente. A Perspectiva Humanista enfatiza o valor da pessoa, tentando focalizá-la com um todo (holística). Preocupa-se por compreender como os seres humanos vivem as suas experiências e levam adiante o seu processo vital (MOSQUERA, 1985, p. 26).

Neste cenário de pesquisa, busquei fazer uma leitura lúcida dos modos de ser pessoa dos sujeitos envolvidos sob um ponto de vista humanizado ou humanista.

Arrisco dizer que uma parte significativa das mulheres contemporâneas provavelmente sofra de uma visão turva e estereotipada sobre si mesmas. Ao oportunizar-se uma visão mais ampla e clara sobre as suas ações e pontos de vista, abre-se a oportunidade de conhecer as suas contribuições no cenário do envelhecimento da pessoa e do seu próprio modo de estar no mundo.

O sentido de expor os discursos das mulheres sujeitos desta Tese foi justamente coloca-lo-o discurso- num lugar próprio, dando uma espécie de honrabilidade a essa temática, tangenciando a possibilidade de criar núcleos de estudo dentro das escolas que podem ser formados a partir de estratégias de abordagem sobre o envelhecimento e a saúde da mulher professora. Diante disso, a Psicologia Humanista merece destaque nesta Tese para evidenciar a sua necessidade e a sua aplicabilidade.

É importante dizer que a Psicologia Humanista surgiu por volta da década de 50 e ganhou força nos anos 60 e 70. Ela surgiu para contrapor-se ao behaviorismo e a psicanálise, muito embora não tivesse a intenção de revisitá-las ou adaptá-las. Sua intenção estava eganjada em dar uma nova contribuição à psicologia.

Neste enfoque, a divergência à psicanálise se dava a partir do questionamento sobre a ênfase ao inconsciente nas questões biológicas ou eventos passados. Quanto ao comportamentalismo, a crítica da Teoria Humanista girava em torno de uma abordagem tida por ela como estreita, artificial e estéril.

O que os humanistas pretendiam era suscitar uma aplicação prática dos conceitos da fenomenologia existencial, gerando uma percepção mais aguçada do indivíduo sobre si e sobre o outro e com isso, uma maior facilidade e compreensão na resolução de problemas de ordem existencial. Esta teoria evidencia que o livre arbítrio e a espontaneidade aliados ao poder de criação da pessoa a leva ter um maior contato com a sua realidade íntima e a torna mais fluída, com propensão a dar maior significado à sua existência.

Interessa também dizer que a Teoria Humanista teve como principais teóricos Abraham Maslow (1908-1970) e Carl Rogers (1902-1987). O primeiro, considerado o mentor espiritual do humanismo, abandonou o comportamentalismo porque passou a acreditar na tendência inata que cada pessoa traz em si para se tornar autorealizadora.

As pessoas criadoras têm a capacidade de dar significado e sentido a muitos aspectos da vida e são férteis e prolíficas quando estruturam idéias ou as desenvolvem em produtos e obras que irão beneficiar a humanidade (MOSQUERA, 1997, p. 99).

O segundo autor, Rogers, teve seu trabalho fundamentado no valor do indivíduo. Sua experiência nasceu do tratamento de indivíduos emocionalmente

perturbados. Ele trabalhou com o conceito semelhante ao da autorealização de Maslow e defendeu a existência do autoconceito como sendo uma tendência inata que cada pessoa possui de atualizar potenciais e capacidades do eu como uma tendência atualizante e acreditava que podia ser um padrão organizado e consciente percebidos desde a infância.

A substância de ser uma pessoa consiste na particularidade do reconhecimento. Trata-se de um reconhecimento total, não parcelado, não diminuído e muito menos partido. O reconhecimento está na totalidade, mesmo nas regiões mais ocultas do self (MOSQUERA, 1987, p. 67).

Para Mosquera e Stobäus (1991), a educação tenta, de certa forma, suprir falhas no seu sistema, reformulando idéias e buscando informar construtivamente as pessoas. Assim, na opinião destes autores, uma educação mais voltada ao ser humano pode prepará-lo melhor para os enfrentamentos presentes e futuros. A Psicologia Humanista é fecunda na promoção de uma visão global, criativa e holística da pessoa. A criatividade é vista pela visão humanista como uma forma de buscar equilíbrio e melhora nas relações consigo e com os outros (MOSQUERA, STOBÄUS, 1991).

A pretensão de humanizar, na área da educação, precisamente ao falar sobre o processo de envelhecimento, objeto desta Tese, envolve um repensar no modo que a própria educação vem formando seus profissionais, independente da área de conhecimento.

Acredito, enquanto educadora e pesquisadora, ser possível empreender um processo de construção de novas políticas públicas voltadas à cronologia ou às relações de gênero e saúde a partir da escola e do espaço que ela pode promover. Contudo, o exercício de enxerga, requer um exercício de escuta. E esse desvelamento é um recurso para que se chegue ao fenômeno vital em sua essência, considerando a sua totalidade, na sua humanidade, o que consiste também na incorporação da criticidade diante do cotidiano.

No capítulo seguinte, a contextualização do envelhecimento sob aspectos da Psicologia Positiva, que, estando em consonância com a Teoria Humanista pode ser um modo de pensar no ser humano de uma forma muito complexa e positiva.

## **2.8 A Psicologia Positiva no contexto do envelhecimento**

Uma vez que se pretendeu levar, nesta Tese, a mulher professora a pensar sobre a importância da existência do autoconceito no processo de envelhecimento, provavelmente seja oportuno falar da importância da Psicologia Positiva como uma forma de concentrar esforços para assinalar a tendência inata de cada pessoa de atualizar potenciais e capacidades para seu desenvolvimento biopsicossocial.

Assim, este capítulo dedica-se a apresentar a Psicologia Positiva e tenciona levar a pensar sobre um posicionamento epistemológico que se apóie neste tipo de teoria para que o envelhecimento ganhe maiores e melhores contornos durante a vida da pessoa, neste caso, da mulher professora.

Na ótica de Seligman (2000), o precursor da Psicologia Positiva, a falta de rigor metodológico e a provável inconsistência dos resultados, podem ter servido para o enfraquecimento- e não na desqualificação-, na sua concepção, da Psicologia Humanista. Assim, Seligman e Csikzenmihalyi (2000) convergeram em discussões e aproximações teóricas conceituais entre a Psicologia Humanista e a Psicologia Positiva. Em análise, ambas não são contrárias, mas enquanto os estudiosos humanistas dividem-se em dois grupos: aqueles que questionam as proposições de Seligman (2000), como Resnick, Warmoth e Serlin (2001), Taylor (2001), outros como Pajares (2001) e Sollod (2000) compartilham de suas idéias e conceitos.

Assim sendo, esta tese procurou assentar-se na possível equilíbrio das duas teorias para fomentar discussões acerca da formação da pessoa e o seu desenvolvimento potencial ao longo da vida.

Para Hernandez (2003) é possível haver uma espécie de parceria e acolhimento entre as idéias do tempo presente entrelaçadas às ideias do passado e ainda, sugere haver uma necessária abordagem a essas relações através de estudos.

Na atualidade, os problemas que afligem boa parte da população mundial podem ser traduzidos em experiências negativas ou emoções negativas que sinalizam ser parte da maioria desses conflitos. Para Seligman (2000), em contrapartida, as emoções que geram positividade e felicidade, passam despercebidas, como se estivéssemos acostumados a ver somente o lado ruim de todas as coisas. Para este autor, a II Guerra Mundial, por exemplo, propiciou à ciência um estudo focado somente nas patologias. Nesse contexto, a psicologia tradicional se incumbia de tornar a vida das pessoas mais produtiva, curar doenças

mentais, além de identificar e criar talentos. Porém, no pós-guerra, pela necessidade de tratar veteranos, cresceu o índice de pesquisas na área da psicologia. A preocupação em tratar das patologias enquanto “prejuízo” do pós-guerra, fez aumentar o interesse por terapias para doenças mentais e, no sentido inverso, diminuiu o interesse dos estudiosos por investigações acerca da virtuosidade do humano. Assim como muitos psicólogos da época, Seligman dedicou-se a estudar as questões que levam o indivíduo à depressão. Nos seus estudos, Seligman evidenciou que muitas doenças mentais podiam ser tratadas através da psicoterapia e da farmacologia, no entanto, a psicologia se restringia apenas a oferecer meios para “concertar” o que estava “errado”, porém não investia em meios mais substanciais de ajudar as pessoas a prosperarem, a florescerem nas suas potencialidades. Assim sendo, Seligman encontrou em Csikszentmihalyi uma espécie de parceria para então iniciar o movimento pela Psicologia Positiva.

Assim, posso arriscar dizer que ao analisar o ser humano na sua integralidade, através da Psicologia Positiva, são estudadas também as necessidades baseadas em um princípio de realidade, como por exemplo, ajudar ao próximo, que pode ser entendido como compaixão, sem descontextualizar-se de aspectos sociais e históricos, além dos processos psicológicos próprios da vida humana. Agrego ainda, que na concepção de Seligman, o foco no desenvolvimento das virtudes humanas, possivelmente contribua na diminuição de danos causados por patologias advindas do estresse.

No entanto, esta teoria não se resume apenas em ajudar ao próximo, mas propositadamente busca fortalecer aspectos positivos, de competências humanizantes, contrariando a lógica de que é possível apenas corrigir deficiências.

Na opinião de Sheldon e King (2001), é um estudo científico apoiado em aspectos que são próprios do humano em um movimento de relacionar o que é comum na maioria das pessoas, fato que não visa descartar o que não é agradável, dissimular ou ainda, negar o sofrimento, mas justamente investigar de maneira científica *porque* a felicidade e o altruísmo são mais marcantes ou presentes em alguns determinados perfis de pessoa.

Em tese, isso tudo está relacionado às vivências do cotidiano, ao afeto dado e recebido, à superação de problemas, à educação e ao trabalho e pode ser discutido a partir da escola como espaço de aproximação e flocimento de ações positivas.

Assim, reforça-se a idéia de que no mundo do trabalho, especialmente e neste caso, da mulher professora, é preciso confrontar-se com um modo de pensar que seja contrario ao que comumente está atrelado ao desenvolvimento, ou seja, o trato de doenças ao invés de potencializar as características e as potencialidades singulares a cada pessoa. Sob o aspecto positivo, muitas mulheres professoras poderiam possivelmente compreender melhor a si mesmas como *pessoa* e utilizar-se do entorno para crescer positivamente mesmo em meio às adversidades do cotidiano.

Posso dizer que o aparecimento de estudos baseados nos aspectos virtuosos sejam uma porta de entrada para aspectos que precisam ser amplamente investigados de forma empírica através do rigor científico e encontre um modo ser permeado por estudos sobre a formação docente.

Viver a vida em plenitude. Este é o mote da perspectiva de Seligman (2003) que aponta três eixos importantes para dar suporte a este tipo de investigação, que podem ser: 1) a experiência subjetiva; 2) as características individuais (virtudes, força pessoal); 3) as comunidades e instituições.

A primeira, está relacionada ao bem-estar subjetivo e às experiências positivas vivenciadas (DIENER, 2000), e a aspectos ligados à felicidade e transcendência ou flow (NAKAMURA, CSIKSZENTMIHALY, 2002) e à esperança (SYDER, RAND, SIGMON, 2002) e ao otimismo (CARVER, SCHEIER, 2002); a segunda diz respeito às características de cada pessoa, sua capacidade para o afeto (HENDRICK, HENDRICK, 2002), e a capacidade de perdoar (MCCULLOUGH, WITVLIET, 2002), além da espiritualidade (PARGAMENT, MAHONEY, 2002), agrega-se ainda, o talento e a sabedoria (BALTES, GLUCK, KUNZMANN, 2002); finalmente, em relação à vida em grupo, o altruísmo e a vontade de tornar-se um cidadão melhor e mais engajado à sociedade levando em conta a tolerância, a ética (HANDELSEMAN, KNAPP, GOTTLIEB, 2002) e as virtudes cívicas (TURNER, BARLING, ZACARATOS, 2002).

Nota-se que os estudiosos citados também apoiaram seus estudos a outros estudiosos para escrever e pesquisar sobre os temas acima, contrariando um tipo trabalho solitário em que a leitura sobre o passado parece mostrar uma maioria de estudiosos sozinhos, na tentativa de provar aquilo que acreditavam poder mostrar ao mundo.

Estudos afirmam que vivemos um tempo de indivíduos que são singulares no seu modo de ser, mas totalmente plurais nas suas associações, levando em conta a necessidade de agir com o outro na interlocução saudável e epistemológica. É bem provável que esta perspectiva –de apoio e cooperação– esteja intimamente ligada aos preceitos da teoria de Seligman, que suscita pensar não apenas no si mesmo, mas no eu-você-eles/nós, apoiado na individualidade e no respeito mútuo.

É importante dizer o quanto é interessante pensar em meios humanizantes para que os aspectos da vida da pessoa, enquanto profissional e ser humano seja respeitado de constante na vida das escolas. As mulheres professoras, tema desta Tese, provavelmente chegariam a compreenderem-se de forma mais clara e mais positiva, cedendo espaço a um estilo de vida voltado à saúde e aos benefícios de um ciclo vital bem vivido.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização do Estudo

Este trabalho caracteriza-se por ser de natureza Qualitativa de cunho exploratório baseado em um Estudo de caso envolvendo profissionais voluntários do gênero feminino da área da Educação de uma cidade da Grande Porto Alegre. O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados e, portanto, compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520, apud NEVES, 1996).

Nesse sentido, de acordo com um tipo de prospecção que se deu através das questões de pesquisa previamente elaboradas com a intenção de investigar os fenômenos num contexto natural e em toda a sua complexidade. Pode-se afirmar que foi enfatizada “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 16).

Para Lakatos e Marconi (1991), todos os instrumentos metodológicos percebidos durante a pesquisa qualitativa podem ser selecionados associando-os à problemática que está sendo estudada, ou seja, de forma que os métodos e as técnicas flexibilizem-se à natureza do problema investigado.

Assim, esta pesquisa parte de questões norteadoras apresentadas na introdução deste trabalho, a citar:

- Conhecimento das estratégias adotadas por mulheres professoras da rede de ensino privada e publica relacionadas com o envelhecimento;
- Verificação das principais questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento um grupo de mulheres professoras da rede de ensino privada e publica;
- Análise da influência das questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento de um grupo de mulheres professoras da rede privada e publica em seu cotidiano.

Além do citado acima, é importante retomar aqui um ponto amplamente questionado pela pesquisadora e que fundamenta esta Tese: que fatores podem influenciar o entendimento do processo de envelhecimento entre um grupo de mulheres que trabalham em escolas públicas e privadas em um município da Grande Porto Alegre?

De acordo com Triviños (1987, p. 131), o pesquisador “tem a obrigação, se não quer sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas frente ao seu estudo”. Para Minayo (2006, p. 101), a investigação qualitativa,

[...] requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade [...]. Seus instrumentos costumam ser facilmente corrigidos e readaptados durante o processo de trabalho de campo, visando às finalidades da investigação.

Observa-se que quanto mais inserido estiver o pesquisador no meio em que se dá a questão da pesquisa, maiores oportunidades terá para constituir dados relevantes. Portanto, nesse caso foi necessário pedir aos depoentes que relatassem algo, sendo o mais espontâneo possível com relação ao que lhes ocorreu ao vivenciarem experiências relativas à questão de pesquisa.

A presença das participantes na pesquisa deu-se a partir de um convite verbal feito pela pesquisadora, que atua como orientadora educacional em uma escola da rede privada de ensino e como professora de um curso de Pós-Graduação em educação. Assim, no decorrer de uma aula de Pós-Graduação em educação cujo assunto era a questão da vida da professora enquanto pessoa.

A proposta consistiu em um o convite: Dentre as presentes, quisesse participar de uma pesquisa sobre a profissão do magistério e o processo de envelhecimento deveria falar com a professora ao final da aula, porém deveria ter idade cronológica entre 40 e 45 anos de idade. Após falar às professoras da proposta em participar como voluntárias de uma pesquisa com o tema o *envelhecimento e a vida da mulher professora*, foram distribuídos convites formais e por escrito. Assim, pela atenção ao rigor científico e o tempo necessário à análise dos dados, foram adotados critérios de seleção para compor a amostra.

### **3.1.1 Critérios de Inclusão**

Para que os interessados em participar da pesquisa pudessem fazer parte do estudo, foram adotados os seguintes critérios de inclusão:

- ser do sexo feminino;
- estar em atividade docente, durante o período em que a pesquisa estiver sendo realizada;
- possuir mais de dez anos de intervenção profissional no magistério;
- residir no município da Grande Porto Alegre , escolhido para a pesquisa, item adotado para restringir o alcance da amostra do Estudo de Caso e, facilitar o encontro da pesquisadora com as participantes;
- possuir idade cronologicamente entre quarenta e quarenta e cinco anos, condizente à fase adultez média descrita por Mosquera (1987; 2012).

### **3.1.2 Critérios de Exclusão**

Para melhor selecionar os interessados em participar da pesquisa, a pesquisadora elaborou critérios que, se atingíveis de forma verdadeira por qualquer participante, o mesmo não poderia fazer parte da amostra. Sendo os seguintes critérios de exclusão:

- ser do sexo masculino;
- não atuar em sala de aula;
- possuir menos de dez anos de intervenção profissional no magistério público estadual ou da rede particular;
- estar aposentado;
- possuir idade igual ou inferior à 39 anos;
- possuir idade igual ou superior à 46 anos;
- não residir no município de Porto Alegre;
- possuir doenças neurológicas ou degenerativas graves;
- não possuir tempo disponível para atividades de entrevista.

### **3.1.3 Caracterização dos participantes do estudo**

Com base nos critérios de inclusão e exclusão elaborados, o presente estudo trabalhou com uma amostra formada por seis (06) participantes do sexo feminino; residentes em um município da Grande Porto Alegre, profissionais da área da educação; não aposentadas; com idades entre quarenta (40) e quarenta e cinco (45) anos e, que desenvolvem sua prática profissional na rede pública e particular de ensino. Atendendo, assim, aos critérios solicitados para esta pesquisa.

Para preservar a identidade das participantes da pesquisa no desenvolvimento do estudo, as falas foram representadas a partir de uma nomenclatura própria. Cada professora foi nomeada, no presente estudo, com uma letra “E”, significando Educadora, acompanhada de uma letra do alfabeto de A até F, em ordem crescente, enumerada pela realização das entrevistas.

As professoras selecionadas pelos critérios pré-estabelecidos e que passaram a fazer parte da amostra do presente Estudo de Caso apresentam as seguintes características elaboradas em uma síntese descritiva que teve como objetivo servir de apoio à análise das entrevistas e dos dados observados pela pesquisadora.

#### **3.1.3.1 Participante do estudo EA**

A participante do estudo denominada EA foi considerada a mais engraçada do grupo. Gostava de fazer piadas sobre situações cotidianas. É gestora de uma escola de educação infantil e ensino fundamental e trabalha dois turnos. É casada e tem dois filhos adultos. Fez 42 anos de idade durante a pesquisa. A filha casou-se faz pouco tempo. Trouxe as fotos para mostrar ao grupo e salientou mais de uma vez a beleza da filha e sua juventude em frases como: “olha que coisa mais linda a minha filha. Bem jovenzinha. Linda, linda, linda!”. Apesar de seu esforço para manter-se saudável, como ela mesma fala, trata-se com medicação para problemas de coluna e tireoide. Alega não estar tão satisfeita com a vida como gostaria, pois o marido tem problemas psicológicos.

Contudo, se reveste de um aparente entusiasmo, muito embora tenha demonstrado cansaço físico e mental em três encontros. Na ocasião disse ter tido muito incômodo em casa e na escola. Não referendou muita coisa acerca da sua sexualidade. Vai regularmente ao médico, porém não cuida-se como gostaria. Declarou que após as entrevistas começou a pensar sobre aspectos que antes não

pensava, referindo-se ao processo de envelhecimento. Deixou explícito que gosta de viver e não teme às mudanças, somente à solidão.

### **3.1.3.2 Participante do estudo EB**

A participante do estudo denominada EB relatou que nos primórdios de sua criação e educação foram administrados pelos avós maternos. Posteriormente, passou a viver com os avós paternos, ainda na primeira infância. Coursou o magistério em razão do sonho em ser professora, chegando a lecionar, antes mesmo de ingressar no curso de pedagogia. Atualmente, sua vida está focada na criação de sua filha. Seu principal medo é não ver a filha crescer. Era a mais calada do grupo. Tinha certo receio de expor-se diante dos outros. Nossas conversas aconteciam nos intervalos, antes e depois de terminada a aula. Gostava de conversar “só nós duas”, como costumava dizer. Eventualmente fazia exercícios físicos e queixava-se estar acima do peso. Demonstrava receio em relação ao processo de envelhecimento, chegando a comentar que o tema a entristecia, pois para ela, envelhecer parecia “o fim de alguma coisa” e por isso desejava ter melhor qualidade de vida.

### **3.1.3.3 Participante do estudo EC**

EC: Se autodenominava como uma pessoa “toda pensamento e sentimento”. Era a mais pontual do grupo e observava todos os comentários, porém, escolhia o momento “certo” para se expor diante do grupo. Durante as entrevistas precisava sentir-se muito próxima à pesquisadora, tanto física como psicologicamente, como se esta precisasse lhe parecer muito “confiável” como brincou certa vez. Na época da pesquisa tinha 44 anos e uma filha adolescente. Durante uma das entrevistas, disse sentir-se realizada por ter conseguido vencer muitos obstáculos com o apoio da família. Um deles seria o fato de ter tido que “fechar os olhos e os ouvidos a comentários, na escola, que a pudessem colocar para baixo”, referindo-se à possíveis atos discriminatórios. É uma mulher que tem planos de lançar um livro infantil e demonstra estar atenta ao processo de envelhecimento embora tenha medo da solidão. Deixou sempre claro ter entrado no magistério por obrigação, mas com o tempo foi “apaixonando-se” pela profissão. Fisiologicamente parece ser a que mais cuida da saúde: não consome bebidas alcólicas, não fuma e gosta de caminhar.

### **3.1.3.4 Participante do estudo ED**

ED: Filha mais nova de três irmãos. Os pais separaram-se e isso ficou marcado em sua vida como algo “definitivamente negativo”. O marido é professor. Conheceram-se há vinte anos. Ela tem 42 anos de idade e diz “aprender diariamente que não podemos resolver conflitos quando se está brava.” Era a mais inquieta das entrevistadas. Havia sempre um numero expressivo de perguntas a serem feitas à pesquisadora, como por exemplo: “ como devo agir diante de tal situação...” sempre referindo-se ao modo de conviver com os demais. Trabalha um turno na escola e outro em um órgão da prefeitura. Prefere estar em casa em companhia da filha e do marido, embora goste muito de sair pelas ruas da cidade “caminhando sem destino” a fim de relaxar. Cuida da saúde indo ao medico ao menos uma vez ao ano. Em muitos momentos deixava transparecer certo temor em envelhecer, embora quisesse sempre falar sobre o assunto, como se fosse um “enfrentamento necessário”, pois para ela, envelhecer é sinônimo de rugas, pele sem brilho e desanimo e isso a assusta.

### **3.1.3.5 Participante do estudo EE**

EE: É mãe de três filhos. Casada. Gosta de estar em contato com as pessoas, embora muitas vezes sinta necessidade de estar sozinha. Percebe o processo de envelhecimento como algo que faz parte da vida, porém tanto a escola quanto as pessoas em seu entorno falam pouco sobre o assunto. Cuida da alimentação e percebe que precisa estar mais atenta à saúde como um todo. Se descreve como uma pessoa otimista. Durante os encontros/aula, buscava primeiro ouvir, depois expunha seu pensamento. Argumentava com clareza e chamava atenção pelo aspecto didático como expunha seus pensamentos.

### **3.1.3.6 Participante do estudo EF**

EF: É mãe de dois filhos. Gosta de informática e por isso foi convidada a trabalhar na equipe de informática do município, fato que a deixa muito orgulhosa. Parecia ser a mais otimista. Compartilhou com o grupo o fato de ter sido “esperada pelos pais” como se fora um menino. Isso a marcou profundamente. Na infância, teve muitas doenças e acredita que é otimista porque sempre precisou pensar que “tudo iria ficar bem”. Repetiu, inúmeras vezes que faz somente aquilo que lhe traz felicidade e que o fato de envelhecer pode ser um jeito de transmitir algo bom às pessoas. Embora acredite que é preciso envelhecer com saúde e disposição, relatou que o fato em si a assusta um pouco, pois é algo que todo mundo passa um dia, basta estar vivo.

## **3.2 Procedimentos Metodológicos**

O procedimento principal constituiu-se de entrevista semi-estruturada e diário de campo. O caminho metodológico adotado neste estudo se destaca como um esforço que visou contribuir com a Educação. Portanto, tem a ver com a opção teórico-metodológica de abordagem da realidade que compreende a estrutura da realidade social com um complexo constituído de outros diversos complexos que a razão deve reconstituir levando em conta as mediações, desvendando os processos nos quais o sujeito que envelhece e trabalha está inserido, reconstruindo seu movimento, suas relações reais e histórica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa em que foram selecionadas seis professoras atuantes em escolas há mais de dez anos, com faixa etária de 40 a 45 anos, fase que provavelmente ainda não acontece um total desinvestimento na profissão docente e por outro lado também não há um maior cuidado de si (HUBERMAN, 2007).

De porte da entrevista semi-estruturada como instrumento para coletar dados, ao conhecer a opinião das entrevistadas, outras categorias ou dimensões foram surgindo nas suas falas sobre a relação com o próprio corpo, com a saúde e com o envelhecimento.

As entrevistas foram norteadas pelo ponto de “saturação”. Melhor dizendo: a pesquisa foi sendo interrompida à medida que o nível de recorrência dos dados foi se elevando (GASKELL, 2003). Os dados da pesquisa foram realizados, primeiramente, através da “leitura flutuante” (MINAYO, 2006) das entrevistas transcritas, pois a partir desse ponto, obtive as impressões preliminares com o

objetivo de selecionar as primeiras tendências de achados. A seguir, analisei o conteúdo para a elaboração de possíveis categorias a partir de princípios de repetição e relevância, como propõe Turato (2003).

Para Bardin (2002), as mensagens exigem uma interpretação, pois tem um duplo sentido cuja significação profunda surge após uma observação cuidadosa ou uma intuição carismática. A mesma autora ainda diz que detrás de um discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, existe um outro sentido que convém desvelar.

A relevância do tema, que é complexo, pretende considerar fatores biológicos, psicológicos e sociais do processo de envelhecimento. Porém, esta importância se faz mais evidente ao se tratar das aulas de educação continuada também como espaço de problematização de assuntos sobre a questão do envelhecimento.

### **3.3 Desenvolvimento do estudo**

Por tratar-se de um estudo multidimensional que abrangeu aspectos biopsicossociais a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, para aprovação.

Após a aprovação, foram realizados os primeiros contatos e convites formais para que interessados pudessem participar do estudo.

A todos que atenderam a chamada ao convite, foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios e que os mesmos poderiam, a qualquer momento, optar pela desistência sem qualquer constrangimento ou questionamento.

Este estudo foi guiado eticamente obedecendo aos referenciais básicos da bioética, no que diz respeito ao anonimato, a não maleficência, à autonomia, a beneficência e a justiça, visando assegurar, desta forma, os direitos e os deveres da pesquisadora e dos participantes da pesquisa (BRASIL, 2002; KIPPER, 2006).

### **3.4 Coleta de dados e formas de registro**

A coleta de dados aconteceu através de entrevistas semi-estruturadas e diário de campo que permitiram a inclusão de perguntas esclarecedoras atribuindo significados, concepções, sentimentos e sensações que se expressam através do discurso (SANTOS FILHO, GAMBOA, 2001; SANTOS, CANDELORO, 2006). Segundo Triviños (2001, p. 86), a técnica possibilita que “[...] entrevistado e pesquisador, procuram construir um conhecimento relativamente comum para determinada realidade pessoal e coletiva”.

Outro instrumento utilizado foi a da observação participante, que possibilitou examinar os aspectos que eram considerados importantes para o estudo e abriu espaço para maior confiança e aprofundamento do diálogo entre as entrevistadas e a pesquisadora.

Tanto as entrevistas semi-estruturadas, o diário de campo quanto a observação participante, passaram a ser realizadas somente após o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa e a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Informado (Apêndice A), por cada interessada em participar como sujeito da pesquisa.

Por seguinte, o preenchimento de um formulário com informações básicas que serviu como um meio de contato (Apêndice B) para que a pesquisadora pudesse marcar as seções de entrevistas individuais com as participantes. Esse procedimento teve a garantia da confidencialidade e do anonimato, não permitindo, assim, a identificação de nenhuma das participantes.

Por seguinte, foram marcadas, por telefone, as datas para a realização das entrevistas (Apêndice C). Na realização das mesmas, foram gravadas em formato de digital (audio) com o objetivo de não apenas registrar a fala, mas também, investigar os dados por trás da linguagem e das expressões corporais (WEIL, TOMPAKOW, 2005).

Todos os materiais coletados foram devidamente analisados e serviram para a elucidação dos questionamentos da presente Tese de Doutorado em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bem como para elaboração e publicação de artigos científicos.

## 4 ANALISE DOS DADOS

Os dados coletados foram submetidos à técnica Análise de Conteúdo, segundo as proposições de Bardin (2002), e corresponde a uma metodologia que possibilita a descrição e a interpretação dos conteúdos das mensagens. Ainda para esta autora, a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Os referidos dados foram fundamentados em referências da literatura que abordam o envelhecimento humano, os processos educacionais, sociais e culturais, substanciados na obra *Vida Adulta* do autor Dr. Juan José Mouriño Mosquera (1987) e de autores como Carl Rogers (1986) e Martin Seligman (2000, 2002, 2004).

A validação dos resultados foi mediada pela triangulação entre os dados das entrevistas, da revisão literária e das observações da pesquisadora.

Segundo Moraes (2003, p. 210),

A qualidade e originalidade das produções resultantes se dão em função da intensidade de envolvimento nos materiais de análise, dependendo ainda dos pressupostos teóricos e epistemológicos que o pesquisador assume ao longo de seu trabalho.

Na tentativa de obter os resultados latentes e manifestos através do material qualitativo, a análise temática foi escolhida por ser composta de um feixe de relações e pode ser categorizada através de um vocábulo, uma frase, ou um resumo. Com isso, pode-se dizer que fazer uma análise temática é poder descortinar um núcleo composto de sentidos através das falas.

A fim de categorizar os depoimentos e as observações das falas a partir da análise temática, as fases desta análise, orientadas por Bardin (1977) são a pré-análise, a exploração do material e o tratamento das informações.

Para melhor compreender o conteúdo imerso nas falas das participantes, na primeira etapa as entrevistas foram transcritas, bem como foi organizado todo o material da pesquisa, juntamente às entrevistas estruturadas e os relatos do Diário de campo. Assim, pode-se dizer que ficou mais claro operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais. Concomitante a isso, realizou-se uma leitura flutuante mais apurada de cada entrevista até que fosse atingido um “empregar-se” do conteúdo.

Durante a fase de pré-análise, surgiu o que pode ser chamado de unidade de registro ou palavra-chave e a unidade de contexto ou delimitação do conteúdo de compreensão da unidade de registro.

A exploração do conteúdo consistiu na segunda fase e relaciona-se ao material coletado no campo. Deste ponto em diante, parti para a codificação em unidades de registro, em busca dos núcleos de sentido que vão surgindo na transformação dos dados brutos, com vistas a alcançar o núcleo de compreensão do texto (BARDIN, 1977).

Para compreender a vivência relatada pelas mulheres professoras, sujeitos da pesquisa, busquei uma percepção aguçada através de uma escuta imparcial, sensível e apurada. Da percepção e da forma como essas mulheres abordam a questão do envelhecimento, emergiram as categorias empíricas a partir dos núcleos de sentido que aparecem nos resultados.

#### **4.1 Encontros com as participates do estudo: a partir de um curso de Pós-Graduação**

A cada encontro era apresentado um artigo que desempenhava o papel de “problematizador do dia”, como era chamado. Com isso, as participantes da pesquisa discutiam o conteúdo do artigo expondo seus pontos de vista e a pesquisadora elencava as questões levantadas pelas participantes do estudo a partir desta leitura. A dinâmica da forma discursiva foi importante para que os assuntos de aula e da vida pudessem se entrelaçar.

O trabalho foi estruturado de acordo com a sequência lógica da própria organização das aulas (Quadro 1), ou seja, foram seis encontros convergentes com os objetivos específicos da tese. A opção adotada valeu-se de textos, vídeos, músicas e slides para levantar questões e levar as mulheres sujeito desta Tese a discutir sobre temas associados ao envelhecimento humano.

A maior parte dos artigos foi coletada em sites da Internet e utilizada na ordem apresentada a seguir:

Artigo 1, utilizado no primeiro encontro: Notas sobre “A Arte da Vida” de Zygmunt Bauman. Por Rafael Bianchi Silva e Joana Sanches-Justo (2011);

Artigo 2, utilizado no segundo encontro: Identidade-Diferença na contemporaneidade: uma visão pós-moderna. Por Any Leal Ivo e Fábio Velame (2008);

Artigo 3, utilizado no terceiro encontro: A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin. Por Sonia Montañó (2011);

Artigo 4, utilizado no quarto encontro: Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. Por Paola Moura Passareli e José Aparecido da Silva (2011);

Artigo 5, utilizado no quinto encontro: O adulto Médio: o sentimento de solidão-dúvidas existenciais. Por Juan José Mouriño Mosquera.

Artigo 6, utilizado no sexto encontro: Menopausa e climatério. Por Drauzio Varella [s/d]

No primeiro encontro, a partir do artigo de Rafael Bianchi Silva e Joana Sanches-Justo (2011), foi explorado, a partir de proposições norteadoras, o que segue:

- a. os estereótipos (positivos ou negativos) que circundam o processo de envelhecimento na atualidade;
- b. a questão da autonomia da mulher na atualidade, na sua autogerência e o cuidado de si e seu significado;
- c. a pertinência do tema projeto de vida diante das expectativas com o futuro, inclusive a aposentadoria;
- d. opção da educação continuada, o sentido de realizá-la e quais foram os motivos que as levaram a fazer um curso de Pós-Graduação.

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 1 – os relatos de vida foram surgindo à medida que eu pedia que lessem a parte do artigo que mais havia chamado atenção ou que falassem sobre a impressão que tiveram ao lê-lo. Aos poucos, elas foram encorajando-se a falar. Foi preciso pedir que lessem em voz alta os seus apontamentos, fato que modificou bastante o cenário da aula, que inicialmente parecia silenciosa e ao mesmo tempo dispersa, como se não soubessem de quê se tratava aquele texto. Percebi que

precisavam escrever antes de falar, pois isso ajudaria a desinibir a manifestação das próprias idéias sobre o texto.

Sobre o texto, comentaram:

EA: Achei bem complicado ler este texto, porque a gente precisa pensar sobre o que realmente é a felicidade e acho que não teria uma resposta correta, porque cada um tem um jeito de entender a sua.

EB: Para mim foi interessante a leitura porque também tive que pensar nos meus projetos de vida. Talvez a gente tivesse que ter lido este tipo de texto antes [...] bem antes (risos), lá no ensino médio [...].

EC: O pior é que a gente faz parte dessa sociedade moderna e também vai adquirindo, sem pensar, todos os (maus) hábitos. Isso foi chocante quando eu li e me dei conta.

ED: Pois o texto me deu uma sacudida. Fiquei pensando: mas o que é realmente a tal felicidade? Será que eu sei o que significa? Talvez [...].

EE: Em um primeiro momento achei que a minha felicidade ou a minha vida estavam longe [...] talvez estejam bem perto mas o que eu sei é que eu quero pensar sobre elas.

No segundo encontro, o artigo Identidade-Diferença na contemporaneidade- uma visão pós-moderna, de Ane Leal Ivo e Fabio Velane, trouxeram à baila questões como:

- a. identidade na atualidade;
- b. razões para discutir o tema identidade em todos os espaços sociais;
- c. identidade cultural;
- d. crise de identidade e sentido de direção: para onde queremos ir?

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 2 – Eu parecia estar e (me sentia) mais próxima às mulheres professoras e sujeitos da minha pesquisa. O texto da primeira aula rompeu com a barreira do silêncio sobre a vida pessoal de cada uma delas. Ao falarem sobre si, observavam a reação uma das outras, fato que me fazia observá-las com bastante cuidado, para que confiassem na minha proposta de trabalho que lhes parecia um tanto estranha, porque ao mesmo tempo que havia aula, havia também um *observar* e um *anotar* que as deixava curiosas e ao mesmo tempo lhes causava certo desconforto. Uma delas perguntou mais de uma vez se eu estava “anotando algum mal-comportamento”. Respondi que anotava tudo o que de interessante elas falavam e como para mim, tudo era muito interessante e importante, então precisava anotar. Ela sorriu e disse que era importante saber que elas falavam coisas interessantes, principalmente depois de um dia cansativo de trabalho.

Sobre o texto, comentaram:

EA: Achei este texto bastante pesado [...] como assim identidade é igual ou conduz ao igual se é alguma coisa da pessoa, da sua identidade.

EB: O texto fala do sujeito sociológico e nós somos esse sujeito! A forma cartesiana ou fragmentada pelo processo de globalização. Fiquei pensando na globalização [...].

EC: A questão da identidade cultural [...] isso foi o que me chamou atenção.

ED: Pois é, essa coisa de construir sentidos [...]. A gente precisa pensar no sentido que tem cada coisa que a gente ensina e também aprende.

EF: O texto é bem difícil. Eu não diria que é um texto leve, mas dá para tirar bastante coisa, sim. É na verdade uma pergunta: para onde queremos realmente ir?

O terceiro encontro teve como suporte temático, o artigo A Contemporaneidade na visão de Zygmund Baumn e Edgar Morin, de Sonia Montañó (2011). As questões norteadoras extraídas do texto, foram:

- a. mudanças sociais;
- b. qual o sentido da herança das gerações?;
- c. projeto de vida;
- d. episódios da vida;
- e. convivência humana.

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 3 – O texto sugerido gerou um debate muito significativo sobre a vida em sociedade e a questão da identidade, da comunidade. Vireram à tona algumas peculiaridades do lugar onde moram e do meio que convivem nas escolas. Foi possível avançar mais no diálogo sobre o modo de viver e de ser em uma cidade pequena.

Sobre o texto, comentaram:

EA: A gente precisa pensar, antes de pensar na comunidade [...] pensar na nossa identidade. O jeito de ser de uma determinada comunidade tem a ver com a identidade da pessoa ou daquele lugar? Acho que tem a ver com os dois, não é?

EB: O autor fala em criar a própria identidade. Acho que é bem difícil ter uma identidade tão livre dos preconceitos do lugar onde a gente vive. Se a gente não tem um tipo de comportamento, pronto!!! Aquele lugar não te aceita.

EC: Quando eu falo que pertenço a um lugar, eu sou daquele lugar e o meu jeito de ser tem características daquele lugar. Na escola, nós somos os lugares da onde nascemos. Para mim, é algo mais ou menos assim.

ED: Então vamos imaginar como são as mulheres de uma cidade pequena. É claro que os valores vão ser do lugar e o que vai ser ensinado na escola vai ser reflexo disso tudo.

EE: Essa cultura de massa é o que nos faz pensar sem pensar... Uma coisa do tipo a gente vai fazendo, vai falando, mas não pensa.

EF: Esse poder de escolha talvez não aconteça assim, tão forte em cidades menores. A gente não escolhe muito, tem as vezes que se contentar com o que existe.

O quarto encontro, contou com o artigo de Paola Moura Passarelli e José Aparecido da Silva (2007), intitulado Psicologia Positiva e o bem-estar subjetivo como inspiração para falar sobre:

- a. força e potencialidade humana;
- b. o estudo científico das emoções positivas;
- c. sabe-se explorar o lado positivo da vida?
- d. o bem-estar elevado e o processo de envelhecimento.

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 4 – Observei que os textos apresentados até então eram complexos mas favoreciam o aparecimento de declarações e observações das mulheres professoras sujeitos da pesquisa sobre a vida e o cotidiano. Porém, a partir do texto 4, foi possível evidenciar a real necessidade que tinham em compartilhar seus anseios e suas dúvidas a respeito de suas escolhas e da forma como administravam suas vidas e a necessidade de pensar sobre o que representa o bem-estar no desenvolvimento das suas potencialidades.

Sobre o texto, comentaram:

EA: Eu não sabia que existia muito mais estudo sobre doenças do que sobre saúde. Além disso eu me dei conta que a gente passa a maior parte da vida falando sobre doenças ou sobre o que nos deixa mais tristes enquanto a gente podia mudar e falar sobre saúde e sobre alegrias.

EB: O texto é bem mais leve, eu diria. A gente começa a perceber a necessidade mesmo de falar sobre coisas como potencialidades. Ora, a gente nem fala muito este termo: po-ten-cia-li-da-de! Gostei!

EC: O texto fala, em uma das partes, sobre a pobreza de algumas relações [...] do grupo a que as pessoas pertencem e no magistério, muitas vezes, existe pobreza... de espírito, de convivência, de realmente se importar com o outro. Achei muito interessante a questão das emoções positivas.

ED: Entendi que os autores falam que a felicidade não é estar o tempo todo feliz ou triste, mas é equilibrar as duas coisas. E acho que precisamos falar sobre estas coisas [...] e não falamos.

EE: Esse bem-estar pode ser difícil de ser alcançado para algumas pessoas, mas acredito ser possível. Eu quero uma vida de bem-estar.

EF: Para alcançar esse bem-estar, realmente é preciso que a gente se conheça. É bom falar sobre autoconhecimento, mas isso mexe com a gente.

O quinto encontro proporcionou ao grupo a leitura do artigo O Adulto Médio: sentimento de solidão-dúvidas existenciais, escrito por Juan Jose Mouriño Mosquera. Os pontos extraídos do texto foram:

- a. vida adulta e vida de adulto;
- b. conquistas e perdas durante a vida;
- c. as escolhas: pessoais e profissionais;
- d. a solidão: quem tem medo?

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 5 – O texto foi uma forma de abrir portas e janelas interiores, de verificar a expressão enquanto liam e pensavam... Eram mulheres pensando sobre aspectos de suas vidas, conjugando tempos passados e pensando no tempo futuro. A vida adulta lhes estava sendo apresentada de uma forma real e foi possível

debater temas que as deixaram mais à vontade, embora eu tenha percebido que cuidavam para não exporem demais suas vidas na presença do grande grupo.

Sobre o texto, comentaram:

EA: A vida adulta não é fácil, porque os desafios são constantes tanto em casa quanto no trabalho. Eu li o texto e pensei sobre a minha vida toda, como se eu enxergasse um filme.

EB: O contexto não explica o tempo todo o que é ser adulto. Acho que tem muita coisa que precisa ser comentada na escola sobre a vida do adulto ou como agir quando somos desafiados pela vida.

EC: As decepções são inevitáveis. Só se desilude quem arrisca. Eu arrisquei e me desiludi muitas vezes e acho que ainda vou me desiludir, mas se eu estiver melhor preparada, vou sentir menos [...]

ED: Nada é fácil [...] Para mim nunca as coisas foram fáceis, então eu procuro dar valor a tudo.

EE: Se a gente colocar na balança, dependendo da fase, alguma coisa vai pesar mais. Acho que ao menos se a gente falar sobre essas coisas, podemos tirar um pouco os pesos, as culpas.

EF: É impossível passar pela vida sem sentir decepção, mas a forma como a gente vai lidar com isso ou se aprende ou a gente cai e não levanta mais.

No sexto encontro explorou-se o artigo do médico Dr. Drauzio Varella (2013) sobre climatério e menopausa, sob o título: menopausa e climaterio. Através do texto, foram abordadas as seguintes questões:

- a. o que sabíamos sobre o tema climatério e menopausa?;
- b. quando falamos sobre isso?;
- c. oscilações de humor tem a ver com hormônios?;
- d. cuidar de si, do próprio corpo.

Anotações no diário de campo sobre a percepção das mulheres professoras e sujeitos da pesquisa:

Texto 6 – Para minha surpresa todas as professoras sujeitos da pesquisa sabiam bastante a respeito do climatério e menopausa. Suas opiniões eram facilmente verbalizadas, como se estivessem bem cientes do assunto. Ao perguntar como já sabiam tanto sobre o assunto, disseram que o assunto as interessava, visto que estavam passando por algumas características e que anualmente visitam o ginecologista para fazer exames de rotina. O fato que me chamou atenção foi a dificuldade que tiveram em responder perguntas sobre a sexualidade da mulher com idade cronológica igual ou maior a 40 anos. Pediram-me que deixasse “este tema” para uma outra oportunidade, pois queriam falar mais sobre aspectos relacionados às variações hormonais e oscilação de humor.

Sobre o texto, comentaram:

EA: O difícil de envelhecer é falar sobre todas as coisas que envolvem este assunto. Eu acho mais fácil falar de coisas que a gente pode fazer para entender o envelhecimento do que falar sobre ele.

EB: O fato de estarmos envelhecendo e tendo que lidar com todas as coisas que fazem parte, é também ter que pensar no climatério e na menopausa. Ninguém escapa! (risos) E quando a gente fala sobre isso na escola? Nunca!

EC: O humor realmente fica modificado. A gente se sente mais sensível e em outros momentos dá uma brabeza que a gente não entende, mas já são eles, os hormônios dizendo que o corpo está diferente.

ED: Antes, eu trabalhava e ainda sobrava tempo. Hoje eu trabalho, faço tudo, mas me sinto cansada. É um cansaço diferente.

EE: O climatério vem antes [...] então a gente tem que ir se preparando porque a menopausa chega e aí, pronto!

EF: O peso, o cansaço, os cabelos, as unhas... tudo modifica e a gente não fala sobre isso. Dá até uma tristeza, mas temos que encarar.

A partir do quarto encontro adotei a apresentação de vídeos com a utilização de um projetor de multimídia para dar complementaridade aos temas abordados. Os vídeos foram compostos e organizados de forma a focar a tríade: escola-feminino-envelhecimento como forma de reafirmar e solificar as discussões em aula a partir da leitura dos textos.

Desse modo, foi mais fácil perceber o potencial e os limites para os esforços sobre o que tem sido feito pelas mulheres professoras no seu ambiente de trabalho. Dito de outro modo, as mulheres professoras pesquisadas querem ser ouvidas, pretendem transformar a escola em um espaço mais amplo no que diz respeito aos conteúdos programáticos. Enquanto as observava, eu também pensava na infinidade de recursos que deixam de ser explorados nas escolas para falar de temas dinâmicos, circulares, como o ciclo da vida e a questão do envelhecimento. Seguindo perspectivas reiteradas no campo da avaliação esta tentativa de promover uma estratégia metodológica buscou articular uma gama de dimensões qualitativas de análise justamente para suscitar um diálogo mais fecundo sobre educação, feminino e saúde em face das questões suscitadas acerca da saúde e do envelhecimento populacional, bem como a dificuldade contemporânea de aliar papéis de mãe, mulher, provedora e profissional.

A intenção foi aproveitar as discussões e, de forma sistematizada, promover um espaço onde as mulheres participantes da pesquisa pudessem expor seus anseios e suas dúvidas, bem como as suas verdades.

Outro aspecto importante decorre de que os adultos precisam possuir um melhor conhecimento pessoal para entender a dialética das suas vidas, os dramas e conflitos vividos nas sociedades modernas. (MOSQUERA, 1987, p. 152).

Após cada encontro eu realizava uma escrita breve, no diário de campo da as minhas percepções sobre aquele momento, como forma de compreender a realidade e tratar do assunto com maior amplitude.

A forma como as mulheres professoras, sujeitos desta Tese conversavam comigo e entre elas, trazia a idéia de que falar sobre aspectos da vida e compartilha-

los com os demais é algo que aproxima as pessoas e as torna mais humanizadas. Ao escutá-las eu podia pensar sobre aspectos da minha vida também.

ENCONTROS						
	01	02	03	04	05	06
<b>QUESTÕES ABORDADAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estereótipos;</li> <li>• Projeto de Vida;</li> <li>• Autonomia da mulher na atualidade;</li> <li>• Educação Continuada;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade;</li> <li>• Quem sou eu?</li> <li>• Quem somos nós?</li> <li>• A legitimação de ser diferente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As mudanças sociais na modernidade;</li> <li>• Conexões e relações de interdependência entre a pessoa e o planeta;</li> <li>• O ocidente valoriza a mulher?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O papel das emoções positivas na vida e na escola;</li> <li>• A força e as potencialidades humanas na maturidade;</li> <li>• A questão da felicidade e o envelhecimento saudável.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vida adulta</li> <li>• Solidão</li> <li>• Perdas</li> <li>• Conquistas pessoais e profissionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climaterio</li> <li>• Menopausa</li> <li>• Oscilação de humor</li> <li>• Razões para cuidar-se</li> </ul>
<b>ARTIGO DE REFERÊNCIA</b>	Notas sobre “A Arte da Vida” de Zygmunt Bauman. (SILVA, SANCHES-JUSTO, 2011).	Identidade-Diferença na contemporaneidade – uma visão pós-moderna. (IVO, VELAME, F, 2008).	A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin. (MONTAÑO, 2011).	Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. (PASSARELI, SILVA, 2007).	O adulto Médio: o sentimento de solidão-dúvidas existenciais. Por Juan José Mouriño Mosquera.	Menopausa e climatério. Por Drauzio Varella [s/d]
<b>APRESENTAÇÃO DE VÍDEO</b>	Questões sobre o ser professora	Ação-Razão-emoção: desafios da escola contemporânea	O medo das mulheres em envelhecer (apontamentos elaborados a partir da Dra Mónica de Sousa para um programa de TV, em Portugal).	Psicologia Positiva na humanização da educação: conhecendo um pouco de Seligman	Educar para vida adulta: desafio da contemporaneidade	Menopausa? Climatério? Quem sabe, fala.
<b>FILME</b>	Não houve	Não houve	Não houve	Apresentação de trechos do filme Ensaio sobre a Cegueira, de Jose Saramago, Com este recurso, a partir do youtube, pode-se “enxergar” a importância da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo no processo de envelhecimento.	Não houve	Não houve

Quadro 1 - Síntese das atividades desenvolvidas nas aulas.

	EA	EB	EC	ED	EE	EF
<b>Passado</b>	Namorar; ser vigiada; festas; excoletes professores;	Problema de saúde; quase morte; período difícil;	Um tempo vivido.	Era muito bom; alunos eram nossos filhos;	Tempo que fica lá atrás e que precisa ser olhado.	Não volta; Não era a mais inteligente; separação dos pais;
<b>Arrependimento</b>	Casar cedo;	Trabalhar muito;	Deixar de ter feito tanta coisa por mim e para mim.	Não ter corpo de modelo; comer muito;	Cuidar menos do que deveria de mim mesma.	Não ter estudado mais; não ter tido mais filhos; não ter viajado;
<b>Estética</b>	Desejo de ser magra; cobrança na frente do espelho	arrumar o cabelo; fazer a unha	Pele lisinha	Mais magra; outdoors; pele envelhecida; rugas; sentir-se bonita;	A preocupação de muitos, mas não pode ser só isso.	Cuidar de si.
<b>Felicidade</b>	Fazer o que faz; namorar; segurança do marido; festas;	Estar viva; poder envelhecer;	ver os filhos crescer	Ter saúde. Estar bem.	Ver minha família feliz.	Caminhar na praia; bem casada; família;
<b>Medo</b>	Solidão; dar-se conta do tempo; envelhecer	Solidão.	Cuidar de netos; filhos terem vida própria e com isso ser menos "importante".	Envelhecer;	Envelhecer sem ter vivido.	Sentir-se velha;
<b>Aborrecimento</b>	Organizar a casa; sentir-se velha; Ritmo de vida;	Falta de tempo;	Fortes dores no corpo; não aguentar a pressão; esquecimento	Ansiedade; comer mais do que deve; estresse; Perder gosto pelo corpo; O tempo passa;	Falta de tempo. Dores nas costas, articulações.	Algumas coisa que aconteceram no passado.
<b>Profissão</b>	Gratificante; não desejada; felicidade; não admitida	Entusiasmo; mais antiga;	É difícil; vontade de sair correndo;	Muito tempo; sempre querer voltar; sentir saudades;	É uma forma de realizar alguns objetivos da vida.	Achava que seria fácil; encantamento;
<b>Envelhecer</b>	Não pensar; assusta; desde o nascimento; não é falado; gente mais velha; modo de vida; dificuldade em perder peso.	não pensa; fugir do assunto; depressão; desleixada; velha; lutar contra; infli no tra banho; não falar; dói;	Não pensa; acontece; não se dar conta; falar é estranho; dúvidas;	Tudo mundo; Estar vivo; Algo natural; não pode fugir; amadurecimento;	É triste, mas é real.	Tema importante; é bom; um grande desafio; desvalorização; Sinais
<b>Idade</b>	O corpo cansa; a mente cansa; cansaço	sem entender; corpo começa a dar sinal; não ter gás; aparece bem fisicamente.	Ficar exausta; esquecer das coisas; dar um branco;	Pele envelhecida; rugas; desânimo; experiência; prática; maior confiança; corpo muda; metabolismo mais lento	O corpo vai ficando diferente.	Período da infertilidade; Alteração no humor; cansaços; alterações hormonais;
<b>Prevenção</b>	Tomar vitaminas; se cuidar; saber envelhecer	Cuidado do corpo; falar na escola; hábitos saudáveis;	Caminhada; complexo; academia; acupuntura;	Hábitos de vida saudável	Comer alimentos saudáveis, ir ao médico.	cuidar da saúde; ir ao médico; caminhadas; cuidar a alimentação; qualidade de vida
<b>Futuro</b>	Aposentadoria; Término de um ciclo	Saber que vai chegar lá;	Aposentadoria;	Olhar para o corpo de um jeito melhor; aposentadoria; realizar muitas coisas; viajar; explorar outras áreas	Fazer o melhor para não me sentir no final de um ciclo, pensar mais sobre a vida no seu todo.	

Quadro 2 - Apresentação dos dados observados pela pesquisadora e transformados em unidade de significado.

## 4.2 A mulher que envelhece

### 4.2.1 O corpo

A conquista da maturidade é um provar-se a si mesmo, e nem sempre as pessoas têm condições de vislumbrar até que ponto é possível se desempenhar, aceitando-se de maneira radical (MOSQUERA, 1987, p. 107).

Partindo do tema corpo, foram realizadas discussões com foco no envelhecimento e na velhice.

Observei, entre as mulheres professoras, uma relativa preocupação com o tecido que reveste o corpo físico – a pele – em razão de poder ser mais visível pelo desgaste da trajetória de vida e que por vezes acaba incorporando boa parte das abordagens que lhe dizem respeito, sejam elas de forma positiva ou negativa. Esta última por conta das exigências de um contexto estético voltado somente para a forma.

EB: A gente não pensa no envelhecer. E quando o corpo começa a dar sinal ficamos meio sem entender esse mesmo corpo.

Provavelmente a degeneração física seja negligenciada mesmo quando se fala de algo que nos acompanha desde que nascemos, isto é, o envelhecimento.

O intercâmbio e compartilhamento de informações entre as professoras e a pesquisadora puderam auferir a inserção dos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento do ser humano de forma a combater o preconceito, sensibilizar e produzir questionamentos sobre o assunto em questão.

Nestes termos, em função de atividades propostas e de posse dos registros produzidos em seis encontros, analisei a circulação de saberes, percepções e representações sobre o envelhecer entre professoras mulheres com certo tempo de prática docente.

Com isso, posso dizer que durante a vida, o corpo e o tempo se intercambiam no devir do envelhecimento, mas não se pode deixar de considerar que é a partir

desta articulação que provavelmente ocorre em um significativo meio ou modo de contextualizar o social e político de que modo ambos influenciam e determinam nosso muito particular modo de abordagem.

EF: Na escola a gente nunca pensa nessa possibilidade. Estou vivenciando agora, aqui, falar sobre envelhecimento. É um tema importante, mas não é debatido.

Dentre os objetivos propostos, para além de colaborar no processo de capacitação das escolas, sejam elas públicas ou privadas, busquei oportunizar às mulheres professoras e sujeitos da minha Tese, um espaço de depoimentos, de troca de experiências, de reflexão, de debate aberto sobre limites e possibilidades da vida adulta e do processo de envelhecer na docência e de que forma imaginavam, tempos atrás, o seu próprio envelhecimento.

EC: A gente não pensa que vai acontecer. Simplesmente vai envelhecendo e não nos damos conta. Falar sobre o envelhecer parece estranho, mas é interessante porque a gente vai colocando pra fora algumas dúvidas e vê que não sou só eu ou outra colega que as tem. Muitas tem dúvidas, principalmente sobre questões hormonais.

Assim, ao falar sobre o processo de envelhecimento e de envelhecer-se, percebi que aquilo que supostamente diz-se saber pode não ser suficiente para definir a pessoa, e mais ainda, verifiquei que algumas falas podem estar enraizadas em um terreno frágil, que geralmente é produto de uma visão parcial nascida da prática de cada profissional ou de preconceitos fortemente balizados pelo viés cultural.

O capítulo a seguir propõe um desvelamento das concepções de Educação e construção da identidade da mulher professora, justamente porque existe uma necessidade de reconhecer quem é esta mulher e em quais percepções são balizados os seus sentidos sobre o ser humano e profissional que é.

### 4.3 A Educação na construção identitária da imagem do feminino

A construção do *humano* não parece ser um processo fácil mas é relevante, especialmente em se tratando de pessoas adultas de média idade, pois são as que ocupam o poder na cultura e influenciam decisivamente o comportamento das novas gerações (MOSQUERA, 1987, p. 123).

Neste capítulo, escrito após um dos encontros com as mulheres professoras e sujeitos da pesquisa, devo dizer a questão identitária de gênero e sexo, suscitou uma reflexão que sugeriu problematizar a complexa tarefa de (des) construir aquilo que geneticamente define o ser humano ao nascer e a sua relação com a bagagem sócio-cultural, política e histórica, que geralmente é diversa na vida de cada pessoa. O tema tem sido utilizado amplamente em pesquisas e na mesma velocidade, crescem os estudos para que se estabeleça uma tentativa de descrever aquilo que os conceitos de gênero e sexo são capazes de influir nas interações para atenuar o conflito identitário da contemporaneidade. É bem verdade que esta escrita aconteceu após a verificar-se a dificuldade das entrevistadas em falarem sobre as questões do corpo. Ao falar sobre a dificuldade de algumas mulheres em declarem-se homoafetivas no meio educacional, os comentários variaram entre aceitação e ao mesmo tempo “restrições” para conviver com este tipo de escolha ou modo de vida.

EC: Não acho bom que se faça discriminação, mas é um tema muito complicado embora exista sim, casais homoafetivos tanto por parte dos professores quanto por parte dos pais. É difícil falar sobre isso também.

É bem provável que questões como estas que refletem a nossa cultura, estabeleça uma espécie de conflito subjetivo no qual o sujeito sente-se compelido a atender as exigências sociais de forma identificatória. Para Beauvoir (1949), a identidade é fluida e instável e “gênero” é um conjunto de atos performativos. Neste caso, em lugar de: “Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres”, poderia ser: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, todos e todas nós aprendemos a construir identidades a partir de modelos aparentemente matriciais, que se foram depois cristalizando, mas que são, eles próprios, simulacros. Este foi um assunto

disutido em aula após termos discutido sobre as questões do feminino, o que inspirou suspiros e contradições, discursos inflamados e outros nem tanto; posicionamentos biológicos e sociológicos vieram à tona.

ED: Como pode ser, professora: uma mulher nasce mulher e pronto. Não consigo entender a questão que a autora fala sobre “tornar-se mulher”. Nasceu e morreu mulher. Pronto!

Geralmente, ao abordar este assunto - gênero e sexo – há um esforço de não vasilar em nosso próprio vocabulário. Assim que, ao fazer uma breve digressão sobre o conceito de ambos os termos é preciso tomar como base as falas de alguns pesquisadores que obviamente têm contribuído para que se pense sobre a construção cultural e simbólica das relações entre homens e mulheres.

Apesar da cultura em determinados lugares ter privilegiado uma forma de pensar em que a ciência e a racionalidade acabaram sendo os principais valores ao longo dos anos, conceber e pensar em gênero como construção social é opor-se a um modelo ideal e, sobretudo, reconhecer as diversidades de atitudes frente à oposição, seja ela verbal ou não.

Provavelmente seja difícil, no cotidiano das nossas falas ocasionais ou falas acadêmicas, distinguir gênero de sexo. É necessário parar e pensar, porque a construção da nossa identidade pessoal provavelmente esteja calçada na nossa identidade sexual, então é preciso que se pense não apenas em homens e mulheres biologicamente diferentes, mas em um feminino e um masculino como sendo categorias constituídas a partir das nossas relações sociais fundadas ou intercambiadas nas diferenças sexuais.

EF: Professora, é claro que a gente conhece e convive com colegas que fazem uma opção [...] mas é tudo muito assim, digamos, muito discreto, sem falar com naturalidade sobre esse assunto, a coisa de gênero [...] e isso acaba até magoando e afastando as pessoas dentro da escola.

Para se contrapor à ideia de essência os Estudos Feministas conceituaram gênero. Dessa forma, foi recusada qualquer explicação pautada no determinismo

biológico que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres , empreendendo assim. A partir daí, nasceu uma visão naturalizada, universal e imutável nos comportamentos. Este determinismo serviu para justificar as desigualdades a partir das diferenças físicas ou meramente biológicas.

Contudo, importa frisar que na perspectiva das relações de gênero é importante discutir os processos de construção ou formação histórica, linguística e social, instituídas na formação de mulheres e homens, meninos e meninas e pensar ou falar sobre isso, requer o que já posto anteriormente: Parar e pensar; ao mesmo tempo que esta “parada” é apenas uma forma de assentar-se no hoje, no agora, metaforicamente falando. Não é parar no tempo ou recuar, mas avançar depois de “pensar sobre” e conceder às pessoas o direito de fazer o mesmo.

ED: Eu acho que independe da escolha [...] a pessoa continua sendo mulher, no caso da mulher, mas tem uma opção de gênero diferente, não é assim? Então, mesmo assim ela vai ter tudo o que uma mulher tem: menstruação, climatério, menopausa, depressão. A escolha dela em ter uma companheira mulher, não muda a condição dela de mulher. Ao menos eu entendo assim.

Nos estudos sobre o feminino, é notória a preocupação sobre as relações de poder entre mulheres e homens. A princípio, estes estudos procuravam chamar a atenção para as condições de exploração e dominação a que as mulheres estavam submetidas. A pesquisadora Guacira Louro (1995), além de usar os estudos sobre o feminino como uma ferramenta teórica potencialmente útil para os estudos das ciências sociais focou a questão de gênero que despontou como uma importante categoria analítica para a História, principalmente para a História da Educação.

O caráter político destes estudos pode ser considerado uma das suas marcas mais significativas:

Objetividade e neutralidade, distanciamento e inserção que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos e transgredidos. Passava a lançar mão cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida, de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, de romances e cartas. Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa.

Assumiam-se com ousadia, que as questões as interessava, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinham (e tem) pretensões de mudança (LOURO, 1997, p. 19).

É necessário considerar que grande parte da produção brasileira vinculada aos Estudos Feministas se concentrou, nos últimos tempos, no estudo das mulheres. Questões ligadas ao magistério e a sua feminilização e outras ocupações vinculadas ao feminino, da mesma forma e muitos desses trabalhos se preocuparam em descrever a situação da mulher em relação à opressão e desigualdade social. Assim, na atualidade, as pesquisas neste campo têm se voltado para o caráter relacional dos gêneros, na tentativa de explicitar que homens e mulheres, meninos e meninas são formados em relação uns com os outros e também no entrecruzamento de outras categorias como classe social, religião, etnia, nacionalidade e geração. São as ideias de Louro (1995), que nos dão a noção de que não existe limite em torno do estudo de/sobre as mulheres, porém remete a um estado de pensamento em que a discussão em torno da construção das masculinidades, deve ser problematizada também, para trazer à tona a forma como tem sido posta em discurso questões de gênero.

A categoria “gênero” tem passado por significativas transformações, o que possibilita seu caráter dinâmico nas pesquisas. A princípio, era vinculada a uma variável binária, arbitrária, de dicotomias duras. No entanto, passou a ser compreendida como uma categoria relacional e contextual, na tentativa heróica de elucidar as complexidades e conflitos existentes na formação do sujeito. Poderia ser agregado a dimensão contextual; o feminino que pretendi apresentar neste espaço de dialogicidade que é a Tese, penso ser um espaço em que a mulher pode desvincular-se ao um discurso do ideal horizontal para firmar-se em espaços plurais e assumir-se de tal forma que sinta-se e seja sujeito de mobilização e de circunstâncias. Com isso, proponho pensar no processo de ressignificação identitária, uma vez que seja provável que muitas mulheres tenham que conviver nos espaço em que ocupam, sejam eles na família, no trabalho ou na sociedade, daquilo que pode ser chamado de disjunção comportamental, tido que nestes espaços intermediários, figuram sujeitos que emergem da oposição binária puramente biológica.

Longe de ser considerada desvantagem, a (re)definição do conceito de gênero, trouxe uma maior vitalidade para a compreensão das relações. Para Sandra Harding (1993, p. 11),

É possível aprender a aceitar a instabilidade das categorias analíticas, encontrar nelas a desejada reflexão teórica sobre determinados aspectos da realidade política em que vivemos e pensamos, usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática [...]. As categorias analíticas feministas devem ser instáveis – teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais.

É importante frisar que para compreender gênero e sexo, alguns autores e autoras dos Estudos Feministas que se aproximam dos Estudos Culturais, têm concebido a identidade de forma ampla, como processo flexível e pluralizado. Stuart Hall (1997, p. 13) faz uma crítica ao conceito de identidade marcadamente fixa, unificada e estável. Ele diz que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Em sua afirmativa, Hall (des)constrói a ideia de identidade prévia. Ele diz que não existe uma identidade prévia, inata, mas processos identificatórios que vão se constituindo ao longo do existir de cada um, nas suas relações e atravessamentos, sejam eles marcados por classe social, raça, etnia ou credo religioso. A identidade de cada ser é e estará constantemente em forma(ação), porque é caracterizada pela incompletude.

A sexualidade, que tem como suporte o corpo biológico tem sido alvo de controle da família, da escola e da sociedade por vários aparatos culturais: “rosa para meninas e azul para meninos”. Frase comum de ser ouvida, que por sua vez é determinista e excludente, além de ser usada para moldar comportamentos de meninos e meninas.

Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, cabe a nós, educadores e educadoras, ultrapassar a linha tênue que nos separa de quem somos biologicamente apenas, em sala de aula, porque ora somos problematizadores, ora somos apenas transmissores daquilo que satisfaz as questões meramente públicas.

O conteúdo que fundamenta nossos discursos deve ser o que fundamenta nossa filosofia de vida e a consciência de que o sujeito fragmenta-se e que isso pode acontecer quando ele sente-se livre. E quando falo em filosofia de vida, não sugiro ideologia de vida, neste contexto. Falo sobre o modo de sustentar-se como pessoa, com suas crenças, seus valores, suas vontades e que pode estar associada, no caso do feminino da mulher gaúcha e brasileira, aos prováveis conflitos que se estabeleceram a partir da passagem da mulher do privado, tido aqui como o lar “enfeitado” por uma esposa obediente, por filhos obedientes, ou seja, do objeto fixo de satisfação às demandas patriarcais, muitas vezes fundamentadas em poderes machistas para um caráter “protagonista” da sua própria história no convívio com outras demandas, com outras crenças e outras percepções de si e do outro.

Assim, posso afirmar que é urgente pensar no papel fundamental da escola e nas nossas práticas pedagógicas, porque vivemos em um mundo marcado pela diversidade e com um inevitável processo de envelhecimento da mulher biologicamente feminina que ora discute-se nesta tese. Por outro lado, seria inábil compactuar com a ideia de que as diferenças, sejam biológicas, sociológicas ou comportamentais possam ser transformadas em desigualdades. Embora esta Tese verse sobre um recorte do universo da mulher professora e de seu feminino biológico, é imprescindível que se fale na mulher constituída de forma sociológica e que não aparece nas falas cotidianas nos espaços de discursividade da escola provavelmente porque exista ainda um suposto desconhecimento ou uma inabilidade para que se fale sobre o assunto do feminino.

Em plenos 41 anos cronologicamente vividos, através de seu livro ‘O Segundo Sexo’, Beauvoir inspirou uma marca no pensamento feminista de um século atrás. Embora esta Tese não verse sobre os preceitos do feminismo mas das condições biopsicossociais do feminino no espaço da vida da escola, é inegável que Simone deixou uma marca fundamental no pensamento da mulher e com isso, abriu brechas para uma teorização em torno das desigualdades constituídas no entorno das diferenças entre os sexos. É importante dizer aqui que o livro, composto por dois volumes (Fatos e Mitos e A experiência vivida), discute a situação da mulher do século XX sob o ponto de vista biológico, sociológico e psicanalítico. Nesse sentido, importa também frisar que Simone deflagrou as problemáticas relativas ao poder na sociedade contemporânea e às diferentes formas que por vezes eram conflituais e de dominação. Assim, sob uma perspectiva histórica, a autora deflagra o os mitos

que circundaram-e talvez ainda circundem- a sociedade patriarcal e que trataram a mulher como um “segundo sexo”, relegando os seus direitos à um lugar menor, ou menos valorizado.

Em suas proposições, Beauvoir apontar soluções que visam à igualdade entre os seres humanos, ao passo que neste contexto- o da tese em questão- aponta-se estratégias que visam uma igualdade de oportunidades de ciência, no sentido de conhecimento, da mulher contemporânea em relação ao seu processo de envelhecimento e mais: tais estratégias podem e devem ganhar destaque e sentido nos espaços escolares por conta de uma necessidade biopsicossocial de trazer a questão do processo de envelhecimento à tona,mas de uma forma problematizadora e esclarecedora, livre de preceitos ideológicos ou de preconceitos de toda ordem.

EF: A gente fala que não tem preconceito, mas é muito difícil falar de uma forma natural sobre o assunto de genero. É muito difícil, mesmo!

O sentido da dialogicidade provocada durante as aulas do curso de Pós-Graduação com as professoras sujeitos desta pesquisa e, portanto, alunas do curso de psicopedagogia e gestão de uma determinada instituição, foi justamente apresentar o engajamento e o processo de ensino e aprendizagem que, temas como envelhecimento e vida adulta provocam através da narração das próprias vivências nos contextos de formação educativa.

O reconhecimento de si e do ser pessoa no mundo implica o autoconhecimento e a valorização das vivências como ponte para passar pelos ciclos da vida. O capítulo a seguir pode ajudar a descortinar questões e provocar reflexões sobre o estar no mundo.

#### **4.4 A questão do envelhecimento: possibilidades de reconhecimento da pessoa**

A psicologia do desenvolvimento humano, através dos estágios da personalidade, revela, por sua vez, o desenvolvimento histórico e os padrões comportamentais da cultura e da sociedade em determinado momento da vida (MOSQUERA, 1987, p. 152).

É fundamental dizer que as teorias contemporâneas que versam sobre uma maior compreensão do processo de vida da pessoa ao longo da vida, compreendem tal trajetória como um resultado de avanços e regressões, ganhos e perdas, complexidades e rupturas. Fica claro que é um modo de confirmar ao ser humano a sua singularidade dentro da cultura e da história. Estudos dessa natureza foram anunciados por Fooken (1985), Olbrich (1985), Taylor e Ford (1981, apud MUNNICHES et al., 1985) que aportam uma visão complexa de maiores possibilidades para a velhice. Certamente existem inúmeras perdas ao longo da vivência de cada pessoa que correspondem a debilidades sociais, físicas e psicológicas, mas há que ser considerado também um manancial de ganhos.

É importante salientar que existe na atualidade, uma preocupação maior em relação a estudos desta natureza e que as políticas públicas podem e devem ser implementadas a partir de um mosaico de possibilidades assentadas na necessidade de contribuir de maneira positiva para a mudança na percepção do processo de envelhecimento através da agregação de novos hábitos e atitudes.

No atual contexto da educação, é provável que exista uma grande necessidade de ressaltar e reconhecer a maturidade e o envelhecimento não apenas como processos individuais, mas também como parte de um processo vital passível de ser analisado quanto às mudanças e transformações que ocorrem nessa fase, seja no âmbito social, psicológico ou biológico. Neste prisma, as mudanças que acontecem ao longo da vida são seguidas por perdas físicas, cognitivas e sociais e que podem protagonizar novos sentimentos e emoções através dos quais a pessoa lidará mais positivamente nessa fase da vida.

Diante desta perspectiva, existem ganhos emocionais e cognitivos com o processo de envelhecimento. Procurei assim ressaltar nesta Tese que a pessoa é única e, portanto, a sua singularidade e sua história pessoal são particulares e

podem ser analisadas sob uma perspectiva mais humanizada dentro uma esfera ampliada no contexto em que está inserida.

Considerarei, neste estudo a singularidade da pessoa que envelhece, em particular a mulher professora, numa época em que os valores efêmeros podem levá-la a uma escravidão estética deturpada.

Segundo Welsch (1993, p. 47),

Quando nós, por outro lado, olhamos a estetização superficial, há múltiplos motivos para crítica. A justificação de 'princípio' dos processos de estetização não significa, de modo algum, que todas as formas de estetização seriam aprovadas.

Contudo, na atualidade, existe uma produtividade e um padrão estético veiculado pela mídia e aceito por um significativo número de mulheres. No entanto, não cabe julgar, mas questionar sobre as reais possibilidades de permanência e negação de perdas graduais e sucessivas que acometem a todo o ser humano em sua trajetória vital. Para Herman (2005, p. 38), é importante que seja compreendido como a justificação estética se articula, porque existe uma inevitável estetização do mundo contemporâneo e tal fato atua na nossa autocompreensão moral. Desse modo, é necessário que haja um esclarecimento sobre o conceito de estética a partir da autora Herman (2005, p. 38):

A estética é, então, interpretada no âmbito de uma crescente "desdiferenciação" (*Entdifferenzierung*) dos termos – *aisthesis* e estética – na perspectiva de um novo conceito de razão, que incorpora o sensível. O termo estética deriva do grego *aisthesis*, *aistheton* (sensação, sensível) e significa sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial.

Para esta estudiosa atenta à singularidade do humano e pesquisadora atuante no campo das ciências humanas, a referência à estética vincula-se mais a *aisthesis* do que ao conceito clássico de estética. Dentro do contexto semântico, a palavra estética no discurso contemporâneo volta-se ao sensível e a teoria da arte e se torna objeto de consideração em todas as esferas da vida prática. Para Herman (2005), a presença da estética expressada no cotidiano estaria associada à existência de estilos de vida do cotidiano em que misturam-se de forma plural, aparência, vida e arte, realidade e ficção, realidade e simulação.

EA: Quem não queria estar sempre magra? É quase impossível com o ritmo de vida que a gente leva. E quanto mais velhas ficamos, mais difícil de perder peso. O jeito é aprender a envelhecer, mesmo! Acho que assim a gente se cobraria menos, porque somos nós que nos cobramos toda vez que nos olhamos no espelho.

A imposição do cotidiano pode ser um componente positivo e negativo, dependendo da interpretação de cada pessoa em relação a associação de movimentos próprios e no que diz respeito à estética. Herman assinala que segundo a concepção kantiana<sup>1</sup>, o estado da mente despertado pelo objeto estético é uma *satisfação desinteressada*, uma finalidade sem fim, em que nenhum fim extrínseco pode condicioná-lo. Na proposição de falar sobre o estilo de vida e sobre como atuam em seus cenários, as mulheres sujeitos da pesquisa declararam:

ED: Eu até queria me sentir mais magra como a gente vê nos outdoors por aí [...] mas não tenho o corpo de modelo [...] Tenho um corpo que cansa, que precisa de comida para se manter em pé. Eu sei que as vezes por ansiedade acabo comendo muito mais do que deveria. Dá uma sensação de ter passado da conta, mas é o meu corpo e eu quero olhar pra ele de um jeito melhor, sem cobrar. Quero aprender me dar bem melhor comigo mesma.

Herman (2005, p. 39) diz que a experiência estética cria um estado singular, em que algo pode relacionar-se consigo mesmo, produzir um sentido, que quebra a lógica habitual. Assim, a experiência estética produz uma oposição ao mundo cotidiano. Para dar maior consistência ao estudo sobre o processo de envelhecimento, faz-se necessário retomar sempre a discussão sobre a estetização do mundo. Mesmo diante das adversidades sociais ou culturais, as mulheres tencionam assumir um posto dentro do mundo, porém existe um paradoxo que as

---

<sup>1</sup> Para Kant (1996), o homem é a única criatura racional sobre a Terra e que esta disposição natural só poderá desenvolver-se no homem, não como indivíduo, mas sim como espécie. Considerar o homem como uma criatura dotada da faculdade racional favorece a prática educativa, porque permite a ampliação do uso de suas forças para além do instinto natural.

subtrai das possibilidades dentro de uma realidade que não as convida a participarem como protagonistas da própria estetização e lhe cobra um preço alto, tanto emocionalmente quanto financeiramente.

EB: Claro que a gente gosta de arrumar o cabelo, fazer a unha, mas cadê tempo pra isso? Eu vou atrás, porque senão fico completamente desleixada e me sinto então velha mesmo! Eu preciso lutar contra essa maré que é uma força contra a professora estar bem ou melhor, parecer bem fisicamente porque isso influi sim no nosso trabalho.

Para Herman a estética pode estar associada às particularidades do pensamento racional, o que cria uma espécie de refúgio à pluralidade e ao diferente, influenciando na criação de novos modos de vida e novas orientações para o agir.

Nos discursos das professoras sujeitos de pesquisa desta Tese, foi possível observar a preocupação com a estética de forma pouco associada à necessidade de equilibrar corpo e mente, mas em manter-se saudável no sentido de não ter doenças e não de levar uma vida mais voltada para a estética do ser pessoa e do processo de envelhecimento.

#### **4.5 A fragilidade implícita na compreensão do envelhecimento**

Os caminhos que se descortinam não são fáceis. Pressupõem uma multiplicidade de dificuldades que estão enraizadas em preconceitos e estereótipos que o homem criou sobre o próprio homem (MOSQUERA, 1987, p. 76).

Abro este capítulo compartilhando da esperança de poder contribuir, através da pesquisa aqui apresentada, para a abertura de espaços onde as mulheres professoras tomem ciência da sua existência para além da sala de aula. O resultado dessas indagações permitiu um espaço para o convívio e para o relato de experiências e foi possível conhecer como essas mulheres abrem caminhos e possibilidades para novas identificações que surgem durante o seu processo de envelhecimento. Isso foi acontecendo na medida em que as vias eram construídas

por elas mesmas, através do diálogo franco e aberto, num sentido de continuidade e permanência e de (re) construção da própria identidade.

As mulheres professoras entrevistadas viveram a juventude do final dos anos 60, início dos anos 70 e auge dos anos 80, exatamente quando afloravam movimentos feministas, a revolução de costumes e a revolução sexual no Brasil e em outros países do ocidente.

EA: Namorar, no meu tempo, era uma coisa boa.. Muita festinha, reunião dançante... Por outro lado a gente vivia vigiada. Acho que por isso casávamos cedo. [...]. Depois de casada, todos ficavam perguntando quando teríamos filhos.

As mudanças ecoaram no mundo e as mulheres sujeitos desta pesquisa que nasceram no final da década de 60 e início da década de 70, foram crescendo sob padrões rígidos que provavelmente restringiam as mulheres a viverem sob a tutela da família, em um ambiente doméstico, articulado sob os “bons costumes” em que as “moças de família” acabavam por optar por uma profissão notadamente feminina encantada pelo estigma da “professorinha” que primeiramente era a “mãezinha dos alunos” e depois a mãe de seus próprios filhos.

ED: A gente fazia o magistério e aprendia de tudo: bordar, pintar, [...]. Era muito bom, mas faltava uma base sobre a vida, mesmo. Saíamos dali e íamos direto para a sala de aula. Os alunos eram nossos filhos. Hoje eu vejo os alunos como parte da minha vida profissional. Meus filhos são meus filhos. Os alunos, por mais que eu goste deles e me preocupe, são somente meus alunos.

Entre as professoras sujeitos da pesquisa, duas das referências identificatórias mais comuns no mundo emergiram nas suas falas: a maternidade e o desejo de ser amada pelo outro, pois todas as seis professoras são casadas e têm filhos.

EA: Sou casada. Gosto de chegar em casa e saber que meu marido está ali. Isso me faz bem porque dá uma certa segurança. Eu não gostaria de viver sozinha.

Através das histórias narradas pelas entrevistadas, busquei compreender as formas e estilos de vida e como se dava o entrelaçamento disso com o tema do envelhecimento. Algumas das mulheres entrevistadas demonstraram, já de início, bastante desenvoltura para falar de si e do seu processo de envelhecimento. Outras consideraram que as mudanças físicas são marcantes e sentidas como perdas, e com isso, restringiram-se, de início falar pouco sobre si mesmas. A partir do terceiro e quarto encontro passaram a argumentar mais sobre os ganhos e as perdas e demonstraram pensar de maneira mais focada sobre a perda da energia física e a capacidade de realizar alguns sonhos que ficaram no passado.

EF: Claro que tem coisas que eu queria ter feito [...] Muita coisa, na verdade [...]. Mas o tempo não volta. Gostaria de ter estudado mais, de ter viajado mais, ter tido mais filhos. O tempo não perdoa e quando a gente se dá conta, já passou.

Constatee haver uma ambivalência na construção da ideia do próprio processo de envelhecimento e da própria consciência da sua pluralidade estética. O envelhecimento enquanto processo era visto, ora como algo negativo, ora como algo positivo, mas um dado parecia ser comum a todas elas: as mudanças corpóreas, na maturidade, são sentidas como perdas, as mudanças psicológicas em determinadas situações são consideradas como forma de crescimento embora haja sofrimento e as mudanças sociais dependem do contexto, ou seja, se forem mudanças para melhorar o estilo de vida, é visto como ganho.

A própria identificação com a pesquisa, de acordo com uma delas, era considerada uma forma de ganho social porque,

EC: [...] falar sobre o envelhecimento na escola pode mexer muito com todos os que fazem parte dela.

Baseada nestes dados, pude perceber que cada vez mais, em nossa cultura, existe uma maior necessidade de abertura nas discussões e no entendimento das questões ligadas a compreensão do processo de envelhecimento, que por sua vez é um dos fenômenos mais antigos e que tem atingido as sociedades contemporâneas.

EF: [...] envelhecer pode ser bom se a gente não se sentir velha. Porém, como chegar neste ponto de entendimento, é um grande desafio.

De acordo com a história das antigas civilizações, é sabido que envelhecer e velhice podem estar associados como sinônimo de decadência, isolamento social ou até mesmo doença. Além disso, o assunto envelhecimento é focado, de forma mais comum, por estudos biológicos e filosóficos no que se refere à deterioração do corpo.

Nesta pesquisa, foram agregadas outras dimensões, que não apenas aquelas com enfoque em uma visão meramente orgânica, mas como elementos constituintes de reflexão. Assim, posso dizer que à medida em que o livro de Perrusi (1939) deflagrou em mim a vontade de realizar este estudo, serviu igualmente como um meio de fazer uma ponte, uma via de mão dupla para dialogar com os autores como Juan José Mouriño Mosquera e Claus Dieter Stobäus entre outros que, em seus trabalhos, englobam pesquisas com o assunto sobre educação, adultez e saúde e que acabam por chamar a atenção para o aspecto biopsicossocial do envelhecimento.

#### 4.6 Memórias: o tempo em palavras

*Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.*

Lya Luft

Para compreender as mulheres que fizeram parte desta pesquisa, foi preciso buscar compreensão na minha trajetória pessoal enquanto pesquisadora, narrada na primeira pessoa:

E a memória trouxe um tempo em que precisava problematizar algumas questões internas porque elas se materializavam nas minhas falas e nas minhas ações e estar diante do contexto educacional é uma porta aberta e foi por ela que eu passei para tornar-me a profissional e a mulher que sou e que desejo ser. Lembrei, que sempre admiti não ser menos mulher e mãe ao entrar e sair do portão da escola. Eu era sempre a mesma, embora as situações pedissem para me organizar nos papéis que a vida moderna me impunha e continua a impor a mim e a tantas outras mulheres.

Para escrever estas memórias, retomei uma página do livro da minha vida e a liberdade de escrever sobre ela tomou meu pensamento mergulhado em lembranças boas. Além da distância, o que me separava do tempo, eram pessoas de outras épocas, as quais eu não via mais: amigos, amores de infância, professoras, conhecidas ou anônimas mulheres em seus papéis de mulher de marido, que na minha visão se entregavam a um cárcere privado. Não as julgo, mas não quis pra mim uma vida em cena muda. Mesmo assim, ainda sinto uma suave saudade da minha pequena *Alcatraz*, nome pelo qual chamo a cidade de onde eu vim. Embora parecendo para mim uma prisão de ideias e vontades, minha cidade tinha louvores e uma paz de terra simples. Lembrei do tempo em que num parentesco de amizade, tinha amigos, e que nos achávamos responsáveis pelo deslize quase infantil que saía das nossas bocas se alguém nos contestasse um só pensamento, fazendo espumar o canto da mesma boca, ofendidos de toda a raiva. Hoje vejo que as rebarbas agressivas, próprias daquela fase de corpos desajeitados e púberes - que nos deixava as bochechas rubras com facilidade - eram somente um auspício de entendimento. Depois, com o tempo, vem uma invenção pacífica que

a paz supre. Na meninice havia novidade nas coisas, mas um modo menos maduro de perceber os ciclos da vida. Era fácil estar entre as pessoas e não precisar pensar sobre isso. A vida da natureza humana exige que olhos e ouvidos fiquem atentos, em sinal de alerta, preparados para atacar ou recuar. Um jogo difícil para quem acostumou com a simplicidade do abraço, do andar pelas calçadas vazias que vez por outra era atravessada por carros, bicicletas ou transeuntes que geralmente retribuía com sorrisos ou acenos aos meus “ois”. Hoje percebo que na “cidade grande”, a vida é diversa. Envelhecemos doloridas por dentro se não tomarmos as devidas precauções. Existe toda aquela concorrência por um lugar e pelo reconhecimento da capacidade intelectual. Eu mesma busco alargar esta tal capacidade e vim para a capital porque queria retomar um tempo desperdiçado em situações fantasiosas de uma moça do interior. Mesmo assim, penso que o meu processo de envelhecimento pode me atacar como um cão feroz se eu não souber alimentá-lo ou cuidá-lo. Temo ficar com aquela aridez das pessoas que não atingiram seu apogeu e caíram no esquecimento de si mesmas. Procuro revigorar minhas lembranças para perceber quem eu sou. Preciso lembrar. E as lembranças que me ocorrem primeiro, são aquelas que têm cheiro de casa. De casa de avó, de pão feito em fogão à lenha, de leite morno e de mesa grande, daquelas com gavetas para guardar os talheres, com muita gente em volta, gesticulando, todos ao mesmo tempo, entre beliscões e olhares de reprovação dos tios mais velhos. Minhas avós vêm em seguida, nesse espiral que vai me levando de volta no tempo para resgatar emoções e compreender melhor o presente. Mulheres fortes, cada uma ao seu modo. A avó materna era para mim uma santa imaculada. Era a própria Virgem Maria. Tinha no quarto um oratório daqueles antigos, de madeira, repleto de imagem de santos. Quando brincava de Mãe, eu a imitava rezando numa confusa combinação de italiano e espanhol que pra mim parecia um modo de ascender aos céus e ser absolvida de todo e qualquer pecado. Ela não me deixava passar pela porta da frente que dava acesso ao resto da casa, sem antes fazer o sinal da cruz. Para ela, aquilo era um tipo de senha para receber a bênção diária dos céus. Foi resignada. Cuidou do marido que ficou cego e parálítico por vinte e tantos anos, em uma cama hospitalar. Como eu era muito falante, achavam por bem me colocar ao pé da cama quase que diariamente para ler as notícias do jornal local para meu avô e me deixavam sentada, depois do almoço, para fazer companhia aos velhos e escutar novela de rádio. Eu perguntava frequentemente para minha avó se ao

morrer ela viraria uma santinha igual àquelas do oratório. Ela juntava delicadamente minhas mãos às dela e dizia que se eu rezasse bastante e fosse uma boa menina, ela poderia vir a ser. Ficava apavorada com tamanha responsabilidade, porque não havia dia em que eu não teimasse. Nunca a vi gritar, chorar de raiva ou comer de maneira deselegante. Era uma lady. Tinha os olhos tristes, que a mim pareciam estar sempre úmidos. Tinha um sorriso terno e contava histórias para eu dormir. Contava reservadamente, quase sussurrando, sobre um filho que havia perdido ao nascer. Depois largava o ar num suspiro, com se carregasse o peso da morte do filho ou como se quisesse ter morrido no lugar dele. Todos na cidade a admiravam pela brava companhia que fazia ao meu avô. Ela não saía de casa. Tinha dificuldade de se expor como se precisasse paradoxalmente mostrar aos outros que, se não podia mais ser vista pelo marido, não seria vista por outras pessoas além do núcleo familiar e de alguns amigos. Com ela aprendi a ter fé em um Ser Supremo que existe em todas as coisas. Da avó paterna guardo uma cena engraçada, embora na hora tenha sido um tanto quanto trágica: já nos seus setenta e tantos anos, insistia em andar sozinha e certa vez foi atropelada por um motorista de táxi, que desesperado a socorreu chamando-a de “Professora”. Determinada, ela levantou-se e sorriu. Como se não bastasse o riso, disse para o homem: “ainda bem que foste tu. Outro poderia ter me matado. Ainda bem que fui tua professora”. Eu adorava vê-la sorrindo, porque sacudia o corpo todo num riso silencioso em que seus olhos azuis ficavam minúsculos, sorrindo junto com a boca. Ela tinha um humor desses que a gente pouco via, naquela época, entre as senhoras. Minha avó não se submetia a nada que fosse externo a ela mesma. Não se submeteu nem mesmo aos avisos do próprio pai afirmando que seu casamento não daria certo com aquele “homem pardo”, com quem ela teimou em se casar e com quem teve sete filhos. Magnânima em sua virilidade mantinha uma distância saudável das coisas que não lhe faziam bem. Minha avó Esther (era este o seu nome), fugia à regra. Melhor dizendo, ela tirava dos seus silêncios e do olhar que falava mais do que seus lábios, um jeito único e tranquilo de ser aquilo que ela desejava ser pra si. Fazia do sofrimento, lágrimas derramadas em solidão numa cadeira de abrir perto da escadaria da casa; da alegria, a celebração em almoços familiares em que ela insistentemente mantinha todos os pratos servidos por colheradas exageradas de arroz que ela se orgulhava de fazer de um jeito solto, assim como ela, que sob o fogo da vida, mantinha-se inatingível sob uma armadura de mulher forte. Quando

decidi sair do casulo claustrofóbico de um relacionamento para estudar, ela já estava muito doente em uma cama, mas houve tempo de segurar sua mão e dizer que eu me inspiraria nela para ser uma educadora e tinha na sua história um exemplo de fibra e sensibilidade. Ela ainda cantou uma cançãozinha antiga em espanhol que dizia: *“Te espero Juana por la ventana...”*, e poucos dias depois, se foi, atravessando a passos firmes portas e janelas iluminadas.

Das mulheres da minha infância, semelhanças e diferenças em Pandoras, Evas e todas as deusas do Olimpo. Filha, sobrinha e neta de professora, cresci observando como cada uma delas lidava com as suas questões internas que vez por ora acometem também o meu viver. Dentre as mulheres da minha vida, existiu aquela que endossou minha primeira transgressão: com pouco mais de nove anos, por motivos que não vêm ao caso, decidi ir, como se diz, “de mala e cuia” pra casa dela. Era uma tia e madrinha viúva, dezoito anos mais velha que minha mãe e muitos anos antes, ao casar e se mudar para a zona rural para acompanhar o marido, levou minha mãe que na época tinha três anos e pouco, para morar com ela. Professora formada no Instituto de Educação em Porto Alegre, era leitora voraz de Machado de Assis e José de Alencar. Foi ela quem me apresentou as obras destes autores para que eu apreciasse a Literatura. Gostava de ouvir Strauss porque a fazia lembrar quando havia conhecido o marido, em um baile. Era afetuosa, tinha no cheiro da pele uma mescla de canela, cigarro e perfume.

Os fatos na minha família se davam de um jeito diferente. Era difícil para as minhas amigas compreenderem que minha mãe chamava a própria irmã de “Tia”. Confusão danada, porque minha mãe, para mim, é uma irmã mais velha. É bem diferente de mim, sempre contrária a todos os meus planos ousados e além dos limites da sua compreensão. Para ela, mulher não bebe, não fica em uma roda com homens opinando sobre política, não anda na garupa de uma motocicleta, não dirige em estradas e, Deus livre todas as mulheres da “boca do povo”. É ingênua. Não se aventurou vencer os medos internos e dar vazão às próprias vontades. Uma pena. É naturalmente bela, daquele tipo de mulher não precisa de adornos, mas sofre precipitadamente por toda e qualquer situação que lhe pareça sair do controle. É amorosa à sua maneira e me ensinou ser responsável e justa.

Lamento lembrar que do lado feminino viril da minha família, todas tenham morrido vítimas de câncer, do tipo “poemas presos que viram tumores”. Cristãs por formação se resignaram perdoar, ajudar e amar incondicionalmente as pessoas,

sem cobrança, sem gerar desconforto ou contrariedades (aos outros). Com exceção da avó materna, todas estas mulheres foram professoras. Ao me inspirar naquilo que admirava em cada uma, criei em mim um pedaço delas impresso nas minhas falas, no meu jeito de ser e por fim, nas minhas culpas e no desejo de querer ser quem eu sou. Quem sabe elas poderiam ter escolhido outra profissão? Poderiam ter sido apenas donas-de-casa ou terem se esforçado para fazer uma faculdade mais “difícil”. Optaram por motivos diversos. Não sei. Nunca perguntei diretamente isso a elas. Eu sei de mim. Escolhi ser professora, não por sacerdócio, mas por vontade. Eu precisei me despir das vestes de uma mulher de um filho da aristocracia rural e poderia ter continuado uma vidinha *relativamente* boa, numa cidade *relativamente* boa, ter uma velhice *relativamente* boa e uma morte *relativamente* boa. Não arriscaria nada e concluo que morreria de velha, dormindo, numa cama *relativamente* boa. Decidi ser mulher e professora! E movida por uma esperança quase palpável, preferi a transgressão ao aniquilamento dos meus projetos, a curiosidade ao enquadramento nos padrões impostos por uma vida que me daria, se “bem comportada fosse”, um (eterno?) amor agropastoril e a possibilidade de não raro, ser confundida a uma ovelhinha gordinha correndo de uma cerca à outra, sob os gritos e aplausos do dono. Estaria envelhecendo já envelhecida e corroída pela dor da minha própria alma. A minha fé e a vontade de vencer em um mundo hostil e amedrontador me fazem seguir em frente. Envelhecer pode dar medo quando não se está preparada para as eventuais perdas. Concluo que tenho perdido o viço da pele, mas também tenho encontrado a mim mesma em autoconhecimento. Tenho um filho que cresce e envelhece também, sob o ponto de vista físico. Mas na idade dele, sempre é interessante estar mais à frente cronologicamente porque os doze anos parecem abrir portões para fazer o que querem.

Finalmente, ao apresentar parte da minha história neste capítulo, penso que o fato de ser filha, neta e sobrinha de professora, dão ao meu trabalho a dimensão daquilo que a profissão, enquanto compromisso de construto social pode proporcionar a mim e aos outros. Por outro lado, envelhecer na profissão que escolhi se compõe no calor da luta (diária) da minha própria trajetória e no reconhecimento das limitações que vão surgindo com o tempo. O mesmo tempo que traz sabedoria e entendimento, plenitude e amor-próprio.

#### 4.7 Mulheres em suas vivências: relatos de vida

*Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.*

Lya Luft

A partir das observações acerca das pessoas da pesquisa e das entrevistas percebi, através da escuta atenta, como se delineiam os espaços possíveis ocupados pela mulher professora que envelhece num contexto que denuncia conflitos geracionais, morte e o inevitável envelhecimento de seus corpos. Nas suas narrativas, as mulheres entrevistadas denunciaram haver silenciamento em distantes etapas de vida, cujas condições físicas e sociais as puseram diante das perdas, sejam elas físicas ou psíquicas em relação à família.

Das estratégias discursivas nos processos de narração observados pela entonação da voz diante de alguns aspectos referentes à família, as falas das mulheres professoras sujeitos desta pesquisa evidenciam as construções estéticas para a produção de sentidos fornecendo subsídios para o estabelecimento de relações entre a sua própria visibilidade, seu espaço físico, na intimidade na vida social e na vida laboral.

É importante dizer que o afeto tornou-se uma dimensão de inegável relevância na caracterização do sentimento de pertencimento ao grupo familiar. Para estas mulheres, o modelo do *pater familias*, matrimonial, paternalista, monogâmico e heterossexual não cedeu lugar ao estilo de família a partir da diversidade que ora se apresenta na sociedade.

O sentido de falar reiteradamente sobre este assunto- o envelhecimento- foi levantar questões com as professoras sobre os desafios que envolvem as gerações mais novas em relação as mais velhas e vice-versa. Neste sentido, foi discutida a criminalização da família, as instituições asilares, a viuvez e a longevidade. As participantes foram sempre incentivadas a pensar, falar e finalmente a elaborar um projeto desenvolvido futuramente na escola como forma de dar vazão à discussão do envelhecimento (da pessoa, da professora) e que seja adequado para a realidade, além de estabelecer sentido, uma vez que trata-se de um tema de

relevância social e psicológica e que possivelmente elucidem dúvidas ou angústias a partir de então.

Embora em muitas das entrevistas tenha sido referido como efeito adverso da passagem do tempo, de acordo com Busse Blaser (1999), é um processo positivo de maturação ou de aquisição de uma maturidade desejável. É evidente que muitas alterações acontecem com o envelhecimento, mas comumente são consideradas de ordem fisiológica o que não impede a pessoa de continuar ativa socialmente, de maneira que satisfaça suas necessidades pessoais e mantenha-se na sociedade de forma digna. No entanto, é provável que muitas pessoas, com o avançar da idade, apontem tal fato a um declínio na sua eficiência ou no desempenho social, além de temer a solidão e o aparecimento de doenças.

EC: Solidão é algo que a gente pensa. Imaginar que vai se sentir sozinho na velhice é triste.

Envelhecer é um fenômeno comum a todo ser vivo, porém é surpreendente que ainda hoje persistam pontos obscuros quanto à dinâmica do seu processo. Segundo Papaleo: Carvalho Filho (2005) é evidente que seja acompanhado por limitações biofisiológicas, além de apresentar-se como um processo difícil no que tange ao cessamento de algumas atividades, o que pode ser relativo.

Ao abordar o tema, faz-se importante conhecer algumas das características deste processo para discorrer sobre o mesmo. Assim sendo, cabe agregar que a palavra processo neste contexto, sugere pensar na possibilidade de criação de um estado de autocuidado e preparação para o envelhecimento e que por sua vez, podem ser pensados e colocados em prática durante toda uma vida. É um passo seguido de outro: o nascer → o crescer/o envelhecer → o morrer.

Pode-se assim dizer que a vida é um processo que inicia no nascimento e que termina com a morte e entre estas duas extremidades, encontra-se o envelhecimento.

A natureza humana é a forma vital da pessoa. Por isto a consciência de si mesmo, o conhecimento de si mesmo e o ser si mesmo tem um claro sentido determinatório e esclarecedor de universalização. (MOSQUERA, 1987, p. 18).

É quase inevitável pensar na mulher contemporânea e na mulher de algumas décadas atrás sem questionar: poucas coisas teriam se modificado em relação aos papéis sociais geralmente atrelado à atmosfera doméstica?

EA: Quando chego em casa tenho que organizar a casa, como toda mulher, mãe de família. Fico muito cansada com tudo isso. O corpo cansa, a mente cansa [...]. A gente (eu) me sinto mais envelhecida, acho que muito pelo cansaço.

EC: Mesmo tendo quem me ajude eu não dou conta de fazer o serviço. Fico exausta. Dá vontade de sair correndo [...]. É bem difícil conciliar tudo e ainda estar sempre de bom-humor ou com a pele lisinha [...].

A forma como o assunto envelhecimento pode ser abordado, acabou trazendo à tona diversas questões que poderiam contribuir com uma melhor compreensão dos processos de envelhecimento de profissionais ligados à área educacional uma vez que no percurso do viver, geralmente aprendemos a negar que estejamos envelhecendo como se esse fenômeno somente ocorresse com pessoas com idades cronológicas mais avançadas que as nossas.

ED: O envelhecimento é algo que todo mundo que fica vivo vai acabar passando. É algo natural, ninguém pode fugir. A pele fica envelhecida, surgem as rugas, vem um desânimo. Por outro lado, o envelhecimento traz consigo o amadurecimento, anos de experiência/prática e maior confiança [...].

O sentimento “negação do envelhecer” provavelmente venha sendo cultivado sem que os seres humanos, durante as diversas fases da vida sejam preparados para o seu próprio envelhecimento que está ocorrendo indiferentemente da fase em que está.

EB: Claro que a gente sabe que vai chegar lá, no envelhecimento, mas não falamos acho que é porque dói falar

sobre isso. A gente se deprime um pouco. Na escola, raras vezes surge este assunto: falar sobre o nosso envelhecimento. Eu até não tenho dificuldade de falar, mas sei que tem colegas que fogem do assunto.

Contudo é evidente a necessidade de um maior empenho na produção de mais pesquisas na área da Educação que visem o entendimento do envelhecimento humano, com ênfase no envelhecimento da mulher professora, visto que é tida como maioria entre os profissionais desta área. O que foi encontrado até o fechamento desta Tese, são estudos específicos que abordam a visão de envelhecimento do idoso no contexto educacional e suas particularidades relacionadas com saúde.

Envelhecimento faz parte do ciclo vital e é inevitável que apareçam comprometimentos psicossociais, contextuais e biológicos. Importa assim dizer que para que seja melhor compreendido o envelhecimento enquanto processo, é preciso reconhecer as idades da vida. Aries (1981) considera que “as idades da vida” não correspondem somente a etapas biológicas, mas a funções sociais passíveis de modificações dentro do contexto histórico e social que agem de forma significativa na definição dos papéis sociais.

EB: Na minha aula, com as crianças, não costumo falar sobre envelhecimento. Mas se surgir algo, eu falo, sem problemas. Às vezes sinto que nós, as professoras “mais antigas” temos até maior entusiasmo do que as mais novinhas que estão chegando agora.

É importante pensar na elaboração de um estudo que trate a visão e a condição de envelhecimento de profissionais do magistério em atividade, justo porque um estudo neste aspecto pode ser o condicionante de uma visão global da dignidade e da autoestima do adulto em seu processo de envelhecimento que servirá para a sociedade como um todo, tido que é bem provável a existência de raros trabalhos que apontem a possibilidade de uma interligação da Educação e dos aspectos do processo de envelhecimento na visão do profissional docente.

EB: Há dois anos atrás eu tive um problema sério de saúde. Tive trombose na veia cava inferior seguida de embolia pulmonar. Em resumo, quase morri. [...]. Foi um período muito difícil, mas que me fez repensar muitas coisas, principalmente o fato de estar viva e poder envelhecer.

O capítulo a seguir é importante para decodificar nas entrelinhas o significado do envelhecimento da mulher professora para as mulheres sujeito desta pesquisa sob um olhar que confirma a necessidade de atenção ao ciclo vital como algo inerente ao ser humano.

#### **4.8 Nos depoimentos: um olhar multifacetado sobre aspectos do envelhecimento feminino**

*O cogito emocional não é somente uma das formas que a vida interior pode assumir, um território entre outros da vida reflexiva. Muito mais que isso, ele é condição sine qua non de todo cogito, ou seja, de qualquer reflexão do sujeito sobre ele mesmo (LACROIX, 2006, p. 90-1).*

Nesta pesquisa, houve o intuito de verificar as principais questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento de um grupo de mulheres docentes de uma forma multiangular para perceber como o envelhecimento é tratado por este grupo de pessoas que trabalha no meio educacional.

Durante os encontros, foi solicitado que as participantes falassem sobre o tempo da aposentadoria e das contradições de ordem social para quem requer a aposentadoria, seja por tempo de serviço ou por idade cronológica. Com isso, as participantes expressam as contradições, as relações de poder, o modo como os interesses e as lutas sociais na sociedade brasileira contemporânea tem se mostrado e, além disso, evidenciou-se que ideia de aposentadoria foi apresentada pelo grupo de mulheres de duas formas: como prêmio e como término de um ciclo de trabalho:

EA: Eu nem penso em me aposentar. Gosto do que faço. Quando me aposentar vou sentir que terminou um ciclo.

EC: A aposentadoria é uma premiação por tanto tempo de trabalho. Depende de cada um. Tem gente que vai cuidar neto e outros vão cuidar de si, da sua vida.

ED: Tenho muito tempo de magistério e é impossível não pensar em aposentadoria, mas ainda tenho muito gás para gastar em sala de aula. Quero realizar muitas coisas ainda, mas quando a aposentadoria chegar, quero explorar outras áreas, como viajar e aproveitar mais a família.

O processo de envelhecimento da pessoa, neste caso da professora, pode-se dizer que é também uma expressão da questão social que atinge não apenas um grupo etário. O envelhecimento acontece indistintamente e independente do modo como a força de trabalho acontece e das condições de produção e reprodução social, inclusive e também do tempo de vida. Nessa perspectiva, para sublinhar esta particularidade, buscou-se indagar:

- Quais os fatores que tornam o envelhecimento da professora uma problemática social?
- O que acontece com as professoras que atingem seu tempo de envelhecer?
- O que as instituições de ensino tem feito para aclarar o assunto envelhecimento e aposentadoria ?
- Sob a forma da problemática social do envelhecimento do profissional em educação, neste caso, a professora, existe zelo e respeito pela pessoa que envelhece?

A preocupação com o futuro no processo de envelhecimento das mulheres entrevistadas foi marcado pela inquietação diante do futuro e pelo medo de não estarem preparadas para enfrentá-lo. Foi comentado em aula:

ED: Além da aposentadoria por idade (que é de 60 anos para a mulher e 65 para o homem), os professores fazem jus ao salário-maternidade e além disso, tem outros auxílios que não

se sabe e se desconhece porque também não vamos atrás da informação.

Assim, é possível dizer que é preciso estar atento ao bem-estar da pessoa, porque a aposentadoria pode ser vista como um ganho antagônico: por um lado é a conquista, através do trabalho. Por outro lado, pode ser encarado como um tempo de inutilidade ou decadência, justamente pela sociedade de consumo que valoriza o belo, o novo, o jovem e saudável. Contudo, a aposentadoria poderia ser o ápice de um bem – estar consigo e com os demais, visto que é um mérito de quem trabalhou por muito tempo. Esse fenômeno social requer também uma interpretação subjetiva e humanizada por parte da escola para que seja compreendida a qualidade da aposentadoria como prêmio e não como castigo.

Para boa parte das entrevistadas, a aposentadoria está atrelada ao envelhecimento como um estado final da vida funcional da pessoa. O fato de preparar-se para o envelhecimento e para a aposentadoria não havia sido pensado até então sob o ponto de vista do bem estar subjetivo.

ED: Eu até posso me aposentar, mas vou sempre querer voltar para a escola. Daí não vai dar mais, então eu sei que vou sentir saudades da rotina. Da rotina e não do cansaço!

Analisar a concepção do processo de envelhecimento no meio educacional de docentes na perspectiva de compreender como tais processos se entrelaçam em suas vivências cotidianas foi o mote para esta pesquisa. Durante o período de coleta de dados, pude verificar as estratégias pessoais adotadas por mulheres docentes da rede de ensino privada e pública relacionadas com o envelhecimento, fato que se constitui em um processo de construção acerca da compreensão do envelhecimento da própria pesquisadora.

EA: Envelhecer assusta um pouco. Tomo vitamina e me cuido, mas esse assunto não é falado na escola. Eu, particularmente, não penso muito neste assunto. Eu sei que envelhecemos desde que nascemos, mas nunca tinha pensado que pudesse ser possível falar na escola, assim, para os alunos também [...].

É porque se a gente fala, quase sempre acaba se achando velha. É como se a gente se desse conta do próprio tempo, entende? Mas acho que é importante abordar para mostrar a importância dos idosos na vida de todos e que é necessário saber envelhecer bem.

Com essa fala, é possível perceber que a velhice é vista por algumas mulheres como a deterioração do corpo, o que as leva a uma abdicação da vida ou a falta de espaço para outras realizações, sejam elas no campo pessoal ou profissional. Para Sousa (2007) existe um espelho pelo qual algumas mulheres se miram por tanto tempo que acabam por retratar um estado de desmantelamento interior o que continua ali, intacto, mostrando uma imagem de degeneração, que formata um julgamento severo, a respeito de si mesma, o que não lhe permite mais oportunidades.

Por outro lado, se tal processo de envelhecimento for vivido sem a “mesquinhez estética”, a ideia de beleza sofreria um novo desenho, com abrangências maiores e com outros determinantes como inteligência, personalidade, disposição, postura e estilo pessoal. Dito de outro modo: seriam traços pessoais que fazem de cada pessoa um ser único e que pode ser encontrado em qualquer idade cronológica.

No debate sobre a formação de professores na atualidade, faz-se necessário abrir espaço para uma referência no que diz respeito ao entendimento do imaginário em relação ao magistério e a figura do professor, ou melhor, da professora, que envelhece. O cenário do magistério, segundo pesquisas, não é nutrido por um significativo percentual em relação à escolha desta profissão. Embora não seja este o tema em questão nesta pesquisa- da escolha do magistério como profissão- é importante dizer que existe uma proporção pequena de jovens que hoje em dia desejam entrar no magistério.

Para Oliveira (2007, p. 133),

Os dados de pesquisa vêm demonstrando que as licenciaturas não tem sido escolhidas pelos alunos que decidem continuar sua formação profissional nas universidades.

De acordo com a autora, as pesquisas apontam um decréscimo na escolha da profissão de professor e na presente pesquisa, quatro das seis entrevistadas apontaram o magistério como fonte de realização pessoal através da carreira, fato que até os dias de hoje as faz permanecerem no ofício.

EF: Desde muito nova pensava em ser professora, mas não era porque gostava ou tivesse vontade de ter a mesma profissão da minha mãe, mas por achar que o magistério seria mais fácil e logo teria uma profissão. [...]. Logo no estágio me deparei com um tipo de encantamento e isso me acompanha até hoje.

Durante o tempo de observação, foi necessário investigar a forma como vivem as mulheres professoras entrevistadas, como processam suas perspectivas de vida pessoal e profissional, uma vez que são mulheres na faixa etária entre 40 e 45 anos. Compreendi, enquanto pesquisadora, mulher e professora, ser importante conhecer e permitir às entrevistadas narrarem suas histórias de escolarização, o que provavelmente aponta um caminho de reflexão sobre os processos de educação continuada.

Corroboro com Oliveira, (2007, p.135) quando esta declara a narrativa como forma de se pensar sobre os modelos de professores e afirma que:

As imagens do passado, recordadas no presente, constituem materiais de formação e autoformação ao professor, por resgatarem a riqueza de experiências que refletem comportamentos, padrões, valores, posturas profissionais e pessoais, os primeiros saberes constituídos na docência.

Assim, o relato de vida das entrevistadas se faz necessário para compreender o fio que tece a sua pele de mulher e professora. Existe um saber precioso na escuta perspicaz que acontece ao longo das entrevistas e, muitas vezes foge do papel, porém não escapa do ouvido atento da pesquisadora. São depoimentos que aconteceram nas entrelinhas, para além da consciência ou do compromisso da escrita da entrevista. O fato de afirmarem que outras pessoas influenciaram suas escolhas, demonstrou que as entrevistadas têm ciência do seu lugar no magistério. Diante disso, é preciso dizer que lá atrás (no passado) fizeram a

opção pelo magistério e se ainda permanecem, entre outros fatores, é porque tiveram experiências positivas em maior escala. Contudo, as experiências negativas não foram subjugadas, tampouco afastadas, mas sorvidas de forma aparentemente positiva.

EA: Fiz magistério porque era a profissão que havia despertado maior interesse em mim. Dizem que aos 5 anos de idade, dava aula para bonecas e cachorros (risos). Eu não admitia isso de entrar para o magistério. Minha mãe queria muito que eu fosse professora e eu até neguei, porém tive excelentes professores, que me passaram uma coisa boa sobre o magistério e naquela época era assim: era bom ser professora e a gente achava bonito.

Outro depoimento diz respeito à relação da autoestima e o magistério:

EF: Eu não era a mais inteligente da turma, tinha dificuldades por causa da separação dos meus pais. Repeti a sétima série por causa da separação [...], mas tive apoio de uma professora em especial. Comecei a sentir mais entusiasmo, então passei a me esforçar mais, a estudar mais.

Existe um registro do transcurso existencial que é narrado de uma forma que fica evidente a importância da memória pessoal sobre a própria história. Parece ser um narrar sobre si mesma e um dar-se conta da abrangência de uma vida em um cenário inconcluso e processual de estar no mundo. Os relatos verbais e não verbais reportaram a instabilidade de humores misturados ao dia-a-dia e ao desconhecimento de pertencimento de um cenário sociocultural onde está inserida a mulher professora, que precisa refletir sobre seu caminhar e cuidar da saúde física e mental. Quando perguntadas sobre os cuidados com a saúde, as respostas não pareceram precisas, como se tivessem que tatear as próprias lembranças.

EF: Cuidar da saúde é ir ao médico, fazer algumas caminhadas, cuidar da alimentação.

Perguntadas sobre qual foi a última vez que estiveram no médico para tratar da saúde interna (exame ginecológico), apenas três disseram ter feito o exame há menos de um ano e as demais disseram não ter exatamente certeza se fazia um ano ou pouco mais de um ano. Por outro lado, ficou evidente que cuidam de *dores que vão surgindo com a idade*, conforme narra uma delas. A prática de esportes restringe-se a caminhadas esporádicas e algum exercício com aparelhos de musculação. Todas as seis entrevistadas tratam de problemas de coluna vertebral, estados de depressão, enxaqueca e uma delas trata da tireoide.

EC: Eu tomo Purant T4 para tireoide. Faço academia e caminhada duas vezes por semana, mas às vezes não dá tempo (risos). Quinzenalmente eu procuro fazer acupuntura por causa das fortes dores no corpo todo.

Outra entrevistada narrou que além de trabalhar dois turnos, precisa compreender e apoiar o marido que sofre de transtornos psicológicos.

EC: [...] tomo remédio também, porque às vezes eu não aguento tanta pressão. Se não faço isso, acabo eu me deprimindo.

As mulheres professoras sujeito desta pesquisa externaram, durante os encontros, a necessidade de um cenário de acolhimento ou algo que as deixasse falar sobre a sua vida na escola e a sua vida fora dela. Diante das falas, foi possível constatar que há grande dificuldade por parte de algumas mulheres da pesquisa em identificar as diferenças entre o ato sexual e a sexualidade, confundindo, muitas vezes como uma só ação. As constatações podem ser conhecidas através dos relatos:

EB: Pra mim, a sexualidade é uma coisa minha, mas é com o meu parceiro que eu vou exercitar tudo isso [...]. Acho que é importante mas não pode ser tudo, porque as vezes a gente está muito cansada [...]

EC: Eu não consigo exercitar a minha sexualidade se eu estou exausta. Não dá. Por isso precisamos de férias. [...]. É quando estou mais descansada que consigo fazer tudo funcionar no meu corpo.

ED: O corpo vai cansando, sim. A gente engorda e perde aquele gosto pelo nosso corpo. Depois dos filhos então [...]. E tem uma hora que todo mundo em volta quer que tu tenha um filho [...] e a gente acaba querendo também.

Nas falas, fica evidente que o foco genital no processo da sexualidade é muito “valorizado” por elas. O imaginário é fortemente marcado pela representação social do corpo bonito e pelo vínculo do binômio sexualidade e ciclo biológico reprodutivo, de acordo com (IACUB, 2007).

É possível depreender que essas mulheres obtiveram, ao longo da vida, informações desconexas sobre a própria sexualidade. E é este desconhecimento que pode ser um muro divisório entre o desenvolvimento da pessoa e a limitação da capacidade de vivenciar de forma plena a sua sexualidade.

Afirmo, diante das expectativas e observações, que existe um silêncio dentro do espaço da escola a respeito da sexualidade a partir do âmbito familiar. Isso pode levar algumas mulheres a fantasiarem e se despirem do próprio prazer do corpo e da vida compartilhada.

Beavoir (1980) enfatizou que muitas vezes o casamento representa um rapto do universo infantil para culminar na vida de esposa, o que pode ser sentido de forma violenta na passagem de moça a mulher, deixando sequelas para a vida toda e que, de um modo peculiar aparece na vida adulta.

Durante o tempo de convívio com as professoras sujeito da pesquisa, foram surgindo temas para debate. Assim, foi preciso estabelecer entre os critérios, os “níveis de importância” que as mulheres entrevistadas conferem a assuntos como *processo de envelhecimento, sexualidade, educação continuada e aposentadoria*.

ED: Os nossos *problemas de pessoa*, são falados e as questões da vida, vamos trazendo, fazendo ligações com o que a gente te lido.

No entanto o processo de envelhecimento é captado apesar do simbolismo imposto pelas representações sociais.

A imaginação está empobrecida, enquanto o mundo externo reluz com milhares de cores. O balé das imagens, a expansão violenta dos sons, os raios laser e as diversões ruidosas são mais reluzentes que nossos pensamentos (LACROIX, 2006, p. 146).

Para Sousa (2007), o corpo, a sexualidade e o controle desta, constituem-se temas instrumentos para desconstituírem a imagem das mulheres como sendo, exclusivamente reprodutoras assexuadas, cujo desejo só teria realização concreta, no espaço da família e no cuidado com os filhos. Para algumas mulheres a sexualidade humana é tida como uma dimensão que tem sua evolução no envelhecimento e não se limita por causa dele, como pode ser evidenciado através da EF.

EF: Sou casada. Gosto de caminhar na praia com meu marido. Coloquei a minha casa a venda, porque quero algo diferente. Moro no mesmo lugar faz vinte anos. Falo sempre sobre a importância de ter qualidade de vida. A velhice é a consequência do modo como levamos a vida, não é? Tento viver da melhor forma possível comigo e com o meu corpo.

Outras, porém, pensam no processo de envelhecimento como algo associado à finitude ou que possa estar associado a quadros de angustia, de formulação de preconceitos que aparecem diante dos primeiros sinais de falta de vitalidade e desilusões.

ED: Tenho medo de envelhecer sem qualidade. É um tema que a gente acaba fugindo, não quer falar sobre ele. É porque diz respeito a muita coisa: corpo, mente, jeito de viver. O tempo passa, não adianta. Falar sobre isso dá uma tristeza, sim. A gente quase nunca fala sobre isso e quando fala, se apavora.

O medo de envelhecer apareceu muito nas falas das mulheres professoras entrevistadas. Creio que, realmente o processo de envelhecimento lhes remeta ao medo da morte e deva ser um aspecto a ser considerado importante para ser discutido. De fato, posso afirmar que a morte não é um assunto que comumente falamos na escola, tampouco em casa, pois não raro, gera desconforto. Tudo isso parece ser uma caixa que precisa ser aberta porque pelo visto, raramente as mulheres professoras sujeitos desta pesquisa sentiram-se à vontade para falar sobre os próprios medos, incluindo a morte e a solidão.

No capítulo seguinte, as narrativas denotam as questões socioculturais que impregnam as palavras e os sentidos das mulheres professoras que colaboraram para que esta Tese pudesse trazer à tona o difícil ajuste entre os períodos do desenvolvimento da pessoa, incluindo a chegada da senescência

#### **4.9 Nas narrativas, o teor das suas lembranças**

*Não sei se a vida é curta ou longa demais pra nós. Mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocamos o coração das pessoas. E isso não é coisa do outro mundo, é o que dá sentido a vida e o que faz com que ela não seja nem curta nem longa demais, mas que seja intensa verdadeira e pura enquanto dura.*

Cora Coralina

Nas entrelinhas das narrativas dos sujeitos desta pesquisa, ficaram evidentes as questões históricas e sociais constituídas no seu imaginário no que se refere às relações de gênero na profissão docente, exteriorizadas em suas falas:

EA: Ser professora é algo muito gratificante pra mim. Ainda lembro da minha primeira professora e do jeito com que ela falava: tinha um rosto manso, delicado, feminino. Era uma fada

dentro da sala de aula. Tinha os cabelos longos com cachos e pintava as unhas de um tom meio rosa, meio lilás. Ela ainda vive bem nítida na minha memória.

Nas conversas subsequentes com as participantes da pesquisa, foi possível identificar algumas das dificuldades no trato do tema envelhecimento dentro das instituições de ensino.

EC: Eu não conheço nenhum projeto dentro da escola que fale sobre o envelhecimento ou algo que nos traga dicas de como envelhecer melhor. Temos plano de saúde e tem um pessoal que até vai na escola se a gente pedir, mas é só isso, nada diretamente ligado ao envelhecimento.

Com isso, posso dizer que é mais fácil analisar o nível de segurança e confiança de cada participante no estabelecimento de um debate original no que diz respeito aos desafios físicos e psicológicos impostos ao sujeito que envelhece.

Após proporcionar, através dos temas, a discussão acerca do envelhecer, propus pensar sobre a elaboração de um projeto para ser desenvolvido na escola, que pudesse trazer à tona questões acerca do processo de envelhecer e que fosse discutido, primeiramente com os colegas de escola e, posteriormente, fossem criados outros projetos para serem trabalhados com os alunos a partir da Educação Básica.

ED: Acho que seria muito interessante sim ter um projeto dentro da escola. As crianças, além de aprender a respeitar os mais velhos poderiam conhecer melhor a si mesmas.

Cada uma das participantes criou uma sugestão de projeto com o intuito de promover a discussão sobre o processo de envelhecimento na vida da escola e a necessidade de falar sobre os ciclos de vida (Quadro 3). O tema do projeto seguiu o viés do bem-estar e da qualidade de vida e os nomes dos projetos foram pensados conforme a criatividade de cada uma.

EA	EB	EC	ED	EE	EF
O riso no ambiente escolar	Educação e Saúde intergeracional	Qualidade de vida é mais saúde!	Ciclo vital e os desafios deste milênio	Formação e desenvolvimento para a vida adulta	A saúde começa pela boca
Semestral/ comunidade escolar	Semestral/ comunidade escolar	Semestral/ docentes escola	Semestral/docentes	Semestral/docentes e alunos do ensino médio	Semestral/ docentes e alunos da educação infantil e ensino fundamental
Argumento: a produção deliberada de sorriso aproxima a atividade cerebral da felicidade espontânea. Nesta perspectiva, o riso e o bom humor pode aproximar as pessoas na escola.	Argumento: O projeto visa auxiliar professores a administrar conflitos internos (os seus) e externos (dos alunos e colegas) e com isto promover mais saúde no ambiente escolar.	Argumento: Desenvolver ferramentas que auxiliem na promoção da saúde física e mental docente, estimulando a auto-avaliação, a pesquisa e parcerias com profissionais da área da saúde.	Argumento: Promover o autoconhecimento, Conhecer a estrutura e as características do grupo de trabalho, Reconhecer o processo de envelhecimento como um ciclo vital diante de vários desafios.	Argumento: Promover o autoconhecimento dos professores e preparar os alunos para a vida adulta, Auxiliar professores e alunos a compreenderem os conflitos geracionais,	Argumento: O projeto visa identificar a necessidade de cuidar de si e do outro abordando temas que vão desde a alimentação equilibrada até as palavras de incentivo que falamos.
Desafio: Propagar a alegria e o riso a partir do ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade escolar e com isso, reforçar o sistema imunológico da pessoa e do "ambiente".	Desafio: Desenvolver o sentimento de pertencimento ao grupo e o respeito às experiências do outro. Elaborar um conhecimento mais específico sobre os ciclos da vida e a promoção da saúde.	Desafio: Desenvolver oficinas de talentos (dança, arte, literatura); Palestras uma vez por mês com temas que auxiliem na promoção da saúde e do entendimento do processo de envelhecimento.	Desafio: Realizar estudos sobre o envelhecimento nas reuniões pedagógicas; Criar um site da escola com dicas de bem-viver; Evidenciar as trajetórias formativas, narrando as suas lembranças de vida no magistério,	Desafio: Realizar estudos e debates sobre a formação para a vida adulta e consequentemente para o entendimento sobre o envelhecimento; Criar um painel com a fundamentação teórica sobre a vida no sentido biopsicossocial, falando sobre os gostos e preferências das pessoas neste século e seus modos de viver.	Desafio: Desenvolver projetos dentro deste projeto maior, que evidencie a necessidade de comer bem, falar bem e falar coisas positivas para sentir-se melhor consigo e com o outro.
Atividades: Lanches coletivos Terapia de grupo na sala dos professores Relaxamento, ginástica laboral, ginástica facial, dança circular, passeios, filmes, noite dos talentos.	Atividades: ENCONTRÃO; nome para a atividade que reunirá, por grupos, alunos e professores para o convívio saudável. Passeio até uma chácara para jogos e brincadeiras.	Atividades: Oficinas, palestras, aulas de dança, massagem, jantar dos professores para confraternização.	Atividades: Oficinas com profissionais da saúde, leitura de artigos, criação de um site sobre bem-estar.	Atividades: Palestras com psicólogos e nutrólogos, Assistir filmes que falem sobre o tema da interação entre jovens e adultos.	Atividades: Ciclos de estudos, palestras com psicólogos e nutricionistas, oficinas de criatividade, oficinas de culinária.
Confeção de um livro de histórias engraçadas com fatos ocorridos na escola.	Confeção de um painel com fotos elencando as diferentes fases da vida e a necessidade de todos conviverem.	Confeção de um artigo para publicar no jornal da cidade sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas na escola sobre o processo vital, incluindo o envelhecimento e a necessidade de compreendê-lo.	Confeção de um site sobre bem-estar como forma de falar sobre os ciclos da vida.	Confeção de um painel com fotos, artigos e dicas de bem-viver.	Confeção de um livro de receitas com o título A Saúde começa pela Boca, com dicas de bem-viver e de alimentos saudáveis.
Atividade final: Noite de autógrafos dos livros e palestra para os pais sobre o projeto.	Atividade Final: Palestra com um fisiatra sobre os cuidados com a saúde. Convidar toda a comunidade escolar para assistir.	Atividade Final: Baile-show de talentos no salão de festas da escola. Convidar para esta atividade final as professoras aposentadas que fizeram parte da história da escola.	Atividade Final: Lançamento do site em uma reunião pedagógica com a presença de todos os participantes do projeto, incluindo a comunidade escolar.	Atividade Final: Noite de talentos na escola com apresentação de jovens e adultos.	Atividade Final: Noite da musica na escola: Pais, alunos e professores cantarão grandes sucessos da MPB.

Quadro 3 - Projetos Criados pelas professoras.

Ao apresentarem os projetos, questionei-as sobre a possibilidade de colocá-los em prática:

EA: Talvez a gente não consiga fazer exatamente como está aqui, mas é a coragem de tentar que vai modificar alguma coisa na escola e dentro da gente também.

EB: Acredito que algumas de nós vai encontrar dificuldades [...] mas é tão desafiador tudo isto que vale a pena tentar.

EC: Tudo o que é novo sempre gera uma certa desconfiança ou até uma negação, mas é importante dizer que a gente se sente mais forte porque nos damos conta que é preciso realmente falar sobre assuntos que a gente nem pensava em falar.

ED: Eu acredito que vou conseguir pôr em prática e se por acaso não conseguir como eu gostaria, vou fazendo no meu cantinho, na minha sala e sei que vão prestar atenção, daí então eu vou ampliando.

EE: O importante é realmente tentar. É algo novo? É. Então vamos levar adiante aquilo que vai nos ajudar como pessoa!

EF: Eu estou determinada a pensar em mim e na minha forma de ir envelhecendo. Se as dores fazem parte, vamos enfrentá-las. Se nem todos vão gostar, paciência, porque o importante é realmente tentar.

Dessa forma, pode-se concluir que as questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento criam condicionamentos que influenciam o cotidiano das mulheres professoras.

EF: Eu sei que envelheço e acho que na escola não existe um espaço onde a gente possa se sentir bem envelhecendo. Pelo contrário: a gente vai envelhecendo e vão todos nos desvalorizando porque o corpo começa a dar sinais de cansaço, não é?

Para Pinguart e Sorensen (2000), o bem estar subjetivo é a avaliação da vida da pessoa associada aos sentimentos bons, o que envolve uma relação satisfatória com diferentes aspectos da vida, como o bem-estar sócio-econômico e uma rede de apoio social.

Estes mesmos autores comprovaram em suas pesquisas que, ao contrário do que é posto, o bem estar de pessoas mais velhas cronologicamente não é necessariamente mais baixo do que em pessoas mais novas e pode ser avaliado qualitativamente através da autoestima, da felicidade e da satisfação com a própria vida. Para eles, nas diferenças de gênero as mulheres são mais afetadas de forma positiva pelos aspectos que envolvem relações familiares, ao contrario dos homens, que demonstraram maior influencia positiva em razão do status social. Assim, pode-se dizer que os relacionamentos com amigas tendem a ser também muito importantes para o bem estar subjetivo.

EA: [...] vejo muita gente mais velha com alegria de viver. Acho que é o modo de vida. Dentro do magistério a gente é feliz, mas é porque a gente, eu tu [...] faz ser assim.

Entendido o envelhecimento como um processo vital, a velhice foi discutida como uma etapa da vida. Há que ser considerado que a longevidade apontada para o século XXI sugere um manancial de questionamentos que envolvem seguramente o bem-estar de todos os sujeitos que ultrapassaram ou ultrapassarão a barreira cronológica reivindicando um maior reconhecimento de sua autonomia e da realização plena de seus anseios.

É importante dizer que as falas tem o poder de reconstruir as diferenças e de enfrentar as individualidades. O esforço de escapar do estigma da velhice aparece na tentativa de cuidar, mesmo que superficialmente, do corpo. Caminhar ou fazer as unhas lhes parece quase que suficiente para “cuidar-se”, o que indica a

necessidade de uma amplitude, sem desconsiderar seus esforços, sobre os cuidados com o corpo e com a mente para uma vida saudável.

No capítulo a seguir, as dificuldades e as verdades que sugerem a necessidade de aprofundar o tema do envelhecimento na sua esfera íntima, abordando de um modo singular todo o manancial que faz parte dos ciclos de vida e que não tem sido debatidos com a naturalidade que, no meu ponto de vista, lhe seria peculiar.

#### 4.10 A sexualidade

*Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.*

Lya Luft

O motivo primeiro da minha inquietação enquanto pesquisadora, - de verificar como as mulheres, no meio educacional lidam com o seu processo de envelhecimento e se existe, neste meio, projetos voltados para isso - assinalo que o tema da sexualidade não foi abordado com facilidade. Na verdade, não houve uma abertura maior por parte das entrevistadas para falar de algo de foro tão íntimo.

EA: Eu prefiro não falar de toda a minha intimidade [...]. Prefiro deixar a minha vida bem íntima resguardada [...].

EC: Olha, falar sobre o envelhecimento já é algo bem complexo. Imagina falar sobre a minha vida bem na intimidade? Prefiro falar sobre outros pontos do envelhecimento (risos).

As entrevistadas restringiam-se a falar de suas vidas de uma forma geral. Houve uma desistência bem no início das entrevistas, justamente porque a participante acreditava que *iriam tocar muito nesse tipo de assunto* e ela dizia que *achava que não iria gostar*. Imediatamente outra pessoa passou a tomar o lugar da entrevistada, porém condicionou a sua “entrada” a não falar muito *nesse assunto de*

sexo, o que mais uma vez evidencia a confusão entre os conceitos de sexualidade e sexo. Acredita-se que houve dificuldade em razão dos paradigmas, mitos e preconceitos que supostamente afastam o indivíduo que busca o conhecimento pelo exercício pleno das suas atividades sensoriais. Mesmo com essa negativa, o trabalho fluiu facilmente, articulando um conjunto de ações individualizadas com características próprias que desenharam um perfil próprio.

Um dos desafios, além do tempo para a coleta de dados e o próprio espaço físico, foi o de mediar alguns contrapontos entre as entrevistadas às quais sempre foi proposto um discurso espontâneo com prioridade de escuta. Neste processo, foi preciso fazer, algumas vezes, breves intervalos durante o tempo de cada encontro/aula. Esse modo que apresentou-se (do embate) serviu também para um autoencontro, o que evidenciou a grande dificuldade embutida na extroversão didática ao falarem sobre assuntos supostamente conhecidos, mas ainda empregnados de mitos, paradigmas e preconceitos.

A percepção das mulheres em questão sobre o envelhecimento carrega verdades empíricas familiares, transmitidas de forma verticalizada. Apesar de terem uma visão sobre o envelhecimento, o consideram uma parte da vida em que aparecem as doenças e as perdas são maiores, tanto no campo afetivo quanto biológico. Durante as falas, elas foram estruturando ideias para colocarem em prática nas suas vidas e nas suas escolas na tentativa de vencerem as “desvantagens do envelhecimento”, abrindo uma brecha para projetos que abordem o tema.

EE: Depois de tanto conversar com as colegas da aula do pós-graduação sobre o envelhecimento, posso dizer que eu mudei muito em relação a mim mesma e quero desenvolver alguma coisa dentro da escola que ajude as pessoas a acordarem e a se darem conta que todo mundo fica mais velho, que o tempo passa e que existem perdas que fazem parte de tudo isso.

EC: Um exemplo bem claro pra mim: As aulas do pós-graduação, desta matéria, foram sobre a questão do envelhecimento. Podia? Podia sim, porque é uma abordagem

sociológica da pessoa. E porque não pensamos nisso nas aulas de História, de Geografia ou de Língua Portuguesa?

EB: Acho que o envelhecimento pode ser falado até nas aulas de geografia. Em todas as matérias, para todas as idades. Para os pequenos, podemos falar sobre os cuidados com o corpo, falar sobre hábitos saudáveis de vida, trazer pessoas mais velhas para falar sobre a sua forma de se cuidar. Usar exemplos.

ED: O Plano Político Pedagógico da escola pode ter um projeto sobre o envelhecimento, falando aos professores, funcionários, pais e alunos sobre hábitos de vida saudável e sobre as perdas que temos com o passar do tempo e que podem ser vistas de uma forma mais positiva. [...]. É preciso fazer uma grande reunião sobre isso e levar o que aprendemos aqui para compartilhar com os colegas e daí criar projetos.

Em todos os seis encontros as mulheres abordaram o tema com curiosidade e associavam um ou outro meio de estar atenta ao seu próprio processo de envelhecimento ou estar dedicando algum tempo para falar sobre isso com outras pessoas, incluindo alunos e colegas. A partir daí, foi possível também identificar a não existência no meio educacional do qual as mulheres entrevistadas fazem parte, de programas ou estratégias que abordem os processos que influenciam no cotidiano das educadoras no que se refere ao envelhecimento, ao trabalho, ao lazer, a concepção de corpo, a sexualidade e outros fatores percebidos e comentados.

Nas conversas e nos registros, ficou claro que todas as seis mulheres entrevistadas viveram, há pouco mais de duas décadas atrás, uma imagem da velhice representada por perdas sucessivas, repressão e interdição de alguns sonhos. As percepções construídas quando tinham faixa etária entre 20 a 25 anos, provavelmente tenham restringido algumas das suas vontades.

EB: Depois que a gente tem filho, fica muito mais difícil fazer coisas como estudar mais, fazer outra faculdade ou viver de outra forma que não seja trabalhar muito para poder dar o melhor para os filhos, mas daí o tempo vai passando e a gente vai sentido que não tem mais gás.

Pode-se dizer que os mitos e preconceitos que envolvem as inquietações da pessoa, estabelece um contexto que os preserva. E esse mesmo contexto parece guardar uma corporalidade e uma estética construídas em um enfoque no qual deve-se sempre manter as características da juventude. Resgatar, através do discurso a autoestima e a percepção da própria corporalidade, é um desafio implícitos nos projetos para que sejam elaboradas questões para melhor responder às inquietações que fazem parte do processo de envelhecimento.

Os resultados apontam que a percepção da corporalidade destas mulheres do que foram no passado, numa tentativa velada de reaver no espelho a funcionalidade e a vitalidade, consideradas importantes para uma beleza menos efêmera.

ED: O corpo vai mudando, sem dúvida. O metabolismo está cada vez mais lento. O próprio estresse faz a gente comer mais. Daí o espelho não mente: os quilos a mais nos deixam mais pesadas e mais indignadas com o tempo.

Embora poucas delas se digam satisfeitas com o próprio corpo, evidenciou-se dificuldade em problematizar, nos seus discursos, as alterações ou limitações íntimas que por ventura as incomode. Por vezes, a pesquisadora tentou abordar este tema, mas as falas restringiram-se a sorrisos e meias-palavras, negando a tentativa de abordagem por parte da entrevistadora/pesquisadora.

Em meio a este processo, foi percebido que elas queriam falar muito mais sobre a vitalidade do corpo, trajetória de vida e uma concepção de estética que valorize e reforce seus papéis sociais.

ED: Acho importante me sentir bem e bonita pra mim. Na verdade, quero é ser valorizada pela pessoa que eu já sou e pela profissional que eu quero ser: ainda melhor e mais estudada, por isso estou fazendo este curso de pós-graduação.

Uma das questões que evidenciou a necessidade de buscar conhecimento sobre as transformações do corpo, foi a questão do climatério. A entrada neste período as tem levado a pensar sobre o assunto, embora nem todas falem abertamente sobre ele.

EF: Eu menstruo regularmente, mas sei que o climaterio chega antes da menopausa e que vamos chegando a um período da infertilidade. Isso mexe com tudo: corpo, cabeça [...]. Como vou ao ginecologista, estou bem atenta. [...]. Quando surge dúvida, pesquiso, mas este não é um assunto que é falado na escola. [...]. Acontece mais com quem está passando pelo mesmo processo.

Mesmo diante da necessidade e da falta de abertura para falar sobre temas íntimos, as mulheres professoras sujeitos da pesquisa demonstraram saber bastante sobre as mudanças hormonais causadas pelo climatério e menopausa, como pode ser verificado no capítulo a seguir.

#### **4.11 O Climatério pela visão das entrevistadas**

Durante as aulas, foram realizadas diversas intervenções, como a apresentada a seguir, por uma fala da pesquisadora, quando fala sobre o climatério e a menopausa:

As pessoas geralmente desconhecem as diferenças entre as diversas fases desse período denominado genericamente de menopausa. [...] O climatério inicia-se por volta dos 41 anos de idade e estende-se, até aproximadamente os 65 anos de idade. Sabe-se que é um período marcado por algumas alterações físicas e psicológicas. [...] Nesse espaço de tempo, ocorre a

menopausa, ou seja, a data que em acontece a última menstruação e pode ser determinada de maneira retrospectiva depois que a mulher passa pelo menos um ano sem menstruar (pesquisadora).

Para dar suporte à sua fala, a pesquisadora explorou com as alunas, o texto Características do Climatério, em que o Doutor Drauzio Varella entrevista o médico psiquiatra Joel Rennó Jr. que coordena o programa de atenção à saúde psicológica da mulher, Pró-Mulher, desenvolvido no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade São Paulo.

Para surpresa da pesquisadora, as mulheres entrevistadas tinham um conhecimento prévio da questão, inclusive sobre a necessidade de procurar o médico quando necessário:

EF: A gente sabe que as nossas alterações de humor, os nossos cansaços [...] tem a ver com a idade, mas também com as alterações hormonais em função do climatério, afinal, estamos passando dos 4.0 (quatro ponto zero)!

ED: Eu penso que quando estou muito irritada não pode ser apenas uma simples irritação. Eu já associo ao climatério. Tenho que ir ao médico, porque ele pode ver a dosagem de hormônios através de exames. A gente sabe, mas acaba não indo.

Quando fala-se em menopausa, é preciso deixar bem claro que muitos e diferenciados fatores influenciam o processo. Não pode-se dizer que é apenas uma questão hormonal. Coexistem fatores psicossociais preponderantes que marcam esse período e podem estar na gênese dos transtornos psíquicos. O diagnóstico é eminentemente clínico e só pode ser avaliado por um médico, levando-se em conta a idade cronológica, alterações menstruais e outros sintomas. Por outro lado, é preciso atenção ao comportamento de cada pessoa em relação a essa fase. Por exemplo, se uma pessoa depara-se com os filhos crescidos, saindo de casa e além disso a relação conjugal passa por transformações que exige diálogo e atenção, é

bem provável que esta mulher tenha que recorrer a um manancial de recursos internos e de personalidade para elaborar de forma construtiva as modificações que por ventura estejam ocorrendo em sua vida.

EC: Não é fácil ver os filhos crescendo. É muito bom, mas eles vão ter vida própria e vão ganhar o mundo. Isso mexe com a gente, com as nossas estruturas. A gente se pega pensando sobre tudo o que fez enquanto o filho crescia.

Em uma entrevista ao Dr. Drauzio Varella, o médico Joel Rennó Jr (2012) falou que as alterações psicológicas variam e estão diretamente ligadas à história de vida de cada mulher.

Em psiquiatria e psicologia, é muito importante ter um follow-up, levantar um histórico preciso da vida da pessoa. Por exemplo, há mulheres que mudam drasticamente de comportamento e atitudes, como se tivessem mudado de personalidade. A pessoa alegre e extrovertida de antes, que elaborava de forma construtiva suas frustrações perante a vida, transforma-se noutra, cabisbaixa, pessimista e irritável, queixando-se de angústia com frequência. O marido observa que ela está de pavio curto, estourando por motivos banais. Por isso, em saúde mental, nunca se pode considerar um corte transversal na vida da mulher. É preciso levantar um histórico para avaliar o que mudou nas relações e interações com ela mesma e com as pessoas de seu convívio familiar e social (RENNÓ JR., 2012).

EF: Eu presto atenção ao meu comportamento quando estou perto de menstruar. É muito comum eu ter alteração de humor e isso acaba refletindo na minha vida e no meu trabalho.

Outra questão levantada foi a questão da memória. Para o entrevistado do Dr. Drauzio Varella: “Nessa fase, as queixas de perda de memória são muito importantes. ”Doutor, tenho que anotar tudo. Não me lembro mais das datas dos aniversários, e esqueço o número dos telefones de pessoas para as quais ligo costumeiramente. Muitas temem estar desenvolvendo um quadro demencial e procuram neurologistas e psiquiatras, queixando-se dessas alterações de memória. A queda na produção de hormônios também se reflete no padrão de sono, que pode melhorar com a terapia de reposição hormonal (TRH)”.

EC: Eu acabo mesmo esquecendo de muita coisa. Dá um branco! É como se coisas tão banais fugissem da minha cabeça. Eu não era assim.

#### **4.12 Interpretação dos dados sobre envelhecimento presente nas falas das entrevistadas**

*Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.*

Lya Luft

Através da análise das falas, o fato de envelhecer para o grupo de participantes do presente estudo corresponde a algo inevitável, natural e universal que ocorre desde o nascimento. O tema, por sua vez, assusta em função da quantidade de dúvidas sobre as próprias modificações que estão sendo observadas no corpo, gerando um aparente *desinteresse* e uma “dor” por terem que pensar e falar sobre o próprio envelhecimento visto a consciência da não possibilidade de fugir do processo.

Envelhecer é um grande desafio e acaba influenciando não só na vida familiar, mas também na profissional. O aumento da idade trás consigo um cansaço físico. Atividades que antes eram realizadas com boa aptidão, passam a gerar desânimo. Sinais de que o corpo está passando por modificações são expressos em falhas da memória (brancos) e nas alterações hormonais que afetam o metabolismo e o humor.

A diferença entre o adulto jovem e o adulto médio, em termos temporais, consiste em que o primeiro parece possuir ante si um tempo ilimitado o que o torna um gastador desta temporalidade (MOSQUERA, 1987, p. 96).

Medidas de prevenção para um envelhecimento com qualidade de vida foram citadas, como alguns cuidados com a alimentação e com o corpo pela prática de exercícios físicos. Da mesma forma a orientação médica e a preservação da saúde foram abordadas. Um fato importante é que por se tratar de uma cidade do

interior, parece que o acesso a médicos é mais fácil, principalmente porque todas tem plano e convenio de saúde, recorrendo à Capital somente em casos específicos.

Através dos dados coletados, foi possível perceber que as mulheres sujeitos da pesquisa lidam com a questão do envelhecimento de forma superficial, sem um maior aprofundamento. Seria preciso um enfoque mais psicológico para identificar os motivos pelos quais o processo de envelhecimento *parece ser pouco explorado* na sua esfera mais íntima.

Para Mosquera (1987, p.151),

[...] cada idade é uma tentativa de poder se afirmar em um mundo em constante mudança e desequilíbrio. Dessa forma, acredita-se que a mutabilidade constante da vida e das tentativas de equilíbrio pelas quais todas as pessoas provavelmente passem, de certa forma vão acomodando-se no sentido de organização e com isso, cedendo espaço para maiores questionamentos de forma mais aprofundada.

Para Robergs e Roberts (2002) o processo de envelhecimento não é simplesmente o passar do tempo, mas a presença de eventos biológicos que acontecem ao longo de um período e não são uma patologia, mas um processo natural que acontece com tudo o que tem vida neste planeta e não apenas com os seres humanos.

O efeito da proposta de falar sobre a questão do envelhecimento pode ser uma forma de sensibilizar as pessoas a darem vazão às suas perguntas mais íntimas sobre a existencialidade. Além disso, de acordo com Vieira (2004), o envelhecimento é um fenômeno, marcado por mudanças, bem como a adolescência e a maturidade. Ambas mudanças acontecem de forma biopsicossocial específica e associada à passagem do tempo. Serão as considerações à sua universalidade, que variará de pessoa para pessoa que deve ser respeitada na sua diversidade.

Para dar vazão ao que acabo de afirmar, segundo autores citados, o capítulo seguinte dá sustentação ao movimento que pode surgir nas escolas, através das mulheres professoras sujeitos desta pesquisa para que se inicie um tempo de conhecimento acerca do valor e das peculiaridades do processo de envelhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de apresentar possibilidades de um olhar sobre o envelhecimento através da presente pesquisa, possibilitou levantar as principais questões biopsicossociais que fazem parte do processo de envelhecimento de um grupo de mulheres docentes de uma cidade na Grande Porto Alegre de uma forma multiangular para perceber como o envelhecimento é tratado por este grupo de pessoas que trabalha no meio educacional.

Através dos dados coletados, foi possível perceber que as mulheres sujeitos da pesquisa lidam com a questão do envelhecimento de forma superficializada, sem um maior aprofundamento, pois em muitos momentos deixavam claro que falar sobre a questão do envelhecimento lhes causava desconforto. Seria preciso um enfoque mais psicológico para identificar os motivos pelos quais o processo de envelhecimento *parece ser* pouco explorado na sua esfera mais íntima.

É provável que através de projetos voltados à questão do envelhecimento, a escola consiga compreender que este é um assunto que faz parte da vida cotidiana e por consequência, da vida da escola.

As professoras entrevistadas demonstraram interesse e criatividade para desenvolver projetos nas suas escolas com o objetivo de que o tema envelhecimento seja introduzido de forma fluída e contínua, que torne-se fonte de conhecimento e sirva de incentivo para que as gerações mais novas compreendam a necessidade de se estar atento aos aspectos biopsicossociais que envolvem todas as fases da vida.

Assim, caberia também aos gestores dos municípios, nas suas secretarias de Educação e Cultura, a elaboração de um projeto que abrangesse as escolas através de uma equipe multidisciplinar formada por médicos, nutricionistas, dentistas, fisioterapeutas, educadores físicos e psicólogos que contribuissem, através de ciclos de palestras, com o descortinar de um tema que provavelmente tem sido pouco abordado: o processo de envelhecimento da mulher professora. Em relação ao gênero masculino, seria igualmente interessante este tipo de abordagem, todavia nesta pesquisa o mote restringiu-se ao gênero feminino.

O teor da pesquisa não se restringe apenas na verificação através dos dados coletados, mas no conteúdo oculto que se mostrava mediante a conversa em aula, ou ainda nos intervalos, como se entre pesquisadora e pesquisada houvesse e havia- uma espécie de sinergia, ou seja, todas as conversas eram acolhidas de forma atenta sem descuidar-se da importância do olhar seguro da pesquisadora na tentativa de validar a quem falava sobre si- as pesquisandas- cada palavra como um testemunho aberto de vida e de valores.

O envelhecimento é um processo universal, é um termo geral que segundo a forma em que aparece, pode-se referir a um fenômeno fisiológico, de comportamento social, ou ainda cronológico, isto é, de idade. É um processo em que ocorrem mudanças nas células, nos tecidos e no funcionamento dos órgãos. (ZIMMERMAN, 2000,p.06)

Com isto, fica ainda mais clara a necessidade de apoiar as pessoas nas suas formas de expressão. O rosto pode emoldurar um olhar atento, fato que provavelmente favoreça o florescimento de idéias e ações. Nas palavras de Lévinas (1982), “no rosto, apresenta-se o ente por excelência” e por conseqüência, a palavra proferida e escutada tem um significado libertador.

Posso afirmar que nos depoimentos citados ( e nas conversas informais), existe um monstro temido: a perda da autonomia e a solidão. Contudo, há uma certa ambigüidade, porque embora as mulheres professoras sujeitos desta pesquisa buscam entender o processo de envelhecimento, tentam escapar das adversidades implícitas nos fatos que a própria vida, no seu curso, pode trazer às pessoas. É como se quisessem afastar de si o monstro do envelhecimento e ao mesmo tempo sabem da real necessidade de enfrentá-lo.

A expectativa de vida tem aumentado com o passar dos anos e no Brasil existe a esperança de que se viva até os 67 anos, embora em 2025 uma brasileiro possa chegar aos 74 anos. Esses dados revelam um crescimento expressivo na expectativa de vida, visto que em 1940, a esperança de vida não ultrapassava os 42 anos e em 1970 vivia-se até aproximadamente os 60 anos (ZIMMERMAN, 2000).

A velhice assusta, como foi possível verificar nesta Tese, porém, com o aumento de expectativa de vida do povo brasileiro , aos poucos o processo de envelhecimento vai ganhar um debate cotidiano se forem tomadas as devidas medidas quanto levar este assunto à escola.

A questão biopsicossocial do envelhecimento se manifesta através do corpo físico e do corpo psíquico que atua na esfera social. É através do rosto que se faz um primeiro contato com o outro e esta é uma questão que precisa ser levada em conta para que hajam discussões sobre o processo de envelhecimento; o olhar, o rosto, a expressão de quem fala e ouve. Deve-se agregar ainda que para Lévinas (1982), o acesso ao que se vê na identificação da imagem do rosto é, num primeiro momento, algo ético. Para este autor, quando vemos um rosto, podemos descrever os olhos, o nariz, a testa e nos voltamos para o outro como se fosse apenas um objeto. Porém, a relação com o rosto pode ser algo que se decodifique na percepção, mas o que é o rosto de forma específica é algo que não se reduz a ele, mas a algo que vai além da aparência. Agrego a isso a uma percepção contida nos encontros com as participantes da pesquisa, expressando através do nosso rosto – o meu e o delas – e complementando com nossas palavras aquilo que somos.

Finalmente, as ações que surgem a partir do ponto de vista multiangular provavelmente assentarão dúvidas e certezas, aproximações e afastamentos em torno do tema envelhecimento. Que seja tratado com respeito e dignidade para que a mulher professora alcance maiores e melhores possibilidades de sentir-se bem na própria pele, no próprio corpo e com suas próprias escolhas.

A cognição é uma metanecessidade ou um valor superior, surgido após a gratificação de outras necessidades e que as pessoas em individuação possuem. Para se chegar à individuação não se excluem as necessidades deficitárias, pelo contrário, os opostos, isto é, a carência e a gratificação, devem ser considerados e igualmente valorizados a fim de que possamos integra-los (MOSQUERA, 1987, p. 160).

Através desta pesquisa baseada na proposta para inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola, pude constatar ser possível a desconstrução de supostos preconceitos sobre temas da vida adulta e do processo de envelhecimento.

Numa abordagem formal de conteúdo, devo agregar: a pretensão é que fosse atingida de forma significativa parte dos objetivos desta pesquisa, culminando a elaboração de estratégias e projetos por parte das mulheres professoras sujeito da pesquisa sobre a temática da adultez e do processo de envelhecimento como foco da discussão do ser pessoa na contemporaneidade e encontrei, na proposta de

trabalho, a certeza de poder associar a relevância do tema ao desenvolvimento da pessoa levando em conta a sua ordem social, psicológica e da sua dignidade.

Para falar sobre processo de envelhecimento humano a partir da Educação Básica, sugiro agregar ao currículo das escolas a produção de um material que pode resultar na elaboração artigos a partir da análise dos relatos de experiência.

As questões da vida adulta e do envelhecimento são aspectos do mundo da vida e a escola é um espaço rico onde as contradições e os dilemas do viver humano estão (ou poderiam) estar sendo tratados com mais evidência e dignidade. Estou mais certa desta afirmativa ao final desta pesquisa, justamente porque o presente estudo permitiu conhecer melhor a percepção das mulheres entrevistadas em relação ao seu de processo de envelhecimento no que diz respeito ao modo como estão vivendo suas vidas na atualidade, tanto na esfera pessoal quanto laboral.

A pesquisa possibilitou identificar alguns aspectos culturais e subjetivos do processo de envelhecimento feminino no meio educacional e reconhece-lo como um processo biopsicossocial que está associado a fatores sociais, psicológicos e históricos. Com o apoio da interface nas ciências sociais e biológicas, foi possível abordar alguns fatores que possibilitaram uma maior fundamentação e abrangência, levando-se em conta a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica.

Acredito e defendo a ideia de que seja necessário abrir possibilidades de projetos voltados ao assunto *envelhecimento* entre os profissionais da educação e, ao mesmo tempo, haver maior preocupação para o desenvolvimento de estratégias que assumam uma postura ativa diante de tal questão.

Sugiro, a partir desta Tese que sejam criadas estratégias não apenas para o âmbito da saúde, mas que haja um olhar lúcido às leis que favorecem a condição do adulto no seu processo de envelhecimento promovendo-o na sua capacidade de maior produtividade para a sociedade, o que provavelmente diminuiria boa parte dos problemas sociais atribuídos à idade cronológica, bem como problemas de saúde tanto física quanto psicológica.

Ao planificar uma velhice de forma consciente e autônoma, é bem provável que a pessoa perceba que os anos vividos lhe terão valido a pena. O uso da teoria para validar este discurso pode ser encontrada em textos que se utilizam da Teoria Humanista e da Psicologia Positiva, férteis para mobilizar um pensar sobre si e sobre o significado de estar no mundo, além de outras leituras sobre a questão do

envelhecimento, sempre importantes para reflexão. É interessante pensar em uma planificação de estudos para que os professores tenham acesso a este tipo de formação.

É um modo audacioso de modificar o pensamento controverso de que o jovem está voltado ao futuro e que os mais antigos contemplam apenas o passado.

É possível que aquele vive mais tenha uma maior chance de fazer um balanço constante e profícuo daquilo que viveu, testemunhou ou presenciou.

Finalmente, devo dizer que no meu entendimento enquanto pesquisadora e professora, a escola poderia aproveitar o rico manancial de relatos de vida de seus professores ao longo da sua trajetória profissional, que são proteicos na reconstrução da história de todos nós, criando em seu núcleo um grupo de estudos sobre as questões do envelhecimento.

As alegrias e angustias do processo vital, cabem nas palavras e deveriam caber também nas escolas, como se de alguma forma a escola pudesse se transformar numa espécie de abrigo ou de espaço para serem mostradas e discutidas as idiossincrasias de ser e estar no mundo até o ponto em que nascer e morrer seja compreendido como um processo natural e por conseguinte, que o envelhecimento é parte importante para que as histórias das pessoas sejam contadas e contextualizadas de uma forma mais digna e mais significativa.

## REFERÊNCIAS

- ALCALÁ, A. La praxis andragogica en los adultos de edad avanzada. 2000. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos6/prax/prax.shtml>> Acesso em: dez. 2012.
- APPLE, M. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e da ideologia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 64, p. 14-23, 1998.
- ARGIMON, I. I. L.; STEIN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. Cadernos de Saúde Pública, v. 21, n. 1, 2005. p. 64-72.
- BALTES, P; GLUCK, J; KUNZMANN, U. Wisdom: Its structure and function in regulation successful life span development. In: SNYDER, C. R; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of positive psychology New York: Oxford University Press, 2002. p. 327-47.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BEAUVOIR, S. A velhice: a realidade incômoda. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. v. I-II. Venda Nova: Bertrand, 1987.
- BERTRAND Y; VALOIS, P. Paradigmas educacionais: escola e sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. p. 47-51.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Manual operacional para comitês de ética em pesquisa. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. Algumas questões sobre o magistério. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 64, p. 04-13, 1988.

CARVALHO FILHO, E. T. Fisiologia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. et al. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu; 1996.

CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B. Projeto pedagógico como fator educativo de promoção para bem-envelher. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. (Orgs.). Educação e envelhecimento humano. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

DELORS, J. (Org.). Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO, 1998.

DIENER, E. Assessing subjective well-being: progress and opportunities. Social Indicators Research, 31, 2000. 103-57

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. Uma Leitura da Educação e do Ensino. In: FERREIRA, A. J. et al. Educação & envelhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 31-7.

FOUCAULT, M. Gênero, Sexualidade e Educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GARDNER, H. O verdadeiro, o belo e o bom: princípios educacionais para uma nova educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. p. 64-89.

HALL, S. Identidades Culturais na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HANDELSMAN, M.; KNAPP, S.; GOTTLIEB, M. Positive ethics. In: Snyder, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of positive psychology, New York: Oxford University Press, 2002. p. 731-44.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-32, 1993.

HAYFLICK, L. Como e por que envelhecemos. Rio de Janeiro: Campus; 1997.

HENDRICK, S; HENDRICK, C. Love. In: SNYDER, C. R; LOPEZ, S. (Orgs.). Handbook of positive psychology New York: Oxford University Press, 2002. p. 472-84.

HERMAN, N. Estetização do mundo da vida e sensibilidade moral. 2005.

- HERNANDEZ, J. Psicologia positiva e psicologia Humanista: Aproximações teóricas e conceituais. Revista de Psicologia da UnC, n. 1, v. 1, 2003. p. 24-30.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de professores. Porto: Porto Editora, 2007, p. 31-61.
- IVO, A. L.; VELAME, F. Identidade-Diferença na contemporaneidade – uma visão pós-moderna. História, imagem e narrativas, n. 7, ano 3, set./out., 2008. Disponível em <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao7setembro2008/identdifcontemp.pdf>> Acesso em: jan. 2013.
- KALACHE, A. A diferença está no envelhecimento activo. Servir. v. 47, n. 5, set./out., p.237-8, 1999.
- KALACHE, A; KICKBUSCH, I. A global strategy for healthy ageing. World Health. V.4, jul./ago, p. 4-5, 1997.
- KANT, I. Crítica da razão pura. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- KIPPER, D. J. (org.). Ética: teoria e prática. Uma visão multidisciplinar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAX, R. The expectable depressive climacteric reaction. v. 46, n. 2, Bulletin of the Menninger Clinic The Menninger Foundation, 1982. p.151-67
- LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições70, 1980.
- LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 20, jul/dez, 1995.
- MACIEL, E. N. A ditadura da beleza e o envelhecimento humano. In: BETTINELLI, L. A; PORTELLA, M. R; PASQUALOTTI, A. (Orgs.). Envelhecimento humano: múltiplas abordagens. Passo Fundo: UPF, 2008.
- MARQUES, Susana C.; PAIS-RIBEIRO, J. L. e LOPEZ, Shane. Estabilidade temporal das escalas de esperança para crianças e de satisfação com a vida para estudantes. Psic., Saúde & Doenças [online]. 2008, vol.9, n.2, pp. 245-252.

MASLOW, A. H. Introdução à Psicologia do Ser. Eldorado. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/32619665/Abraham-H-Maslow-Introducao-a-Psicologia-do-Ser>> Acesso em: dez. 2012.

MAUK, K. L. ENFERMERÍA GERIÁTRICA competencias asistenciales. España: Mc Graw-Hill, 2008.

MAYA S., L. H. Componentes de la calidad de vida en adultos mayores. 2003. Disponível em: <<http://www.funlibre.org/documentos/lemaya2.htm>> Acesso em: dez. 2012.

MCCULLOUGH, M; WITVLIET, C. The psychology of forgiveness. In: Snyder, C. R; S. J. Lopez (Eds.), Handbook of positive psychology. New York: Oxford University Press, 2002. p. 446-58.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

MONTAÑO, S. A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin. Entrevista, 2011. Disponível em: <[http://www.frenteirasdopensamento.com.br/portal/content/resumo2011-edgar\\_morin.pdf](http://www.frenteirasdopensamento.com.br/portal/content/resumo2011-edgar_morin.pdf)> Acesso em: jan. 2013.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOSQUERA, J. J. M. Vida adulta: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1987.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização na universidade. In: ENRICONE, D. (Org.). A docência na educação superior: sete olhares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Envelhecimento Saudável: Educação, Saúde e Psicologia Positiva. In: FERREIRA, A. J. et al. Educação & envelhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 14-22.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O envelhecimento saudável: educação, saúde e psicologia positiva. In: FERREIRA, A. J.; STOBÄUS, C. D.; GOULART, D.; MOSQUERA, J. J. M. Educação e Envelhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 14-22.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Vida Adulta: Visão Existencial e Subsídios para Teorização. Educação, Porto Alegre, n. 5, p. 94-112, 1982.

MOSQUERA, J.J.M. A educação no terceiro milênio. Educação. Porto Alegre, Ano XXVI, Especial, p. 43-58, set. 2003.

NÉRI, A. L. (Org.). Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Cad. Pesq. Adm., São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: dez. 2012.

NUNES, C. Articulação teórico-empírica na pesquisa histórica: notas de estudo. INEP. Serie Documental: Eventos (seminário Historia da Educação na ótica dos pesquisadores). n. 6, abr. 1995. p. 54-67.

OLIVEIRA, C.; TORRES, A. R. R.; ALBUQUERQUE, E. S. Análise do bem estar psicossocial de aposentados de Goiânia. Psicol. estud. v. 14, n. 4, Maringá, out./dez. 2009.

OLIVEIRA, S. S. O uso das novas tecnologias da informação e comunicação no ambiente virtual de aprendizagem. Rio de Janeiro, 2005. Monografia (Especialização em Tecnologia Educacional), Universidade Candido Mendes, 2005.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/en/>> Acesso em: nov. 2011.

PAJARES, F. Toward a positive psychology of academic motivation. Journal of Educational Research, 2001.

PALUDO, S. S; KOLLER, S.H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, Abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2007000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Abr, 2013.

PARGAMENT, K; MAHONEY, A. Spirituality: Discovering and conserving the sacred. In: SNYDER, C. R; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of positive psychology. New York: Oxford University Press. 2002. p. 646-59.

PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estud. psicol. (Campinas)*, v. 24, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400010>> Acesso em: jan. 2013.

PERRUSI, L. C. *La mujer: sus trastornos sexuales periódicos nerviosos y glandulares - causas y tratamientos - La juventud, la adultez y el climaterio*. Buenos Aires: Claridade, 1939.

PINQUART, M.; SÖRENSEN, S. Differences between caregivers and noncaregivers. In: *Psychological health and physical health: a meta-analysis*. *Psychology and Aging*, n. 18, v. 2, p. 250-67.

RENNÓ JR, J. Menopausa aspectos psicológicos. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/menopausa-aspectos-psicologicos>> Acesso em: jan. 2013.

RESNICK, S.; WARMOTH, A.; SERLIN, I. The humanistic psychology and positive psychology connection: Implications for psychotherapy. *Journal of Humanistic Psychology*, 2001.

RODRIGUES, N. C.; TERRA, N. L. *Gerontologia social para leigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ROGERS, C. *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes. 1986.

SANTOS FILHO, J. C; GAMBOA, S. S. *Pesquisa Educacional: quantidade e qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, B. S; ANTUNES, D. D. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Porto Alegre/RS*, ano XXX, n. 1, v. 61, p. 149-64, jan./abr. 2007.

SANTOS, E. A. Profissão Docente: uma questão de gênero? *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, agosto de 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth\\_Angela\\_dos\\_Santos\\_08.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth_Angela_dos_Santos_08.pdf)> Acesso em: dez. 2012.

SANTOS, H. J. X. *Envelhecimento feminino: aspectos nutricionais e qualidade de vida*. Aracajú: UNIT, 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente), Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, 2011.

SANTOS, V; CANDELORO, R. J. *Trabalhos acadêmicos: orientação para a pesquisa*. Porto Alegre: AGE, 2006.

SELIGMAN, M. E. P. Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.). Handbook of positive psychology. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-9.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. American Psychologist. 2000.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary? American Psychologist, 2001.

SILVA, R. B.; SANCHES-JUSTO, J. Notas sobre "A Arte da Vida" de Zygmunt Bauman. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 125, out. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/513>> Acesso em: jan. 2013.

SIQUEIRA, M. E. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: NÉRI, A. L. (Org.). Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001. p. 73-112.

SNYDER, C. R., RAND, K. L.; SIGMON, D. R. (2002). Hope theory: A member of the positive psychology family. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of Positive Psychology. New York: Oxford University Press. p. 257-66.

SOLLOD, R. Religious experience: Religious and spiritual practices. In: Encyclopedia of American Psychology, 7, Washington, DC: American Psychological Association, 2000. p. 52-7.

STUART-HAMILTON, R. A. Psicologia do envelhecimento: uma introdução. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TAYLOR, E. Positive psychology and humanistic psychology: A reply to Seligman. Journal of Humanistic Psychology, 2001.

TERRA, N. L.; FERREIRA, A. J.; TACQUES, C. O. Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TORELLY, I. W. O. Envelhecimento ativo. In: TERRA, N. L.; FERREIRA, A. J.; TACQUES, C. O. Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TOURAINE, A. Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRENTINI, C. M. Qualidade de vida em idosos. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, N; BARLING, J; ZACHARATOS, A. Positive psychology at work. In: SNYDER, C.R.; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of positive psychology. New York: Oxford University Press, 2002. p. 715-28.

VARELLA, D. Climatério e menopausa. [s/d]. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/mulher-2/gravidez/climaterio-e-menopausa>> Acesso em: jan. 2013.

VARELLA, D. Menopausa e climatério [s/d]. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/menopausa-e-climaterio>> Acesso em: jan. 2013.

VITOLA, J.; ARGIMON, I. L. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: TERRA, N. L.; DORNELLES, B. (Orgs.). Envelhecimento Bem-Sucedido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 2005.

WHITAKER, D. C. A. Envelhecimento e poder. Campinas: Alínea, 2007.

WHITAKER, D. C. A.; VELOSO, T.M.G. Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória. João Pessoa: FFPB, 2005.

ZIMERMAN, G. I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado

Prezada participante

Eu Claudia Flores Rodrigues, discente do curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do professor Doutor Juan José Mouriño Mosquera, cujo objetivo é o de analisar a concepção de adulez no meio educacional entre mulheres trabalhadoras da Educação da rede pública e privada de uma cidade localizada na Grande Porto Alegre. Sua participação envolve entrevistas que serão gravadas e que possuirão a duração aproximada de \_\_\_\_\_. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora pelo telefone (51)\_\_\_\_\_ ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, telefone (51) 3320-3345.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Assinatura da doutoranda

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do orientador

\_\_\_\_\_  
Local e data

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Local e data

**APÊNDICE B – Ficha de Contato**

Nome			
Endereço			
Bairro		Cidade	
Telefone		Celular	
E-mail			
Melhor horário para entrar em contato			
Melhor dia da semana para entrar em contato			
Melhor forma de entrar em contato			
Formação			
Área			
Nº de turmas por semana		Tempo de docência	
Cursou ensino fundamental em: ( ) escola pública ( ) escola privada			
Cursou ensino médio em: ( ) escola pública ( ) escola privada			
Cursou ensino superior em: ( ) instituição pública ( ) instituição privada			
Turnos em que trabalha: ( ) manhã ( ) tarde ( ) noite			

**ATENÇÃO:**

- Sua identidade e seus dados serão mantidos no mais rigoroso sigilo.
- Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Desde já agradeço a sua participação e disponibilidade.

A Pesquisadora.

## **APÊNDICE C – Roteiro para realizar as entrevistas**

### **Roteiro:**

#### **1) Processo de envelhecimento**

- O que você entende por processo de envelhecimento? Quando você “entendeu” que se tornou adulta?
- Na sua opinião quando o envelhecimento inicia na vida da pessoa?
- Como você percebe o envelhecimento?
- Qual a imagem que melhor define uma pessoa envelhecida?
- Qual é a imagem que melhor define uma pessoa em seu processo de envelhecimento?
- Qual seria a melhor idade para ser considerada velha?
- Quais os primeiros sinais do envelhecimento?
- Você aborda assuntos sobre o envelhecimento em sua disciplina?
- Como o envelhecimento interfere em sua vida profissional?
- Como o envelhecimento é visto no lugar onde você trabalha?
- O envelhecer assusta?
- Qual o maior temor em relação ao seu próprio envelhecimento?
- Quantas vezes sente o temor por semana ou mês? Em quais situações?
- Quais os problemas de saúde relacionados ao envelhecimento?
- Como você observa uma pessoa envelhecida na rua?
- Como você observa uma pessoa envelhecida em sua família?
- Como você pretende que seja a sua velhice?
- O que é, na sua opinião, qualidade de vida?
- Existe preocupação com o assunto envelhecimento na escola onde você trabalha?
- Como os alunos são orientados sobre o processo de envelhecimento?

#### **2) saúde**

- Você teve algum problema de saúde relacionado com o trabalho?
- Como você poderia melhorar sua saúde?
- Você vai ao médico quantas vezes por mês?
- Você faz uso de algum medicamento? Qual?
- Quanto à formula ou a composição da medicação: você se informa sobre isso?
- Você pratica algum esporte? Qual? Quantas vezes por semana?
- Existe alguma peculiaridade sobre você ou seu corpo que gostaria de comentar?

### 3) Vida de mulher

- O que você compreende sobre climatério e menopausa?
- Você menstrua regularmente?
- Você vai ao ginecologista regularmente. Fale sobre isso.
- Você já precisou falar sobre climatério e menopausa com seus alunos?
- Você acha que falar sobre climatério e menopausa é o mesmo que falar sobre outros assuntos? Justifique.
- Você conversa sobre climatério e menopausa com seus familiares, amigos ou colegas?
- Você gostaria de saber mais sobre esse assunto?
- Você lê sobre o assunto?
- Como você definiria sua vida íntima?
- Na sua opinião, o que muda com o tempo?

### 4) Educação

- O que você entende por educação?
- Quando a educação inicia?
- Como foi a sua educação?
- O que deixa você mais estressada em sala de aula?
- Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor com alunos na atualidade?
- O que deixa você mais estressada em casa?
- Para você, o meio tem influencia no processo ensino e aprendizagem?
- Na sua opinião, envelhecimento pode ser debatido na esfera da Educação?
- Na sua vida, existiu a presença do tema **educação para o envelhecimento**?
- O que você pensa sobre as pessoas mais velhas, cronologicamente?
- Como é a sua relação com suas colegas?
- Com quais colegas você conversa mais?
- Sobre qual assunto vocês conversam mais?

### 5) Escola e Educação Continuada

- Com quantos anos você começou a frequentar a escola?
- O que a escola representou na sua vida desde a infância?
- Por que você escolheu ser professora?
- Você se sente feliz na escola ?
- Na escola, há espaço para se falar sobre o envelhecimento. Qual? Quando?
- De que maneira você abordaria a questão do envelhecimento na escola?
- Você pensa na sua aposentadoria. O que você tem pensado sobre a questão da aposentadoria? Quais são seus planos?

- \_ Porque você está fazendo um curso de pós-graduação?
- Quais são as palestras promovidas pela escola onde você trabalha que fale sobre o processo de envelhecer?
- Quais assuntos você gostaria que fossem abordados?

#### **6) Casa, vida, família**

- A palavra casa significa o quê, na sua opinião?
- Quais são as melhores lembranças ?
- O que você faz quando está sozinha em casa?
- Você costuma receber amigas?
- Você mora onde gostaria?
- Você mora com quem gostaria?
- Qual a melhor parte da sua rotina diária?
- \_ Qual o papel da família na sua vida?
- \_ Você é casada?

#### **7) lazer**

- Qual a melhor forma de lazer, na sua opinião?
- Qual a melhor forma de se divertir? Você costuma ir a festas?
- Quais os filmes que mais gostou de assistir ao longo da vida?
- Quais filmes você tem assistido e com que frequência?

**APÊNDICE D – Ficha de transcrição.**

<b>Sujeito</b>			
<b>Nome do arquivo</b>		<b>Formato do arquivo</b>	( ) MP3 ( ) AVI
<b>Data da gravação da entrevista:</b> ...../...../20.....			
<b>Início:</b> .....h.....min.....s.		<b>Término:</b> .....h.....min.....s.	
<b>Observação:</b>			
<b>Transcrição</b>			